

CÃES
NEGROS

IAN
MCEWAN



Flaco



IAN
MCEWAN

cães negros

Black Dogs, 1992

Autor: Ian McEwan
Título: Cães Negros
Tradução: Aulyde Soares Rodrigues
Rio de Janeiro — 1993
Título original: Black Dogs
Copyright 1992 by Ian McEwan

Proibida a venda em Portugal.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade à
EDITORA ROCCO LTDA.

Rua da Assembleia, 10 – Gr. 31O1

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Preparação de originais

Maira Parula

Revisão

Sandra Pássaro

Maurício Netto

Henrique Tarnapolsky

Walter Verissimo

Orelhas

Depois de perder os pais num acidente, aos oito anos de idade, Jeremy criou o hábito de se aproximar dos pais de seus colegas, com quem gostava de tomar chá e conversar. Órfão, morando com a irmã, Jean, que vivia um conturbado casamento com um sujeito chamado Harper, era natural que ele também se identificasse com outra criança abandonada: sua sobrinha Sally, de três anos. Citados por Jeremy no prefácio do livro, esses personagens não mais aparecerão na história depois disso. Servem, no entanto, para explicar O obsessivo interesse de Jeremy pelo relacionamento amargo de June e Bernard Tremain, pais de sua mulher, Jenny Escrito na primeira pessoa, como se fosse um livro de memórias, esse romance de um dos mais brilhantes representantes da nova geração de escritores ingleses fala do conflito entre intelecto e sentimento, fé e razão, ódio e amor.

Após um encontro inusitado com dois cães negros, numa estradinha de campanha do interior da França, no início de seu casamento, June escolhe a religião como meio de atingir a redenção e se distancia do pragmatismo de Bernard. O que aconteceu verdadeiramente naquele episódio remoto, Ian McEwan administra, com doses de suspense, até o final do livro. Mais importante é mostrar que é possível fazer romance de ideias, sendo sutil e devastador ao mesmo tempo.

Ian McEwan escreveu duas coletâneas de contos, *First Love, Last Rites* (Prêmio Somerset Maugham) e *In Between the Sheets*, e quatro romances, *The Cement Garden*, *The Comfort of Strangers*, transposto para o cinema por Paul Schrader com o título *Uma estranha passagem em Veneza*, *The Child in Time* (Prêmio Whitbread) e *O inocente*, publicado pela Rocco em 1992.

[Ilustração de capa: Ovídio Vilela]

*Para Jon Cook,
que também os viu*

*Posso dizer que, neste momento, eu não sei o que quero;
não quero talvez o que conheço, mas o que não conheço.*

MARSILIO FICINO
Carta a Giovanni Cavalcanti, c. 1475

Prefácio

Depois que perdi meus pais num acidente de carro, quando tinha oito anos, passei a me interessar pelos pais dos outros. Esse interesse foi especialmente intenso na adolescência, quando a maioria dos meus amigos procurava se desfazer dos pais e eu me arrumava muito bem com O que eles jogavam fora. A vizinhança estava cheia de pais e mães rejeitados que se sentiam felizes por ter pelo menos alguém com dezessete anos por perto para apreciar suas piadas, seus conselhos, sua cozinha e até mesmo seu dinheiro. Ao mesmo tempo eu era uma espécie de pai também. Meu ambiente mais próximo era naquele tempo o casamento recente e em estado de desintegração da minha irmã Jean com um cara chamado Harper. Minha protegida e amiga íntima naquela família infeliz era Sally, de três anos, a única filha de Jean. As crises e reconciliações que explodiam por toda a parte no grande apartamento — Jean já havia recebido a metade da herança; eu não tinha idade ainda para dispor da minha outra metade — isolavam Sally. Era natural que eu me identificasse com uma criança abandonada, e assim, quando não queríamos participar da selvageria que nos rodeava, fugíamos para o quarto espaçoso que dava para o jardim, com uma pequena cozinha anexa, ela com seus brinquedos, eu com meus discos. Tomar conta de Sally era bom para mim. Obrigava-me a ser civilizado, distraía-me dos meus problemas. Dez anos se passariam até eu me sentir outra vez enraizado, como naquele tempo. O que eu mais apreciava eram as noites em que Jean e Harper estavam fora de casa, especialmente no verão, quando eu lia para Sally até ela dormir e depois fazia meu dever de casa na mesa grande, em frente às portas de vidro abertas para o cheiro adocicado das plantas perfumadas e as poeiras do tráfego. Eu estava estudando para os cursos intensivos de nível A na Beamish, em Elgin Crescent, uma escola preparatória para a universidade que se autointitulava com o nome pomposo de academia. Quando eu olhava para trás e via Sally na parte escura do quarto, deitada de costas, com os lençóis e os ursinhos de pelúcia debaixo dos joelhos, pernas e braços abertos, numa atitude que, na minha opinião, era de absoluta e infundada confiança na benevolência do seu mundo, invadia-me uma sensação avassaladora e dolorosa de proteção, um aperto no coração, e estou certo de que é por isso que tenho hoje quatro filhos. De uma coisa nunca duvidei. Em algum lugar de nossas mentes, permanecemos

órfãos para o resto da vida e cuidar de crianças é uma forma de cuidar de nós mesmos. Inesperadamente Jean irrompia no nosso refúgio, envolta numa nuvem de culpa ou de amor, por ter feito as pazes com Harper e levava Sally para a outra extremidade do apartamento, com murmúrios amorosos, abraços apertados e promessas vãs. Nesses momentos as trevas me envolviam com a sensação vazia de não pertencer a lugar nenhum. Ao invés de me fechar para o mundo, ou ver televisão, como os outros garotos, eu saía para a noite, pela Ladbroke Grove, em direção à casa que, naquele momento, me oferecia mais calor. As imagens que me vêm à mente depois de mais de vinte e cinco anos são de mansões de cores claras, algumas com a tinta descascada, outras impecáveis, Powis Square, talvez, e uma luz amarela e forte quando a porta da frente se abria, revelando o rosto pálido de um adolescente, com um metro e oitenta de altura, arrastando timidamente o sapato Chelsea no chão. Oh, boa noite, sra. Langley. Desculpe incomodar, Toby está?

Na maioria das vezes, Toby está com uma das suas namoradas, ou no bar com os amigos e eu desço de costas os degraus da entrada, pedindo desculpas e a sra. Langley me chama.

— Jeremy, não quer entrar assim mesmo? Venha tomar um drinque com dois velhos chatos. Sei que Tom vai gostar de vê-lo.

As objeções costumeiras e lá está o estranho no ninho alheio, com meu mais de 1,80m de altura entro e sou conduzido a uma sala abarrotada de livros entre punhais sírios, uma máscara de xamã, uma zarabatana da Amazônia com dardos envenenados com curare. O pai de Toby, de quarenta e três, anos, à luz de uma lâmpada de mesa lê Proust no original ou Tucídides, ou Heine, ao lado da janela aberta. Ele se levanta sorrindo e estende a mão.

— Jeremy! É um prazer vê-lo. Tome um *scotch* comigo. Sente ali e ouça isto, depois diga o que você acha. Ansioso para uma conversa relacionada com as matérias que estou estudando (Francês, História, Inglês, Latim), ele volta um pouco atrás no livro, para um trecho extremamente complicado de À sombra das raparigas em flor, e eu igualmente ansioso para me mostrar e ser aceito, enfrento O desafio. Ele me corrige o francês com bom humor, e mais tarde, talvez consultemos o Scott-Moncrieff, a sra. Langley aparece com sanduíche e chá e eles perguntam como vai Sally, e querem saber as últimas notícias sobre Jean e Harper, que não conhecem. Tom Langley, diplomata do Ministério das Relações Exteriores, estava novamente em casa, em Whitehall, depois de três missões no exterior. Brenda Langley administrava sua bela casa e dava aulas de cravo e piano. Como a maioria dos pais dos meus amigos da Academia Beamish, eram cultos e estavam bem de vida. Para mim, era uma combinação preciosa e invejável, minha formação baseava-se numa renda medíocre e não em livros.

Porém, Toby Langley não apreciava os pais como devia. Os modos civilizados deles, a curiosidade intelectual, a mente aberta, além da casa espaçosa e sempre em ordem, e uma infância interessante no Oriente Médio, no Quênia e na Venezuela, tudo isso o aborrecia. Ele fazia sem muito entusiasmo dois cursos de nível A (Matemática e Arte) e dizia que não tinha intenção de ir para a universidade. Cultivava amigos que moravam nos novos prédios de apartamentos de Shepherd's Bush e suas, namoradas eram garçonetes e vendedoras de lojas com penteados complicados e duros de laquê. Toby procurava o caos e problemas ao sair com várias moças ao mesmo tempo. Adotou um modo de falar de retardado, que estava se tornando um hábito, com uma pronúncia arrastada, do fundo da garganta. Como Toby era meu amigo, eu não dizia nada, mas ele percebia a minha desaprovação. Apesar do pretexto de procurar Toby e da cumplicidade da sra. Langley com o protocolo dos “acho melhor você entrar, assim mesmo”, eu era sempre bem-vindo em Powis Square. Às vezes perguntavam minha opinião sobre a conduta desordenada de Toby e eu — emproado e desleal — falava sobre a necessidade de Toby de “se encontrar”. Eu frequentava assim também a casa dos Silversmith, marido e mulher psicanalistas neofreudianos, com ideias espantosas sobre sexo, uma geladeira padrão americano cheia de coisas deliciosas e três filhos adolescentes, duas meninas e um menino, três idiotas doidos que comandavam um bando que roubava e extorquia dinheiro em lojas e *playgrounds* de Kensal Rise. Eu ficava muito à vontade também na casa grande e bagunçada do meu amigo Joseph Nugent, também da Academia Beamisli. O pai dele era oceanógrafo e comandava expedições aos mares desconhecidos do mundo, a mãe foi a primeira mulher comunista do *Daily Telegraph*, mas, para Joe, eles eram incrivelmente chatos e ele preferia a gangue de Notting Hill, cuja maior felicidade era polir os múltiplos faróis das suas lambretas.

Seriam esses pais atraentes para mim porque não eram os meus? Por mais que eu tente, não posso dizer sim, pois eram todos sinceramente amáveis e amistosos. Eles me interessavam. Eu aprendia muita coisa. Com os Langley aprendi as práticas sacrificiais no deserto da Arábia, melhorei o meu latim e o meu francês e pela primeira vez ouvi as Variações “Goldberg”. Na casa dos Silversmith ouvi falar sobre o perverso polimorfo, encantava-me com as histórias de Dora, do pequeno Hans e do Homem Lobo, e comia salmão defumado, *bagel* e requeijão, *latkes* e *borscht*. Janet Nugent contou-me todo o escândalo Profumo e me convenceu a aprender taquigrafia; seu marido certa vez imitou um homem com o mal-dos-mergulhadores. Todos me tratavam como adulto. Serviam drinques, ofereciam cigarros, pediam a minha opinião. Todos tinham quarenta e poucos anos, eram tolerantes, descontraídos, cheios de

energia. Foi Cy Silversmith quem me ensinou a jogar tênis. Se qualquer um desses casais fosse meus pais (bem que eu queria), tenho certeza de que os amaria mais ainda. E se meus pais estivessem vivos, eu não estaria tentando me libertar, como todos os outros? Aqui também, não posso responder afirmativamente. O que os meus amigos procuravam parecia-me a própria antítese da liberdade, um salto masoquista para baixo na escala social. Além disso, era irritantemente previsível o fato de os rapazes da minha idade, especialmente Toby, considerarem minha vida doméstica um verdadeiro paraíso: o fedor do nosso apartamento que nunca era limpo, o gim licencioso no meio da manhã, minha irmã belíssima que acendia um cigarro no outro, parecendo Jean Harlow, uma das primeiras da sua geração a usar minissaia, o drama adulto da violência no casamento e o sádico Harper, o fetichista de couro com tatuagens vermelhas e negras de galos de briga nos bíceps avantajados, e ninguém para criticar a desordem do meu quarto, minhas roupas, minha dieta, por onde eu andava, meu aproveitamento na escola ou os meus planos futuros, nem para se preocupar com minha saúde mental ou a dos meus dentes. O que mais eu podia desejar? Nada, a não ser, eles talvez concedessem, me livrar daquela garota que vivia grudada em mim.

Tão grande era a simetria de nossas respectivas insatisfações que, em certa noite de inverno, Toby estava na Minha casa, fingindo que descansava na cozinha gelada e esquelética, procurando impressionar Jean, que o detestava, com sua pronúncia de “povo” — enquanto eu, confortavelmente instalado numa Chesterfield, na frente da lareira acesa, com um copo de uísque do seu pai aquecendo a minha mão, os pés sem sapatos sobre o belo *bokhara* que Toby definia como um símbolo de estupro cultural, ouvia Tom Langley discorrer sobre uma aranha venenosa e sobre os estertores mortais de uma secretária no primeiro andar da Embaixada Britânica, em Caracas, enquanto, no outro lado do corredor Brenda ouvia um dos *rags* sincopados de Scott Joplin, que começavam a ser redescobertos e ainda não haviam saturado os ouvidos da juventude. Sei perfeitamente que muita coisa do que acabo de descrever depõe contra mim, que é Toby, perseguindo em circunstâncias impossíveis uma bela e doida jovem, completamente fora do seu alcance, suas excursões ilegais e as de Jo e dos filhos dos Silversmith que denotam um saudável apetite pela vida, e que o gosto afetado de um rapaz de dezessete anos pelo conforto e pela conversa dos mais velhos sugere uma mente desinteressante e sem brilho; sei também que, ao descrever esse período da minha vida, inconscientemente imitei, uma vez ou outra, não apenas a atitude superior e desdenhosa do meu ego adolescente, como também o modo de falar bastante formal, distante e labiríntico, mediocrementemente baseado na minha escassa leitura de Proust, com o qual eu devia me apresentar

ao mundo como um intelectual. Tudo que posso dizer a favor da minha juventude é que, embora eu mal percebesse, naquela época, sentia terrivelmente a falta dos meus pais. Precisava construir minhas defesas. A atitude pomposa era uma delas, outra era meu desdém afetado pelas atividades dos meus amigos. Eles podiam se desviar livremente porque tinham segurança; eu precisava dos lares que eles abandonavam. Eu estava preparado para passar sem a companhia feminina, em parte porque temia que me distraísse dos estudos. Estava certo de que o caminho mais seguro para sair da minha situação — isto é, morar com Jean e Harper — era a universidade, e para isso eu precisava dos níveis A. Eu trabalhava como um fanático, estudando duas, três e até quatro horas por noite, muito antes dos exames finais. Outra razão da minha timidez era que as primeiras investidas da minha irmã nessa direção, quando eu tinha onze anos e ela quinze e morávamos com nossa tia, foram tão ruidosamente bem sucedidas, com uma horda de anônimos entrando e saindo do quarto que devíamos partilhar (nossa tia, finalmente, nos expulsou), que eu fiquei completamente acovardado. Naquela combinação de habilidade e experiência comum entre irmãos, Jean abriu suas belas pernas e seus belos braços — para adaptar a descrição de Kafka — sobre meu mapa-múndi e apagou o território chamado “sexo”, de modo que fui obrigado a viajar para outras paragens — para ilhas obscuras chamadas Catulo, Proust, Powis Square. E eu tinha meu caso de amor com Sally. Com ela sentia-me responsável e intato e não precisava de mais ninguém. Sally era uma menininha pálida. Ninguém a levava para passear. Quando eu chegava da escola, nunca estava disposto e Jean não era grande amante do ar livre. A maior parte do tempo eu brincava com Sally no quarto espaçoso. Ela era imperiosa, como todas as meninas de três anos, “Não na cadeira! Sente no chão comigo!” Brincávamos de médico, de casinha, de perdido no bosque ou de navegar para um novo lugar. Sally narrava com voz quase embargada nossos movimentos, nossos motivos, nossas metamorfoses repentinas. “Você não é um monstro, você é um rei!” Então, da outra extremidade do apartamento chegava o grito de raiva de Harper, seguido por um berro de dor de Jean, e Sally com uma careta perfeitamente adulta, um erguer de ombros maravilhosamente oportuno, dizia com o tom de voz puro e melodioso ainda não habituado à construção gramatical, “Mamãe e papai! Que bobos estão sendo outra vez!”

E estava certa. Harper era um guarda de segurança que afirmava estar fazendo mestrado em antropologia. Jean casou com ele quando tinha apenas vinte anos e Sally dezoito meses. No ano seguinte, quando Jean recebeu O total da sua herança, ela comprou o apartamento e passou a viver da renda do que sobrou. Harper abandonou o emprego e os dois passavam o dia inteiro bebendo, brigando, fazendo as pazes. Harper tinha um dom para a violência. Muitas vezes

olhei embaraçado para o rosto vermelho ou para os lábios inchados de minha irmã e pensei em obscuros códigos masculinos que me obrigavam a desafiar meu cunhado e defender a honra de Jean. Mas outras vezes eu chegava na cozinha e encontrava Jean sentada à mesa, lendo uma revista e fumando, enquanto Harper, só de cueca, com uma meia dúzia de marcas vermelhas nas costas, humildemente lavava os pratos. Agradecido, eu reconhecia que aquilo era uma coisa muito além do meu alcance e voltava para Sally e os jogos que eu compreendia. Jamais compreendi por que não descobri ou sequer desconfiei de que a violência de Jean e Harper era extensiva a Sally. O fato dela só ter conseguido falar sobre isso vinte anos depois prova o quanto o sofrimento pode isolar uma criança. Naquele tempo eu não sabia coisa alguma sobre O relacionamento de adultos com crianças e talvez nem quisesse saber. Eu ia deixá-los em breve e o sentimento de culpa começava a crescer em mim. No fim daquele verão, logo depois que completei dezoito anos, Harper foi embora para sempre e consegui meus níveis A e meu lugar em Oxford. Um mês depois, quando levei meus livros e meus discos para o furgão de um amigo, eu deveria estar delirando de felicidade. Meu plano de dois anos dera certo, eu estava saindo, estava livre. Mas as perguntas insistentes e desconfiadas de Sally, andando de um lado para o outro atrás de mim entre o quarto e a calçada, acusavam-me claramente de traição. “Onde você vai? Por que você vai? Quando vai voltar?” Percebendo que eu procurava me esquivar da última pergunta com um silêncio pesado, ela a repetiu vezes sem conta. E quando tentou me fazer desistir do diploma de História sugerindo, com entusiasmo otimista, que podíamos brincar de navegar para um novo lugar, eu larguei os livros que carregava, corri para o furgão, sentei no banco do passageiro e chorei. Estava certo de compreender perfeitamente o que Sally sentia. Era quase meio-dia e Jean dormia ainda, embalada pelo gim e pelos comprimidos com ainda uma figura pública que fazia toda sua vida social em que procurava se consolar da partida de Harper. Eu ia acordá-la antes de partir, mas, de um certo aspecto muito importante, Sally estava sozinha. E está assim até hoje.

Sally, Jean e Harper não desempenhavam nenhum papel no que vou narrar a seguir. Nem os Langley, os Nugent e os Silversmith. Eu os deixei para trás. Minha culpa, meu sentimento de traição não permitiram que eu voltasse a Notting Hill, nem para um fim de semana. Eu não suportaria ter de me separar novamente de Sally. A ideia de que estava infligindo a ela a mesma dor da perda que eu havia sofrido intensificava a minha solidão, e empalideceu meu entusiasmo no primeiro período da universidade. Tornei-me um aluno quieto e deprimido, um daqueles tipos chatos praticamente invisíveis para os seus colegas, aparentemente excluído, pelas próprias leis da natureza, do processo de

fazer amigos. Procurei o lar mais próximo. Era em North Oxford e pertencia a um tutor paternal e sua mulher. Durante um breve espaço de tempo eu fui brilhante e algumas pessoas disseram que eu era inteligente. Mas isso não me impediu de abandonar, primeiro North Oxford, e depois, no meu quarto período, a universidade. Durante muitos anos eu continuei abandonado — endereços, empregos, amigos, amantes. Ocasionalmente eu conseguia obscurecer minha sensação irreduzível e infantil de não pertencer a coisa alguma, fazendo amizade com os pais de alguém. Era convidado a entrar, voltava à vida e ia embora.

Essa triste loucura só foi terminar com o meu casamento, aos trinta e poucos anos, com Jenny Tremain. Minha existência começou. O amor, para citar Sylvia Plath, me pôs no caminho da vida. Cheguei à vida definitivamente, ou melhor, a vida veio a mim. Eu devia ter aprendido da experiência com Sally que o melhor meio de recobrar um progenitor perdido é tornar-se um progenitor; que para socorrer a criança abandonada que vive no nosso íntimo, nada melhor do que ter filhos para amar. E justamente quando eu não mais precisava deles, adquiri novos pais, os meus sogros, June e Bernard Tremain. Mas não havia um lar. Quando os conheci, viviam em países diferentes e mal se falavam. June há muito tempo tinha se retirado para o topo de uma montanha na França e estava prestes a cair gravemente doente. Bernard era ainda uma figura pública que fazia toda sua vida social em restaurantes. Raramente viam os filhos. Quanto a Jenny e os dois irmãos, já tinham desistido dos pais. Não nos livramos de uma hora para outra dos hábitos de toda uma vida. Para desgosto de Jenny, insisti em manter amizade com June e Bernard. Nas nossas conversas, durante muitos anos, descobri que o vazio emocional, a sensação de não pertencer a lugar algum que me afligia dos oito aos trinta e sete anos, teve uma importante consequência intelectual. Eu não era ligado a ninguém, não acreditava em coisa alguma. Não que duvidasse de tudo, ou que estivesse armado com o ceticismo útil da curiosidade racional, ou que fosse capaz de analisar todos os lados de um argumento; simplesmente não me identificava com nenhuma causa, nenhum princípio duradouro, nenhuma ideia fundamental, nenhuma entidade transcendente cuja existência eu pudesse verdadeira e apaixonadamente garantir. Não era esse o caso de June e Bernard. Eles começaram juntos, como comunistas, depois seguiram caminhos diferentes. Mas sua capacidade e o apetite para acreditar jamais diminuíram. Bernard era um entomologista extremamente talentoso. Durante toda a vida honrou seu compromisso com as exultantes e limitadas certezas da ciência. Substituiu o comunismo por trinta anos de defesa devotada de numerosas causas em favor da reforma política e social. June descobriu Deus em 1946, durante um encontro com o mal na forma de dois cães. (Bernard achava essa construção dos eventos quase embaraçosa

demaís para ser relatada.) Um princípio maligno, uma força humana capaz de avançar periodicamente para dominar e destruir a vida de certos indivíduos, depois recuar e esperar a próxima ocasião; um breve intervalo a separa de um espírito luminoso e compensador, benigno e todo-poderoso, que reside em nós e é acessível a todos; talvez não tanto um intervalo mas um reconhecimento simultâneo. June sentiu que os dois princípios eram incompatíveis com o materialismo da sua política e abandonou o partido. Não sei dizer se os cães negros de June devem ser vistos como um símbolo de grande força, uma frase oportuna e fácil de ser lembrada, uma prova da sua credulidade ou a manifestação de um poder que existe realmente. Neste relato incluí certos incidentes da minha vida — em Berlim, Majdanek, Les Salces e St. Maurice de Navacelles — igualmente abertos às interpretações de June e de Bernard. Racionalista e mística, comissário do povo e iogue, associativo e abstinência, cientista e intuitivo, Bernard e June são as extremidades, os polos gêmeos ao longo de cujo eixo escorregadio minha descrença desliza sem descanso. Na companhia de Bernard, sempre senti que faltava um elemento na sua avaliação do mundo, e que June tinha a chave. Eu duvidava da segurança do seu ceticismo, do seu insensível ateísmo. Era arrogante demais, havia muito a ser revelado, e muito era negado. Conversando com June, eu me surpreendia pensando como Bernard, sufocado por suas expressões de fé, irritado com a pressuposição implícita de todos os fiéis de que são bons porque acreditam no que acreditam, que a fé é uma virtude, e por extensão, a descrença é desprezível, ou pelo menos, digna de pena.

Não é o caso de argumentar que o pensamento racional e a intuição espiritual são domínios separados e que a oposição entre os dois é um equívoco. Bernard e June muitas vezes me falavam de ideias que jamais poderiam ser postas uma ao lado da outra. Bernard, por exemplo, estava certo de que não há direção, nenhum padrão na vida humana ou nos destinos dos homens a não ser os que são impostos por nossas próprias mentes. June não aceitava isso. A vida tinha um objetivo e era de nosso interesse estarmos abertos para ele. Não se trata também de sugerir que as duas ideias estão certas. Na minha opinião, acreditar em tudo, sem fazer escolha, é o mesmo que não acreditar em coisa alguma. Não estou bem certo se a nossa civilização nesta passagem do milênio está ou não amaldiçoada por excesso ou falta de fé, se pessoas como Bernard e June ou pessoas como eu são responsáveis pelos problemas da humanidade. Mas estaria negando minha experiência se não declarasse minha crença na possibilidade do amor transformar e redimir a vida. Dedico este livro a minha mulher, Jenny, e a Sally, minha sobrinha, que continua a sofrer consequências da infância. Que ela possa também encontrar este amor.

Casei numa família dividida, onde os filhos, por um instinto de autopreservação, haviam, até certo ponto, dado as costas aos pais. Peço desculpas a Jenny e a seus irmãos pela infelicidade que provoquei com a minha tendência de invadir lares, como o pássaro que põe os ovos em ninho alheio. Tomei algumas liberdades, a maior delas a reprodução de certas conversas de caráter particular. Porém, foram tão raras as ocasiões em que admiti para os outros e para mim mesmo que “tinha posto mãos à obra”, que algumas indiscrições tornaram-se necessárias. Espero que O espírito de June e o de Bernard também — se é que, contra todas as suas convicções, ainda persista a parte essencial da sua consciência — possam me perdoar.

Primeira parte

WILTSHIR

A fotografia que June Tremaine tem ao lado da cama serve para comunicar a ela, e aos outros, a jovem bonitinha que, ao contrário do marido, não dá nenhuma indicação de como seria no futuro. O instantâneo é de 1946, um ou dois dias depois do seu casamento e uma semana antes de partirem para a lua de mel na Itália e na França. O casal de braços dados está na frente do Museu Britânico. Talvez fosse o intervalo para o almoço, pois ambos trabalhavam nas proximidades, e só tiveram licença para deixar os empregos alguns dias antes da viagem. Estão inclinados um para o outro, com a preocupação evidente de não ultrapassar os limites laterais da fotografia. Os sorrisos são de verdadeiro prazer. Bernard jamais poderia passar despercebido. Naquele tempo, como sempre, um metro e noventa de altura, mãos e pés muito grandes, a linha do queixo marcando absurdamente a sua boa índole, orelhas enormes de abano, mais engraçadas por causa do cabelo à escovinha. Os estragos provocados pelos quarenta e três anos são apenas os previsíveis e à margem — cabelo um pouco mais ralo, sobrancelhas mais grossas, a pele mais áspera -, ao passo que a essência, a espantosa visão, é a mesma, seja a do gigante inclinado de 1946 como a de 1989, quando ele me pediu para levá-lo a Berlim.

O rosto de June, porém, como a sua vida, sofreu uma grande modificação e mal se pode divisar no instantâneo o rosto benignamente envelhecido e enrugado que, num sorriso de boas-vindas, nos faz entrar na sua sala particular. A mulher de vinte e cinco anos tem um rosto redondo e doce e um sorriso jovial. O permanente feito para a viagem está crespo demais, artificial demais e não combinava com ela. O sol da primavera ilumina os fios rebeldes que já começam a se libertar. Está com uma jaqueta curta, com enchimento nos ombros, e saía pregueada — a tímida extravagância do tecido acompanhando o *new look* do pós-guerra. A blusa branca tem um ousado decote em V que revela a linha entre os seios e a gola está dobrada sobre a da jaqueta, dando aquela aparência descontraída e saudavelmente inglesa das garotas dos pôsteres. Desde 1938 ela pertencia ao Clube Socialista de Ciclismo de Amersham. Segura a bolsa com um dos braços contra o corpo e dá o outro para o seu homem. Apoia-se nele, e sua cabeça chega bem abaixo do ombro de Bernard.

A fotografia está agora na cozinha de nossa casa, no Languedoc. Eu a estudo muitas vezes, quase sempre quando estou sozinho. Jenny, minha mulher, filha de June, suspeita da minha natureza predadora e irrita-se com o fascínio que sinto por seus pais. Ela passou um bom tempo tentando se livrar e sente, com razão, que meu interesse a está arrastando de volta para eles. Aproximo o rosto, tentando ver a vida futura, O rosto futuro, a determinação que acompanhou um singular ato de coragem. O sorriso alegre provoca uma pequena saliência na testa lisa, acima do espaço entre as sobrancelhas. Mais tarde tornou-se traço dominante do rosto enrugado, uma linha vertical que ia desde a parte superior do nariz até o alto da testa. Talvez seja apenas imaginação minha, a rigidez sob o sorriso, escondida na linha do queixo, uma firmeza, uma fixidez de opinião, um otimismo científico em relação ao futuro. A fotografia foi tirada na manhã em que June e Bernard se filiaram ao Partido Comunista da Grã-Bretanha, na sede de Gratton Street. Estão abandonando os empregos e portanto livres para declarar sua fidelidade, abalada pela guerra. Agora, quando muitos têm dúvidas sobre a hesitação do partido — seria a guerra uma causa nobre, antifascista e libertadora ou uma agressão imperialista predadora? — e outros estão se retirando das suas fileiras, June e Bernard resolveram dar um salto definitivo. Além de suas esperanças de um mundo são e justo, livre da guerra e da opressão de classe, acreditam que como membros do partido estão se associando a tudo que é jovem, cheio de vida, inteligente e ousado. Vão atravessar o canal, a caminho do caos do norte da Europa, que foram aconselhados a não visitar. Mas estão decididos a pôr à prova suas novas liberdades, pessoal e geográfica. De Calais, seguirão para O sul, para a primavera no Mediterrâneo. O mundo é novo e está em paz, o fascismo foi a prova inegável da crise do capitalismo, a revolução redentora está próxima e eles são jovens, recém-casados e apaixonados.

Bernard continuou a pertencer ao partido, à custa de muito sofrimento, até a invasão da Hungria pelos soviéticos, em 1956. Então, compreendeu que há muito tempo devia ter se desligado. Essa mudança representou uma lógica bem fundada, uma história de desilusão de uma geração inteira. Mas June desistiu alguns meses depois do casamento, até o acontecimento, na sua lua de mel, que dá o título a este livro, e a mudança foi profunda, uma metempsicose cartografada nas linhas do seu rosto. Como foi que um rosto redondo ficou tão comprido? Teria sido a vida, e não os genes, que fez criar raízes naquela linha acima das sobrancelhas, empurradas pelo sorriso, produzindo a árvore de rugas que ia até o alto da testa? A idade não produziu nada de parecido nos pais dela. No fim da vida, quando já estava internada em uma clínica, seu rosto podia ser comparado ao do velho Auden. Talvez anos do sol do Mediterrâneo tenham

ressecado e enrugado a pele e anos de isolamento e meditação distendidos os traços, para depois dobrá-los. O nariz encompridou com o rosto, bem como o queixo, e depois, como se tivessem mudado de opinião e tentado voltar, acabaram fazendo uma curva. Em repouso, O rosto tinha uma aparência cinzelada e sepulcral. Era uma estátua, uma máscara recortada por um xamã para afugentar o espírito do mal. Talvez houvesse alguma verdade simples nessa última suposição. June podia ter adaptado o próprio rosto à convicção de que havia enfrentado e fora testada por uma forma simbólica do mal. “Não, seu cretino. Não simbólica!” Posso ouvi-la, me corrigindo. “Literal, anedótica, verdadeira. Fique sabendo que eu quase morri!”



Não sei se é verdade ou não, mas na minha lembrança, todas as vezes que a visitei na clínica, durante a primavera e o verão de 1987, chovia e ventava. Talvez fosse um único dia de chuva que apagou todos os outros da minha mente. Tenho a impressão de sempre precisar correr do estacionamento distante, ao lado dos antigos estábulos, até a entrada da clínica — uma casa de fazenda da época vitoriana. Os castanheiros-da-índia rugiam e tremiam, a grama crescida estava amassada contra o solo, com a face prateada para cima. Eu cobria a cabeça com o paletó, irritado e desapontado com aquele verão quente e úmido. Parava no hall de entrada para recuperar o fôlego e para me acalmar. Seria realmente só a chuva? Eu gostava de ver June, mas aquele lugar me deprimia. A sensação de cansaço ia até os ossos. Os painéis de carvalho me sufocavam de todos os lados e o carpete, com espirais cinéticas vermelhas e amarelo-fosco, parecia se erguer para invadir meus olhos e limitar minha respiração. O ar parado, mantido inalterável graças a um sistema de regulação das portas à prova de incêndio, mantinha em suspensão os odores de corpos, roupas, perfumes, frituras do desjejum. A escassez de oxigênio me fazia bocejar. Será que teria forças para a visita? Eu podia passar pelo balcão vazio da recepcionista e vagar pelos corredores até encontrar um quarto vazio e uma cama arrumada. Deitaria entre os lençóis padronizados. As formalidades para a internação seriam preenchidas depois, levadas num carrinho com rodas de borracha. Mais tarde, podia tomar um sedativo e dormir outra vez. Os anos passariam...

Nesse ponto, um estremecimento de pânico me fez voltar ao objetivo da visita. Fui até o balcão e bati com a palma da mão na campainha. Outra impropriedade, esta antiga campainha de hotel. A atmosfera pretendida era a de um refúgio no campo; O efeito conseguido era o de uma cama grande demais

com café da manhã, onde o “bar” é um armário trancado na sala de jantar, aberto das sete às oito horas da noite. E por trás dessas fachadas divergentes estava a realidade — uma clínica extremamente lucrativa, que não se atrevia em incluir na sua literatura informativa sua verdadeira especialidade, tratamento de doentes terminais. Uma pequena complicação na cláusula de letras miúdas da apólice de seguro e a surpreendente severidade da companhia seguradora evitaram que June fosse para o hospício, como queria. Tudo que dizia respeito à sua volta à Inglaterra há alguns anos tinha sido complicado e deprimente. Primeiro a estrada tortuosa que percorremos até a confirmação final, com as diferentes opiniões de especialistas no caminho, de que June tinha uma doença para a qual não existia tratamento, uma forma rara de leucemia; O sofrimento de Bernard, transportando a bagagem dela da França, depois de separar o que não servia; finanças, bens, acomodações, uma briga na justiça com a companhia de seguros que teve de ser abandonada; uma série de dificuldades na venda do apartamento de June em Londres; longas viagens de carro ao norte do país para o tratamento com um homem idoso que afirmava ter o poder de curar com as mãos. June insultou o homem e as mãos que curavam quase a esbofetearam. O primeiro ano do meu casamento foi completamente obscurecido por isso tudo. Jenny e eu, seus irmãos e os amigos de June e Bernard, fomos todos apanhados pela voragem, um desgaste furioso de energia que tomávamos por eficiência. Só quando Jenny teve nosso primeiro filho, Alexander, em 1983, nós dois — Jenny e eu — finalmente recobramos a razão. A recepcionista apareceu e me deu o livro para assinar. Cinco anos e June continuava viva. Podia ter passado esse tempo no seu apartamento de Tottenham Court Road. Devia ter ficado na França. Como dizia Bernard, ela estava demorando tanto para morrer quanto qualquer um de nós. Mas o apartamento fora vendido, tudo estava organizado e o espaço que ela havia criado em torno de si, na sua vida, fora fechado, preenchido por nossos valiosos esforços. Ela preferiu ficar numa clínica onde os funcionários e os residentes a caminho da morte consolavam-se com revistas e programas de auditório na televisão e novelas que gritavam o dia todo das paredes brilhantes, sem quadros e sem livros, da sala de recreação. Nossa louca atividade para tomar todas as providências não passou de mera fuga. Ninguém queria aceitar o fato doloroso. Ninguém, a não ser June. Quando ela voltou da França, antes de encontrarmos a clínica, ficou na casa de Bernard e trabalhou no livro que esperava poder concluir. Sem dúvida praticava também as meditações que descrevia no seu popular panfleto “Dez Meditações”. Deixou a nosso cargo todas as providências de ordem prática. Com a perda das forças bem mais lentas do que os médicos previam, aceitou também de boa vontade a Clínica Chestnut Reach como sua única responsabilidade. Não queria sair, não queria voltar para o

mundo. Afirmava que sua vida estava eficientemente simplificada, o isolamento numa casa de telemaníacos a agradava, até mesmo lhe fazia bem. Além disso, era o seu destino.

A despeito do que Bernard dizia, agora, em 1987, ela estava perdendo as forças. Nesse ano ela passou a maior parte dos dias dormindo. Embora afirmasse o contrário, só escrevia algumas anotações e assim mesmo muito pouco. Não percorria mais a pé a trilha maltratada, no meio do bosque, que levava à cidade mais próxima. Estava com sessenta e sete anos. Eu, aos quarenta, chegava à idade em que se começa a diferenciar os estágios da idade mais avançada. Houve um tempo em que não me parecia nada trágico uma pessoa com mais de sessenta anos estar doente ou à morte, nada que valesse a pena algum esforço para evitar ou para lamentar. Você fica velho, você morre. Agora começava a compreender que nos agarramos à vida em qualquer idade — quarenta, sessenta, oitenta — até sermos derrotados, e que sessenta e sete podia ser cedo demais para o fim do jogo. June ainda precisava fazer muita coisa. Ela parecia bem para a idade quando estava no sul da França, aquele rosto de Ilha da Páscoa sob o chapéu de palha, a autoridade natural nos movimentos comedidos ao inspecionar, no começo da noite, o seu jardim, as sextas diárias de acordo com o costume local. Andando sobre as espirais do carpete bilioso que se estendia além do hall de entrada, passando sob a grade metálica da porta de vidro de incêndio e seguindo pelo corredor, cobrindo cada centímetro de espaço acessível ao público, pensei outra vez no quanto me ressentia do fato de June estar morrendo. Eu era contra, não podia aceitar. Ela era minha mãe adotiva, que me fora dada pelo amor de Jenny, pela convenção do casamento, pelo destino, a substituta que encontrei aos trinta e dois anos. Durante mais de dois anos eu a visitei sozinho. Para Jenny e June, cada vinte minutos de conversa ao lado da cama era uma marcha forçada. Aos poucos, lentamente demais na verdade, das minhas conversas vagas com June surgiu a possibilidade de um livro de memórias, escrito por mim. A ideia não foi do agrado da família. Um dos irmãos de Jenny tentou me dissuadir. Suspeitavam que minha intenção era pôr em risco uma trégua difícil, o que poderia acontecer se eu revivesse antigas desavenças. Os filhos não podiam compreender como um assunto tão corriqueiro como as divergências entre seus pais tivesse ainda algum fascínio. Não precisavam se preocupar. As circunstâncias incontrolláveis da vida cotidiana se encarregaram de fazer com que somente durante duas visitas antes do fim eu tivesse conseguido fazer June falar sobre o passado de modo mais ou menos organizado, e desde o começo discordamos sobre o tema central e verdadeiro da narrativa.

Na sacola de compras que eu levava, além dos lychees frescos do mercado do Soho, tinta preta Montblanc, O volume 1762-3 do *Diário de Boswell*, café

brasileiro e meia dúzia de barras de chocolate muito caro, estava também meu caderno de anotações. June não permitiu o uso de gravador. Provavelmente queria ter liberdade para criticar Bernard por quem ela sentia amor e irritação em doses iguais. Geralmente ele telefonava quando sabia que eu estivera na clínica. “Caro rapaz, qual é o estado de espírito?” Isso significava, “ela falou a meu respeito? O que foi que disse?” Quanto a mim, preferia não ter no meu escritório montes de fitas repletas das indiscrições de June. Por exemplo, muito antes de aceitarmos a ideia de escrever O livro, ela certa vez me escandalizou abaixando bruscamente a voz para anunciar que Bernard “escolheu um pênis tamanho pequeno”, como se fosse a chave de todas as suas imperfeições. Eu não estava preparado para interpretar literalmente a informação. June estava irritada com ele nesse dia e além disso eu tinha certeza de que era o único que ela vira em toda sua vida. O que me chocou foi a escolha das palavras, sugerindo que por pura teimosia Bernard não havia encomendado algo maior aos seus fornecedores de Jermyn Street. Num caderno de anotações, a observação podia ser codificada estenograficamente. Numa fita gravada seria uma simples prova de traição que devia ser guardada a sete chaves.

Como para enfatizar suas diferenças dos outros internos, o quarto de June ficava no fim do corredor. Diminuí o passo quando cheguei perto da porta. Eu nunca conseguia acreditar totalmente que ia encontrá-la lá dentro, atrás daquela porta de madeira compensada, igual a todas as outras. June pertencia ao lugar em que eu a vi pela primeira vez, entre a lavanda e gualteria da sua casa, na entrada da floresta. Bati de leve com a unha. Ela não ia querer que eu pensasse que estava dormindo. Preferia ser encontrada entre os livros. Bati com mais força. Ouvi um movimento, um murmúrio, O ranger das molas da cama. Uma terceira batida. Uma pausa, uma tosse breve, outra pausa e ela me mandou entrar. Quando abri a porta, June estava sentada na cama e olhou para mim como se não me conhecesse. Seu cabelo estava despenteado. Despertava das profundezas de um sono abafado pela doença. Tarde demais pensei em dar um tempo a ela para se recompor. Assim, nos poucos segundos que levei para me aproximar lentamente e pôr no chão minha sacola, June teve de reconstruir toda a sua existência, quem era, onde estava, como e por que tinha ido parar naquele quarto pequeno de paredes brancas. Só depois disso começou a se lembrar de mim. Além da janela, ansioso para ajudar a memória de June, um castanheiro-da-índia balançava seus galhos. Talvez só contribuísse para aumentar a confusão, pois nesse dia ela demorou demais para voltar a si. Sobre a cama estavam espalhados alguns livros e folhas de papel em branco. June os arrumou com gestos lentos, procurando ganhar tempo.

— June, sou eu, Jeremy. Desculpe se cheguei mais cedo do que esperava. A

lembração voltou de repente. Mas ela disfarçou com um mau humor pouco convincente.

— Sim, que droga, chegou mesmo. Eu estava tentando me lembrar sobre o que ia escrever. — Não se esforçou no desempenho. Nós dois sabíamos que ela não tinha nenhuma caneta na mão.

— Quer que eu saia e volte dentro de dez minutos?

— Não seja ridículo. Agora já me esqueci completamente. De qualquer modo, era mesmo bobagem. Sente. O que tem para mim? Lembrou da tinta?

Quando aproximei a cadeira da cama, apareceu finalmente o sorriso que ela estava evitando. O rosto enrugou como uma impressão digital quando os cantos dos lábios subiram desenhando espirais paralelas que iam até as têmporas. No centro da testa, o ramo principal da árvore de rugas se aprofundou, formando um vinco acentuado.

Tirei as compras da sacola e June as examinou com uma observação jocosa ou uma pergunta que não precisava ser respondida.

— Pensando bem, por que o povo suíço tinha de ser o melhor na fabricação de chocolate? O que será que me dá este desejo tremendo de comer *lychees*? Acha que posso estar grávida?

Aqueles símbolos do mundo exterior não a entristeciam. Sua exclusão era completa e, até onde eu sabia, sem nenhum remorso. Era um país que ela havia deixado para sempre e pelo qual conservava apenas um interesse carinhoso e vivo. Eu não compreendia como era possível desistir de tanta coisa, acomodar-se à mesmice da clínica; os legumes cozidos, a curiosidade e as risadinhas idiotas dos velhos, a avidez sedenta com que assistiam televisão. Depois de uma vida autossuficiente, eu estaria em pânico, ou estaria constantemente planejando minha fuga. Entretanto, essa aceitação quase serena facilitava as minhas visitas. Não sentia culpa quando a deixava e nem quando adiava uma visita. June havia transplantado sua independência para os limites da cama onde ela lia, escrevia, meditava, dormia. Sua única exigência era ser levada a sério.

Em Chestnut Reach isso não era tão simples quanto parece, e ela levou meses para convencer as enfermeiras e os atendentes. Pensei que June ia perder essa batalha. A condescendência é a base do poder de todo profissional da assistência. Ela venceu porque jamais se descontrolava nem agia como a criança que eles queriam que fosse. June era calma. Quando uma enfermeira entrava no quarto sem bater — eu vi isso certa vez -, tagarelando com voz cantada na primeira pessoa do plural, June olhava para ela num silêncio magnânimo. Nos primeiros dias ela foi classificada como uma paciente difícil. Chegaram a sugerir que Chestnut Reach não podia mais ficar com ela. Jenny e os irmãos foram falar com o diretor. June recusou tomar parte na conversa. Não tinha intenção de se

mudar. Sua certeza era autoritária, tranquila, nascida de anos resolvendo sozinha todos os problemas. O médico foi o primeiro a se converter. Quando compreendeu que não se tratava de mais uma velha tola, começou a conversar sobre assuntos que nada tinham a ver com medicina — flores silvestres, uma paixão de ambos e que June conhecia a fundo. Não demorou para que ele contasse seus problemas conjugais. A atitude do pessoal mudou completamente — assim funciona a hierarquia dos estabelecimentos médicos.

Para mim foi um triunfo da tática, de pensar no resultado futuro. Escondendo sua irritação, June ganhou a batalha. Mas não foi uma tática, revelou ela quando a congratulei pelo feito, era uma atitude mental que aprendera há muito tempo no livro de Lao-tsé, O caminho do Tão. June me recomendava a leitura de Lao-tsé, uma vez ou outra, mas sempre que eu aceitava a sugestão, ficava irritado com os paradoxos presunçosos. Para atingir seu objetivo, caminhe na direção contrária. Nesse dia ela apanhou o livro e leu em voz alta. “O caminho do céu prima por dominar, entretanto não discute.”

— Exatamente o que eu esperava — eu disse.

— Cale a boca. Escute isto. “De dois lados que empunham armas um contra o outro, quem ganha é o sofredor.”

— June, quanto mais você fala, menos eu entendo.

— Ainda bem. Ainda vou fazer de você um sábio.

Depois de June verificar que eu havia levado O que ela queria, guardei tudo, menos a tinta, que ela fechou no armário. A caneta-tinteiro pesada, O papel acinzentado em rolo e a tinta preta eram as únicas lembranças palpáveis da sua vida anterior. Tudo O mais, os petiscos da *delicatessen*, as roupas ficavam em lugares especiais, fora da vista. Seu gabinete de trabalho na *bergerie* de onde se avistava St. Privat, no fundo do vale, era cinco vezes maior do que aquele quarto e mal dava para acomodar os livros e papéis; além disso, nos fundos havia a cozinha enorme com os *jambons de montagne* pendurados nas vigas do teto, barriletes de óleo de oliva no chão de pedra, e às vezes ninhos de escorpiões nas prateleiras; a sala de estar que ocupava todo o espaço do velho celeiro onde uma centena de moradores do se reuniam antigamente depois da caça ao javali; o quarto de June com a cama de dossel e as portas de vitrais, os quartos de hóspedes onde, durante o ano todo, espalhavam-se seus pertences; o quarto onde ela prensava suas flores; o barracão com os objetos de jardinagem no pomar de amêndoas e azeitonas e, perto dele, O galinheiro que parecia um pombal em miniatura — tudo isso despojado, reduzido a uma estante de livros, um guarda-roupas com roupas que ela nunca usava, um baú de viagem que ninguém podia ver o que continha e uma geladeira pequena.

Enquanto eu lavava as frutas na pia do banheiro e as guardava com o

chocolate na geladeira e procurava um lugar, o lugar, para o café, fui transmitindo os recados de Jenny, o amor das crianças. Ela perguntou de Bernard, mas eu não o via desde a minha última visita. June penteou os cabelos com os dedos e ajustou os travesseiros em volta do corpo. Quando eu voltei para a cadeira ao lado da cama, olhei mais uma vez para a fotografia sobre a mesa de cabeceira. Eu também poderia ter me apaixonado por aquela beldade de rosto redondo emoldurado pelo permanente muito crespo, o sorriso delicioso e cheio de vida encostado no braço do homem amado. O que me atraía era a inocência, não só da mulher, ou do casal, mas do próprio tempo. Até o ombro e a cabeça fora de foco de um homem de terno que passava tinham algo de ingênuo e desligado, como um carro sedã estacionado numa rua de um vazio pré-moderno. A era da inocência! Dezenas de milhões de mortos, a Europa em ruínas, os campos de extermínio ainda recentes na história, ainda não haviam se transformado no ponto universal de referência da depravação humana. É a própria foto que cria a ilusão de inocência. A ironia da sua narrativa congelada no tempo empresta aos fotografados um aparente desconhecimento de que eles vão mudar ou morrer. Eles são inocentes do futuro. Cinquenta anos depois olhamos para eles com o saber divino de como ficaram afinal — com quem casaram, a data da sua morte sem pensar em quem algum dia estará vendo as nossas fotografias. June acompanhou meu olhar. Apanhei o caderno de anotações e o lápis, constrangido, sentindo-me fraudulento. Havíamos concordado que eu ia escrever sobre a vida dela. June tinha em mente uma biografia e essa era minha intenção. Porém, assim que comecei, percebi que tomava uma forma diferente. Não era mais uma biografia, nem mesmo memórias, mais uma divagação. June era o personagem central, mas não ia ser somente sobre ela. Na última vez, a fotografia fora um ponto de partida.

June me observava, esperando, com o cotovelo apoiado na cintura e o indicador encostado na curva longa do queixo. O que eu realmente queria perguntar era, como você passou do rosto da fotografia para este outro, extraordinário — foi a vida? É espantoso como você mudou! Mas o que eu disse, sem tirar os olhos da fotografia, foi:

— A vida de Bernard parece ter sido uma progressão lenta, uma construção sobre o que já havia, ao passo que a sua parece ter sofrido uma longa transformação...

Infelizmente June interpretou isso como uma pergunta sobre Bernard.

— Sabe sobre o que ele queria falar quando me visitou no mês passado? Eurocomunismo! Uma semana antes tinha estado com uma delegação italiana. Mafiosos gordos que se regalam à custa dos outros. Bernard disse que estava otimista! — inclinou a cabeça, indicando a fotografia. — Jeremy, ele estava

realmente entusiasmado! Como naquele tempo. Progressão é muita bondade sua. Eu diria estase. Estagnação.

June sabia que isso não era verdade. Bernard deixara o partido há anos, foi um trabalhista no Parlamento, um homem do *establishment*, membro da ala liberal, tendo atuado em comitês do governo ligados à radiodifusão, ao meio ambiente, à pornografia. Na verdade June fazia objeção ao seu racionalismo. Mas eu não queria tratar desse assunto naquele momento. Queria uma resposta à pergunta que eu não fiz. Fingi que concordava.

— Sim, não posso imaginar você entusiasmada com uma coisa dessas, agora.

June inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, a pose que usava para examinar a fundo uma questão. Já havíamos falado mais de uma vez sobre como e por que tinha resolvido mudar sua vida. Cada vez era uma história diferente.

— Estamos prontos? Passei todo o verão de 1938 com uma família, na França, nos arredores de Dijon. Acredite ou não, o negócio deles era mostarda. Com eles aprendi a cozinhar e também que não existe lugar melhor no mundo do que a França, uma convicção da juventude que conservo até hoje. Voltei quando fiz dezoito anos e ganhei uma bicicleta novinha, uma beleza. Os clubes de ciclismo estavam ainda em moda e entrei para um deles, o Clube Socialista de Ciclismo de Amersham. Talvez a ideia fosse escandalizar o conservadorismo dos meus pais embora não me lembre de qualquer objeção da parte deles. Nos fins de semana, uns vinte de nós, com cestas de piquenique, pedalávamos pelas ruas de Chilterns, ou descíamos a escarpa para Thame e Oxford. Nosso clube tinha ligação com outros clubes e alguns deles eram afiliados ao Partido Comunista. Não sei se havia um plano, uma conspiração, alguém devia fazer uma pesquisa a respeito. Provavelmente aqueles clubes recrutavam nossos sócios de modo bastante informal. Ninguém jamais me doutrinou. Ninguém estava procurando me convencer. Simplesmente encontrei-me entre pessoas que me agradavam, alegres e inteligentes, e a conversa era o que você pode imaginar — o que estava errado na Inglaterra, as injustiças e o sofrimento, como isso podia ser corrigido, e como tudo já fora corrigido na União Soviética. O que Stalin estava fazendo, o que Lenin dizia, o que Marx e Engels tinham escrito. E havia também as fofocas. Quem pertencia ao partido, quem tinha estado em Moscou, o que significava pertencer ao partido, quem estava pensando em entrar para o partido, e assim por diante.

— Toda essa conversa e essas fofocas aconteciam enquanto pedalávamos pelo campo, ou quando sentávamos com nossos sanduíches, ou ainda nas paradas, nos bares abertos para tomar refrigerantes. Desde o começo, o partido e tudo o que ele significava, toda aquela lengalenga sobre a posse comum dos meios de produção e a herança cientificamente ordenada do proletariado, a

decadência de seja lá o que for, todo aquele palavreiro associava-se em minha mente a bosques de faias, a milharais, à luz do sol e a descer aquelas colinas, caminhar por aquelas trilhas estreitas que eram como túneis no verão. O comunismo e a minha paixão pelo campo, bem como o meu interesse por um ou dois belos rapazes de short — eram uma coisa só, e sim, tudo aquilo era muito excitante.

Enquanto escrevia, pensei, maldosamente, se eu não estaria sendo usado como um canal condutor, um médium para a mensagem final da sua vida. Essa ideia amenizou minhas dúvidas por não estar escrevendo a biografia que ela desejava.

June continuou. Tinha tudo muito bem preparado.

— Esse foi o começo. Oito anos depois eu finalmente entrei para o partido. E isso foi o fim, o começo do fim.

— O dólmã.

— Exatamente.

Íamos agora saltar oito anos, de 1938 a 1946, passando pela guerra. Nossas conversas eram assim. No fim da lua de mel, Bernard e June, ainda na França, fizeram um longo passeio no Languedoc, atravessando um planalto seco de calcário chamado a Causse de Larzac. Chegaram a um antigo cemitério conhecido como o Dólmã de La Prunarède, a poucos quilômetros da cidadezinha em que iam passar a noite. O dólmã fica numa colina, perto da margem elevada do rio Vis, onde sentaram, no começo da noite, voltados para o norte, na direção dos montes Cévennes, falando sobre o futuro. Depois disso estivemos nesse mesmo lugar várias vezes. Em 1971, Jenny namorou um rapaz da cidade, um desertor do exército francês. Fizemos um piquenique com Bernard e nossos filhos, pequenos ainda, em meados dos anos oitenta. Jenny e eu estivemos nesse local certa vez para resolver um problema conjugal. É também um bom lugar para se ficar sozinho. Tornou-se um lugar da família. Basicamente, um dólmã consiste numa laje horizontal sobre duas outras, formando uma mesa baixa de pedra. Há centenas deles nos *causses*, mas só um é “o dólmã”.

— Sobre o que vocês falaram?

Ela abanou a mão no ar, impaciente.

— Não me interrogue. Eu estava pensando, tentando fazer uma conexão. Ah, sim, já sei. O importante sobre o clube de ciclismo era que o comunismo e o meu amor pelo campo eram inseparáveis — acho que era tudo parte daqueles sentimentos românticos e idealistas próprios da idade. E então ali estava eu, na França em outra paisagem, muito mais bela do que as Chilterns, mais grandiosa, mais selvagem, até um pouco assustadora. Estava com o homem que eu amava e falávamos compulsivamente de como íamos mudar o mundo, e estávamos a

caminho da casa para iniciar nossa vida juntos. Lembro até de ter pensado, nunca fui tão feliz. Isto é o que eu quero!

— Mas, se quer saber, alguma coisa não estava certa, havia uma sombra. Enquanto estávamos ali sentados, o sol se pôs com uma luminosidade gloriosa e eu pensei, mas eu não quero voltar para casa, prefiro ficar aqui. Quanto mais eu olhava para o vale do rio, para além da Causse de Blandas, na direção das montanhas, mais eu percebia a verdade — comparada com a antiguidade, com a beleza e a força daquelas rochas, a política era uma coisa insignificante. A humanidade era um fato recente. O universo era indiferente à sorte do proletariado! Senti medo. Durante a minha curta vida adulta sempre tinha me agarrado à política — dela recebi os amigos, o marido, minhas ideias. Antes ansiosa para voltar para a Inglaterra, agora dizia a mim mesma que preferia ficar ali e viver sem conforto no meio daquela natureza selvagem.

— Bernard continuava a falar e eu, sem dúvida, respondia e dava minha opinião. Mas estava confusa. Talvez eu não fosse feita para toda aquela política nem para aquela paisagem agreste. Talvez precisasse de um lar tranquilo e um filho para cuidar. Estava muito confusa.

— Então você...

— Não terminei ainda. Havia outra coisa. Apesar de todos esses pensamentos conflitantes, sentia-me feliz no dólma. Tudo que desejava era ficar sentada, em silêncio, ver as montanhas avermelhando-se aos poucos e respirar aquele ar macio da noite, sabendo que Bernard fazia o mesmo, sentia a mesma coisa. Assim, aí estava outro problema. Nada de imobilidade. Nada de silêncio. Nós nos preocupávamos com nem sei O quê, a desonestidade dos reformistas sociais-democratas, as condições dos pobres nas cidades — gente que não conhecíamos, pessoas que, naqueles dias, não tínhamos meios de ajudar. Nossas vidas tinham se preparado para aquele grande momento — um lugar sagrado com mais de cinco mil anos, nosso amor, a luz, o espaço imenso na nossa frente. Não podíamos nos libertar para O presente. Preferíamos pensar em libertar os outros. Queríamos pensar na sua infelicidade. Usávamos sua desgraça para mascarar a nossa. E a nossa consistia na impossibilidade de aceitar as coisas boas e simples que a vida nos oferecia e ficar satisfeitos com elas. Política, a política idealista, vive toda no futuro. Passei a vida inteira descobrindo que, assim que entramos de modo completo no presente, encontramos o espaço infinito, o tempo infinito, ou chame de Deus, se quiser...

June perdeu o fio do que dizia e calou-se. Não era de Deus que ela queria falar, era de Bernard. Então, lembrou.

— Bernard pensa que prestar atenção ao presente é ser autoindulgente. Mas isso é bobagem. Alguma vez ele parou para pensar em silêncio sobre a sua vida

ou sobre o efeito dela na vida de Jenny? Ou por que é incapaz de viver sozinho e precisa daquela mulher, aquela “governanta” para tomar conta dele. Bernard é completamente invisível a si mesmo. Ele tem fatos, números, seu telefone toca o dia inteiro, está sempre correndo para fazer uma palestra, participar de um júri num debate ou coisas assim. Mas nunca parou para refletir. Jamais concedeu um único momento para se maravilhar e encantar com as belezas da criação. Ele odeia o silêncio, por isso não sabe de coisa alguma. Estou respondendo à sua pergunta? A de como uma pessoa tão exigente pode estar em processo de estagnação? Deslizando sobre a superfície o tempo todo, falando sem parar de como poderiam ser as coisas se fossem postas em ordem e não aprendendo nada de essencial, é assim.

June recostou nos travesseiros, exausta. O rosto comprido virou para o teto. Respirava com dificuldade. Várias vezes tínhamos falado sobre aquele fim do dia no dólmã, geralmente como prelúdio para o confronto importante do dia seguinte. June estava zangada e o fato de saber que eu percebia a deixava mais furiosa. Estava divagando, perdendo o controle da narrativa. Sabia que essa descrição da vida de Bernard — a presença nos programas de televisão, os debates no rádio, o homem público — era coisa de mais de dez anos atrás. Ninguém mais ouvia falar muito de Bernard Tremaine. Ele quase não saía de casa e trabalhava discretamente no seu livro. Uma mulher que morava no mesmo prédio arrumava o apartamento e cozinhava para ele três vezes por semana. Era doloroso testemunhar o ciúme de June. As ideias que norteavam sua vida eram as mesmas com que media a distância entre ela e Bernard e se essas ideias eram alimentadas pela procura da verdade, então uma parte dessa verdade era a amargura e o desapontamento no amor. As imprecisões e os exageros eram por demais reveladores.

Tive vontade de dizer alguma coisa no sentido de que isso não me provocava repulsa nem desapontamento. Ao contrário, voltava para ela todo o meu coração. Era reconfortante saber que, no meio de toda aquela agitação, os sentimentos tinham ainda um lugar de importância, que a vida e os problemas do passado continuavam e que nesse caminho do fim não eram visualizados com distanciamento e frieza.

Eu me ofereci para fazer chá e ela concordou, levantando um dedo da mão apoiada nos lençóis. Fui até a pia para encher a chaleira. Lá fora a chuva tinha parado, mas ventava ainda e uma mulher pequenina com um cardigã azul-claro atravessava o gramado com a ajuda de um andador. Uma rajada mais forte poderia carregá-la. Ela chegou num canteiro encostado no muro e ajoelhou na frente do aparelho, como se fosse um altar portátil. Então ela o empurrou para o lado e tirou de um bolso uma colher de chá e do outro um punhado de bulbos.

Começou a cavar buracos para plantar os bulbos. Alguns anos atrás eu não teria visto nenhuma lógica em plantar alguma coisa naquela idade, teria observado e catalogado a cena como uma ilustração da futilidade. Agora, eu apenas observava.



Levei as xícaras para perto da cama. June sentou e tomou um gole do chá escaldante sem fazer nenhum ruído, como aprendera, como me contou certa vez, com uma professora de etiqueta, na escola. Perdida em pensamentos, não estava ainda pronta para continuar. Olhei para as minhas anotações, corrigindo um símbolo aqui, outro ali, para melhorar a legibilidade da taquigrafia. Então resolvi visitar o dólmã na próxima vez que fosse à França. Eu podia ir a pé da *bergerie*, subir pelo Pas de l'Azé no Causse e caminhar para o norte durante duas ou três horas — uma paisagem preciosa na primavera, quando as flores silvestres desabrocham e os campos se cobrem de orquídeas. Sentaria na pedra olhando outra vez para aquela vista, pensando na personagem do meu livro.

As pálpebras de June estremeciam, quase fechadas, e só tive tempo de tirar a xícara e o pires da sua mão antes de ela mergulhar no sono. Ela insistia em afirmar que esses cochilos repentinos não eram efeito da exaustão. Eram parte da sua condição, uma disfunção neurológica que provocava um desequilíbrio na secreção da dopamina. Aparentemente era uma espécie de narcolepsia, profunda e irresistível. Era como se alguém pusesse um cobertor no seu rosto, disse ela certa vez, mas quando falei a respeito com o médico, ele olhou fixamente para mim e negou com um movimento quase imperceptível da cabeça que era também uma sugestão para que eu não a contrariasse.

— Ela está doente — disse o médico — e está cansada. Agora a respiração era rápida e superficial, a árvore de rugas na testa mais nítida, menos complexa, como se o inverno a tivesse despido dos galhos. A xícara vazia na mesa de cabeceira escondia uma parte da foto. Quanta transformação! Eu era ainda suficientemente jovem para me espantar. Ali, dentro da moldura, sem nada escrito na pele, o rosto redondo e bonito encostado no braço de Bernard. Eu só os conheci muito mais tarde, mas sentia uma espécie de saudade do tempo distante e breve quando Bernard e June viveram juntos, com amor e sem complicações. Antes da queda. Isso também contribuía para a inocência da foto — a ignorância do tempo em que iam precisar da companhia um do outro e se irritar mutuamente. June irritava-se com a árida pobreza espiritual de Bernard e sua “fundamental falta de seriedade”, com a racionalidade instantânea e a

insistência arrogante de que, “contra todas as evidências acumuladas” uma sensata engenharia social acabaria com todas as misérias da humanidade e sua capacidade de ser cruel; e Bernard irritava-se com a traição de June à sua consciência social, com seu “fatalismo autodefensivo” e sua “credulidade ilimitada” — era um sofrimento para ele a lista cada vez mais extensa das certezas de June: unicórnios, espíritos da floresta, anjos, médiuns, autocura, o inconsciente coletivo, o “Cristo dentro de nós”.

Certa vez perguntei a Bernard sobre seu primeiro encontro com June, durante a guerra. O que o atraiu para ela? Bernard não lembrava de nenhum primeiro encontro. Apenas começou a perceber gradualmente, durante os primeiros meses de 1944, que uma jovem ia ao seu escritório no Senado, uma ou duas vezes por semana, para entregar documentos traduzidos do francês e apanhar outros para traduzir. Todos no escritório de Bernard sabiam ler francês e o material traduzido era sofrível. Bernard não via nenhuma utilidade naquela jovem, por isso não a enxergava. Ela não existia. Então ouviu alguém dizer que ela era bonita e na próxima vez que ela apareceu observou-a com atenção. Começou a ficar desapontado quando ela não aparecia e idiotamente feliz quando ela chegava. Quando finalmente conversaram sobre banalidades, percebeu que ela era uma companhia agradável. Bernard tinha ideia de que uma mulher bonita não teria interesse em conversar com um homem de orelhas de abano. Na verdade, ela parecia gostar dele. Almoçaram juntos no café Joe Lyons no Strand, e para disfarçar seu nervosismo, Bernard falou em voz alta sobre socialismo e insetos — ele era uma espécie de entomologista amador. Mais tarde ele deixou boquiabertos seus colegas de trabalho quando a convenceu a ir ao cinema — não, não lembrava do filme — na Haymarket, onde encontrou coragem para beijá-la primeiro nas costas da mão, como numa paródia de um romance antigo, depois no rosto, e então nos lábios, e tudo seguiu numa progressão vertiginosamente acelerada, da conversa sem compromisso aos beijos castos, não levaram mais de quatro semanas.

A história de June. Seu trabalho de intérprete e ocasional tradutora de documentos oficiais do francês a levou numa tarde tediosa a um dos corredores do Senado. Passou pela porta aberta de um escritório ao lado daquele em que ia apanhar o material e viu um jovem alto e magro com uma cara estranha, esparramado numa cadeira giratória, os pés na mesa, atento ao que parecia ser um livro muito sério. Ele ergueu os olhos para ela por um momento e voltou à leitura, completamente esquecido da sua presença. Ela procurou se demorar por ali o maior tempo possível, sem parecer descortês — uma questão de segundos -, olhando acintosamente para ele enquanto fingia consultar os papéis da pasta que tinha nas mãos. Até então June só chegara a gostar de alguns dos homens com

quem havia saído depois de dominar uma repulsa indefinida. Aquele a atraiu imediatamente. Era o “seu tipo” — agora ela compreendia de dentro para fora essa frase irritante. Ele era sem dúvida inteligente — como todos naquele escritório — e June gostou do desamparo desajeitado do seu tamanho e do rosto grande e generoso, além do desafio daquele olhar que não a tinha registrado. Poucos homens a olhavam assim.

Ela começou a inventar pretextos para entrar na sala dele. Entregava trabalhos que deviam ser entregues por uma das moças do seu escritório. Como pretexto para se demorar mais tempo e porque Bernard jamais olhava para ela, June começou a flertar com um dos colegas dele, um homem insignificante de Yorkshire com a pele manchada e uma voz estridente. Certa vez ela esbarrou na mesa de Bernard para derrubar o chá que ele estava tomando. Ele franziu a testa e enxugou o chá com o lenço sem interromper a leitura. June levava encomendas para ele que deviam ser entregues em outro lugar. Ele corrigia o engano delicadamente. O homem de Yorkshire escreveu uma dolorosa declaração de uma alma solitária. Não esperava que ela casasse com ele, dizia a carta, embora não descartasse a ideia. Mas esperava que se tornassem amigos íntimos, como irmãos. June sabia que precisava agir rapidamente.

O dia em que ela reuniu toda a coragem e entrou no escritório resolvida a fazer com que Bernard a convidasse para almoçar, foi o dia em que ele resolveu pela primeira vez olhar para ela com atenção. Foi um olhar tão desarmado, tão francamente predatório que June hesitou na sua caminhada para a mesa dele. No canto, seu candidato a irmão estava se levantando com um largo sorriso. June pôs o embrulho na mesa e fugiu. Mas agora sabia que tinha o seu homem. Agora, quando ela entrava na sala, o queixo enorme de Bernard balançava enquanto ele procurava palavras para iniciar uma conversa. O almoço no Joe Lyons não precisou de mais do que uma leve insinuação.

Sempre estranhei que os dois jamais tivessem comparado suas lembranças desses primeiros dias. Certamente June ia adorar as diferenças. Confirmariam seus preconceitos posteriores. Bernard sem refletir, ignorando as correntes sutis da realidade que ele insistia em dizer que compreendia e controlava. Entretanto, resisti ao impulso de contar a história de June para Bernard e a de Bernard para June. Foi minha decisão, mais do que a deles, manter as histórias confidenciais e separadas. Nenhum dos dois parecia acreditar nisso e nas nossas conversas eu percebia que estava sendo usado como transmissor de mensagens e impressões. June gostaria que eu censurasse Bernard em nome dela — nada mais nada menos do que por sua visão do mundo, por sua vida agitada no rádio e na televisão e pela mulher que fazia a limpeza na sua casa. Bernard gostaria que eu transmitisse a June não apenas a ilusão de que ele estava perfeitamente intacto

sem ela, mas também o carinho que sentia, apesar da sua loucura evidente, desse modo poupando a ele outra visita terrível ou amaciando o caminho para a seguinte. Quando me viam, tentavam plantar verde para obter alguma informação, geralmente sugerindo proposições contestáveis, mal disfarçadas em perguntas. Assim, Bernard dizia, eles ainda a mantêm sob sedação? Ela falou sem parar a meu respeito? Você acha que ela sempre vai me odiar? E June, ele falou sobre a sra. Briggs (a arrumadeira e cozinheira)? Desistiu dos planos de suicídio?

Eu respondia com evasivas. Não podia dizer nada que desse satisfação e, além disso, podiam telefonar ou se ver quando bem entendessem. Como amantes jovens e absurdamente orgulhosos, eles se controlavam, certos de que quem telefonasse primeiro estaria revelando fraqueza, uma dependência emocional desprezível.



June acordou de um sono de cinco minutos para encontrar um homem com uma calvície incipiente e expressão severa sentado ao lado da sua cama com um caderno de anotações na mão. Onde ela estava? Quem era essa pessoa? O que ele queria? A surpresa e o pânico dos olhos arregalados me contagiaram, cerceando meus reflexos, e não consegui encontrar imediatamente as palavras tranquilizadoras e, quando as encontrei, gaguejei idiotamente. Mas, antes mesmo de terminar a minha fala, June já havia recuperado as linhas da realidade, podia contar sua história outra vez e lembrou que seu genro estava ali para tomar notas.

Ela pigarreou.

— Onde eu estava?

Nós dois sabíamos que ela havia visto o fundo do poço, o abismo sem sentido onde nada tinha nome nem relação com coisa alguma, e estava assustada. Nós dois estávamos assustados. Não podíamos confessar isso, ou melhor, eu não podia, antes que ela o fizesse.

A essa altura June já sabia onde estava, bem como sabia o que vinha depois. Mas no breve drama psíquico do seu despertar, eu me preparei para resistir à insinuação inevitável — “O dia seguinte”. Eu queria conduzi-la a outro lugar. Tínhamos falado dezenas de vezes sobre “O dia seguinte”. Era uma lenda da família, uma história burilada com a repetição, não tanto lembrada quanto entoada como uma prece saída do coração. Eu a tinha ouvido na Polônia há muitos anos, quando conheci Jenny. Eu a ouvi várias vezes de Bernard que não

era uma testemunha no sentido exato da palavra. Era contada no Natal e em outras reuniões de família. No que dizia respeito a June, devia ser a peça central das memórias, como era O centro da história da sua vida — o momento decisivo, a experiência que a redirecionou, a revelação da verdade a cuja luz todas as conclusões prévias deviam ser repensadas. A veracidade histórica tinha menor importância do que a função que ela desempenhava. Era um mito, mais poderoso por ser apresentado como um documentário. June estava convencida de que “O dia seguinte” explicava tudo — por que ela deixou o partido, por que a desarmonia separou-a de Bernard pelo resto da vida, por que reconsiderou seu racionalismo, seu materialismo, como passou a levar a vida que tinha levado, onde vivia, o que pensava.

Quanto a mim, um estranho na família, a história me atraía e me deixava cético ao mesmo tempo. Os momentos decisivos da vida são invenção de romancistas e dramaturgos, um mecanismo necessário quando uma existência é reduzida a um enredo, traduzida por ele, quando a moral deve ser destilada de uma sequência de ações, quando o público deve ir para casa com algo inesquecível que marca o crescimento de um personagem. Ver a luz, o momento da verdade, o ponto crucial, certamente são coisas que pedimos emprestadas a Hollywood ou à Bíblia, para conseguir um sentido retroativo numa memória superlotada. Os “cães negros” de June. Sentado ao lado da cama, com o caderno de anotações no colo, depois de ter o privilégio de uma visão de relance no seu vazio, de compartilhar sua vertigem, esses animais inexistentes me parecem quase reconfortantes. Haveria uma segurança excessiva em outro relato dessa história, naquele momento.

June tinha escorregado para baixo, na cama, enquanto dormia. Esforçou-se para sentar de novo, mas seus pulsos estavam muito fracos e suas mãos não encontravam apoio nos lençóis. Comecei a me levantar para ajudá-la, mas ela me impediu com um ruído, um rosnado, e virou de lado, de frente para mim com a cabeça sobre o canto dobrado de um travesseiro.

Eu comecei devagar. Estaria agindo com malícia? A ideia me perturbou, mas eu já havia começado.

— Não acha que o mundo pode acomodar seu modo de ver as coisas e o de Bernard também? Não é sempre proveitosa uma jornada ao nosso íntimo quando os outros se preocupam somente em melhorar o mundo? Não é a diversidade que faz a civilização?

Esta última pergunta retórica foi demais para June. A linha profunda da testa que denotava atenção neutra desmanchou-se numa gargalhada. Ela não aguentava mais ficar deitada. Tentou sentar novamente, dessa vez com sucesso, enquanto dizia, sem parar de rir.

— Jeremy, você é muito querido, mas diz cada bobagem, você se esforça demais para ser decente e fazer com que todos gostem de você e gostem uns dos outros... É isso!

Estava sentada afinal. As mãos ásperas e ressecadas de jardineiro se cruzaram sobre a coberta e ela olhou para mim com mal disfarçada satisfação. Ou com piedade materna.

— Então, por que o mundo não melhorou. Toda essa medicina gratuita, a elevação dos salários e carros e televisão e escovas de dentes elétricas em todas as casas. Por que o povo não está contente? Não falta alguma coisa nessas melhorias?

Agora que ela estava zombando de mim, senti-me libertado. Em tom um tanto brusco, eu disse.

— Então o mundo moderno é um deserto espiritual? Mesmo que o chavão seja verdadeiro, o que me diz de você, June? Por que não é feliz? Sempre que a visito você demonstra toda a amargura que sente ainda por Bernard. Por que não esquece? O que importa agora? Deixe que ele vá embora. O fato de você não querer, ou não poder fazer isso, não recomenda muito seus métodos.

Será que fui longe demais? Enquanto eu falava June olhou para a janela, no outro lado do quarto. Sua respiração irregular adejava no silêncio. Então, um silêncio mais fechado, seguido por uma exalação ruidosa de ar, e June olhou nos meus olhos.

— É verdade. É claro que é verdade... — fez uma pausa para resolver como ia continuar. — Tudo que eu fiz de algum valor, fiz sozinha. Eu não me importava com isso então. Estava satisfeita e, a propósito, eu não espero ser feliz. A felicidade é ocasional, um relâmpago de verão. Mas encontrei a paz de espírito e durante todos esses anos sempre pensei que estava muito bem sozinha. Eu tinha família, amigos, visitas. Ficava feliz quando eles chegavam e feliz quando partiam. Mas agora... Eu tinha conseguido fazer com que ela passasse da lembrança para a confissão. Virei uma página no meu caderno.

— Quando fiquei sabendo que estava muito doente e vim para cá para me isolar do mundo pela última vez, a solidão começou a parecer o meu maior e único fracasso. Um erro enorme. De que adianta levar uma boa vida quando se vive sozinha? Quando penso naqueles anos na França às vezes sinto um vento frio no rosto. Bernard acha que sou uma ocultista tola e eu acho que ele é um comissário das arábias que internaria a todos nós se existisse um céu material na terra — essa é a história da família, a piada da família. A verdade é que nos amamos, nunca deixamos de nos amar, é uma obsessão. E não conseguimos fazer coisa alguma com isso. Não fomos capazes de construir uma vida. Não pudemos desistir do amor, mas recusamos nos curvar à sua força. É um

problema fácil de descrever, porém, jamais o descrevemos naquele tempo. Nunca dissemos, escute, eu me sinto deste modo, o que fazemos agora? Não, era sempre uma confusão, discussões, providenciar isto ou aquilo para as crianças, o caos cotidiano, a separação aumentando, países diferentes. Isolando-me de tudo isso foi que encontrei a paz. Se sinto amargura, é porque nunca me perdoei. Mesmo que eu aprendesse a levitar trinta metros acima do solo, não compensaria o fato de nunca ter aprendido a falar com Bernard ou a estar com ele. Sempre que me queixo da última crise social que leio nos jornais, preciso lembrar a mim mesma — por que esperar que milhões de estranhos com interesses conflitantes vivam em harmonia quando eu não consegui fazer uma sociedade simples com O pai dos meus filhos, o homem que amei e com quem ainda estou casada? Há outra coisa. Se eu estou sempre criticando Bernard é porque você está aqui e sei que o vê uma vez ou outra e — eu não devia dizer isto — você me lembra Bernard. Graças a Deus não tem as suas ambições políticas, mas há em vocês dois uma aridez, uma distância que me atrai e me deixa furiosa. E...

Ela recolheu o pensamento e pareceu se diluir entre os travesseiros. Uma vez que eu devia me considerar elogiado, senti-me obrigado por um certo grau de polidez, uma exigência formal, a aceitar o que me era oferecido. Havia uma palavra na sua confissão para a qual eu queria voltar o mais cedo possível. Antes porém, as delicadezas de praxe.

— Nesse caso, espero que minhas visitas não a aborreçam.

— Eu gosto que venha me ver.

— E espero que me avise se achar que estou sendo muito pessoal.

— Pode perguntar o que quiser.

— Não quero invadir a sua...

— Eu disse que pode perguntar qualquer coisa. Se eu não quiser responder, não respondo. Permissão concedida. Acho que ela sabia, a velha senhora esperta, o que tinha despertado minha atenção. June estava esperando que eu falasse.

— Disse que você e Bernard eram... obcecados um pelo outro. Quer dizer, bem, fisicamente ...? — Jeremy, o típico representante da sua geração. E quase velho demais para pronunciá-la com certa timidez. Sim, sexo, estou falando de sexo.

Era a primeira vez que eu a ouvia dizer essa palavra. Com sua voz de apresentadora da BBC durante a guerra, ela a pronunciou fazendo-a parecer vulgar, quase obscena. Seria por ter se obrigado a usar e repetir a palavra para minimizar sua repugnância? Ou estaria certa? Estaria eu, um homem dos anos sessenta, embora sempre discreto, começando a engasgar com o banquete?

June e Bernard, sexualmente obcecados. Como eu só os tinha conhecido mais velhos e hostis, gostaria de dizer que, como uma criança ao ouvir falar na

blasfêmia de a rainha ter de ir ao banheiro, não podia sequer imaginar essa possibilidade.

Porém eu disse apenas:

— Acho que compreendo.

— Acho que não — disse ela, satisfeita com a própria certeza. — Você não pode ter ideia de como era naquele tempo.



Enquanto ela falava, imagens e impressões despencavam no espaço como Alice, ou como os detritos pelos quais ela passa, descendo pelo cone do tempo: O cheiro de poeira de escritório; paredes do corredor pintadas com tinta creme e marrom brilhante; objetos de uso diário, de máquinas de escrever a carros, bem-feitos e pesados, pintados de negro; salas sem aquecimento, senhorias desconfiadas; rapazes teatralmente solenes com roupas folgadas, mordendo cachimbos; comida sem ervas, alho, suco de limão ou vinho; brincar sempre com cigarros, o que era considerado um tipo de erotismo, e, por toda a parte, autoridade com suas diretivas intransigentes e alatinadas nas passagens de ônibus e formas e sinais pintados a mão com um dedo solitário apontando o caminho a seguir, num mundo sério todo em preto e cinza. Era uma loja de artigos antigos e sem valor explodindo em câmara lenta, minha ideia do que devia ser naquele tempo e senti-me satisfeito por June não perceber tudo isso, pois eu não via lugar nenhum para uma obsessão sexual.

— Antes de conhecer Bernard eu havia saído com um ou dois jovens porque pareciam “bastante agradáveis”. No começo eu os levava à minha casa para conhecer meus pais e serem julgados por eles: eram “apresentáveis”? Eu estava sempre avaliando os homens como possíveis maridos. Era o que minhas amigas faziam, era sobre o que falávamos. O desejo não era sequer considerado, pelo menos não por mim. Havia somente uma espécie de anseio vago por um amigo homem, por uma casa, um bebê, uma cozinha — os elementos eram inseparáveis. Quanto aos sentimentos do homem, dependia do ponto ao qual o deixávamos chegar. Quando estávamos juntas, falávamos muito sobre isso. Se você quer casar, o sexo é o preço que terá de pagar. Depois do casamento. Era uma troca difícil, mas bastante razoável. Não se pode ter alguma coisa por nada.

— Então, tudo mudou. Alguns dias depois de conhecer Bernard meus sentimentos começaram... bem, pensei que ia explodir. Eu o queria, Jeremy. Era como uma dor. Eu não queria uma festa de casamento ou uma cozinha, eu queria aquele homem. Tinha fantasias escandalosas com ele. Não podia falar

sinceramente com minhas amigas. Elas ficariam chocadas... Nada havia me preparado para aquilo. Eu queria urgentemente fazer sexo com Bernard e estava apavorada. Sabia que se ele pedisse, se insistisse, eu não teria escolha. E era evidente que ele sentia a mesma coisa, com a mesma intensidade. Bernard não era do tipo de fazer imposições, mas certa tarde, por motivos que já esqueci, ficamos sozinhos na casa dos pais de uma amiga, acho que teve alguma coisa a ver com a chuva muito forte que caía. Fomos para o quarto de hóspedes e começamos a nos despir. Eu ia ter O que vivia em minha mente há semanas, mas estava infeliz, apavorada, como se caminhasse para minha execução...

Ela percebeu meu olhar intrigado — por que infeliz? — e respirou fundo com impaciência.

— O que a sua geração não sabe e a minha quase já esqueceu é o quanto éramos ignorantes naquele tempo, como eram estranhas nossas atitudes — para com sexo e tudo que se relacionava a ele. Anticoncepcionais, divórcio, homossexualismo, doença venérea. E gravidez fora do casamento, nem pensar, a pior coisa que podia acontecer. Nas décadas de 1920 e 1930 famílias respeitáveis internavam as filhas grávidas em asilos de loucos. Mães solteiras eram obrigadas a marchar pelas ruas, humilhadas pelas instituições que deviam tomar conta delas. As moças se matavam tentando o aborto. Parece loucura agora, mas naqueles dias, uma jovem grávida provavelmente achava que todos estavam certos e ela era louca e merecia todo o castigo. As atitudes oficiais eram extremamente punitivas, extremamente rigorosas. É claro que não havia ajuda financeira. A mãe solteira era uma pária, uma desgraça, dependente de instituições de caridade vingativas, grupos religiosos ou fosse lá o que fosse. Nós todas sabíamos de uma meia dúzia de histórias terríveis que funcionavam como advertência para jamais deixarmos o caminho estreito e reto. Não funcionaram naquela tarde, mas eu estava certa de estar proclamando a minha condenação quando subimos a escada para o pequeno quarto no sótão, com o vento e a chuva batendo na janela, exatamente como hoje. E claro que não tínhamos nenhum preventivo e na minha ignorância eu pensava que a gravidez era inevitável. E sabia que não podia voltar atrás. Sentia-me tremendamente infeliz, mas também saboreando a liberdade. A liberdade que eu imagino, um criminoso experimenta, nem que seja por um momento, antes de praticar o crime. Eu sempre tinha feito mais ou menos o que esperavam de mim, mas agora conhecia a mim mesma pela primeira vez. E simplesmente tinha de fazer aquilo, tinha de fazer, Jeremy, precisava chegar muito perto daquele homem...

Pigarreando discretamente, eu disse:

— E, umm, como foi?

Eu não podia acreditar que estava perguntando aquilo a June Tremain.

Jenny jamais acreditaria. June deu outra de suas gargalhadas. Eu nunca a vira tão animada.

— Foi uma surpresa! Bernard era o mais desajeitado dos homens, sempre derramando a bebida que tinha na mão ou batendo a cabeça em alguma coisa. Acender o cigarro de outra pessoa era um sofrimento para ele. Tive certeza de que eu era a primeira mulher com quem tinha estado. Ele insinuou o contrário, mas só pró forma, porque era o que devia dizer. Então preferi acreditar que éramos os dois inexperientes e não me importei. Eu queria Bernard de qualquer modo. Subimos na cama estreita, eu com risadinhas nervosas de pavor e, acredite ou não — Bernard foi genial! Todas as palavras que você lê num romance — gentil, forte, habilidoso — e, bem, inventivo. Quando terminamos ele fez uma coisa ridícula. Levantou de um salto, correu para a janela, abriu-a para a tempestade e ficou ali nu, alto e magro e branco, batendo no peito e gritando como Tarzan e as folhas rodopiavam em volta dele, levadas pelo vento. Uma coisa tão idiota! Sabe, ele me fez rir tanto que fiz xixi na cama. Tivemos que virar o colchão. Depois apanhamos centenas de folhas do tapete. Levei os lençóis para casa numa sacola de compras, lavei e arrumei outra vez a cama com a ajuda da minha amiga. Ela era um ano mais velha do que eu e ficou tão escandalizada que não falou comigo durante meses!

Experimentando em mim mesmo um pouco da liberdade criminosa sentida por June há quarenta e cinco anos, eu estava me preparando para falar no assunto do tamanho que Bernard “escolheu”. Seria, como tudo levava a crer agora, apenas uma calúnia ocasional de June? Ou o segredo paradoxal do seu sucesso? Ou ainda, uma vez que ele tinha o corpo tão longo, não seria simplesmente um erro de julgamento comparativo? Mas há certas coisas que não se pode perguntar à sogra e, além disso, ela estava com a testa franzida, tentando se concentrar.

— Acho que foi uma semana depois que Bernard foi à minha casa para conhecer meus pais e tenho quase certeza de que nesse dia ele derrubou o bule de chá no tapete Wilton. Fora isso, foi um sucesso. Bernard era perfeitamente adequado — escola pública, Cambridge, um jeito meio tímido de falar com os mais velhos. Assim começamos uma vida dupla. Éramos o jovem casal de noivos que alegrava os corações e devia casar logo que terminasse a guerra. Ao mesmo tempo, continuamos o que tínhamos começado. Havia salas vazias no Senado e em outros prédios de repartições públicas. Bernard conseguia as chaves com muita esperteza. No verão, havia os bosques de faia em volta de Amersham. Era um vício, uma loucura, mas, para ser franca, naquele tempo eu não me importava.

— Sempre que falávamos sobre o mundo à nossa volta, falávamos de comunismo. Era a nossa outra obsessão. Resolvemos perdoar ao partido a sua

atitude idiota no começo da guerra, e nos filiar a ele quando chegasse a paz e tivéssemos deixado nossos empregos. Concordávamos em tudo — Marx, Lenin, Stalin e todo o resto. Uma bela união de corpos e mentes! Tínhamos fundado uma utopia particular e era só uma questão de tempo para que todas as nações do mundo seguissem nosso exemplo. Foram esses meses que determinaram nossa formação. A frustração de todos os anos seguintes escondia o desejo de voltar àqueles dias felizes. Quando começaram as diferenças no nosso modo de ver o mundo, o tempo começou a fugir e começamos a nos irritar mutuamente. Cada desacordo era uma interrupção daquilo que sabíamos ser possível — e logo passou a haver uma única interrupção. No fim, o tempo acabou, mas as lembranças não desapareceram, acusadoras, e ainda hoje nenhum de nós pode deixar o outro em paz.

— Aprendi uma coisa naquela manhã depois do dólma. Eu tinha coragem, coragem física, e podia viver sozinha. É uma descoberta significativa para uma mulher, pelo menos era, naquele tempo. Talvez tenha sido também uma descoberta desastrosa, fatídica. Hoje não tenho tanta certeza de que devia ter ficado sozinha. É difícil contar o resto, especialmente para um cético como você.

Eu ia protestar, mas ela me impediu com um gesto.

— De qualquer modo, vou dizer outra vez. Estou ficando cansada. Logo você terá de ir embora. E eu quero lembrar outra vez o sonho também. Quero ter certeza de que você entendeu direito.

June hesitou, reunindo forças para a última fala daquela tarde.

— Sei que todos pensam que exagerei a importância de tudo aquilo — uma jovem assustada por dois cães numa estrada no campo. Mas sempre esperamos para começar a compreender nossa vida. Achamos que estamos muito velhos e preguiçosos para tentar, ou fazemos o que eu fiz, escolhemos um certo fato, encontramos em algo comum e explicável o meio de expressão para o que, de outra forma, poderia passar despercebido — um conflito, uma mudança de atitude, uma nova compreensão. Não estou dizendo que aqueles animais eram algo diferentes do que pareciam ser. Apesar do que Bernard diz, não acredito realmente que pertencessem a Satanás, fossem cães do inferno, presságios divinos ou seja lá o que for que algumas pessoas acreditam. Mas há um lado da história que ele recusa enfatizar. Da próxima vez que estiver com Bernard, peça a ele para contar o que o prefeito de St. Maurice nos contou sobre aqueles cães. Tenho certeza de que ele vai lembrar. Foi numa longa tarde no terraço do Hôtel des Tilleuls. Eu não atribuí nenhum caráter mitológico àqueles animais. Apenas os usei. Eles me libertaram. Eu obtive uma revelação.

Sua mão deslizou sobre as cobertas na minha direção. Eu não tive coragem de estender o braço e segurá-la na minha. Um impulso jornalístico, uma estranha

ideia de neutralidade me impediu. Ela continuou a falar e eu continuei a desenhar os arabescos da minha taquigrafia, sentindo-me imponderável, com a cabeça vazia, suspenso na minha incerteza entre dois pontos, o banal e o profundo. Não sabia qual dos dois estava ouvindo. Embaraçado, inclinei-me sobre o caderno de anotações para não enfrentar os olhos dela.

— Eu encontrei o mal e descobri Deus. Chamo a isso de minha revelação, mas é claro que não é nada nova, e não é minha. Todos nós temos de fazer isso por nós mesmos. As pessoas a descrevem com palavras diferentes. Suponho que todas as grandes religiões do mundo começaram com contatos inspirados de indivíduos com a realidade espiritual e seu esforço posterior para manter vivo esse conhecimento. Grande parte se perde no meio das regras, ritos e o desejo de poder. Assim são as religiões. No fim, pouco importa a forma como é descrita, uma vez que a verdade essencial foi compreendida — que temos dentro de nós recursos infinitos, um potencial para um estado mais elevado do ser, uma bondade...

Eu já ouvira isso antes, de um modo ou de outro, de um professor espiritualista, de um vigário dissidente, de uma velha amiga que acabava de voltar da Índia, de profissionais da Califórnia e de hippies dopados. June percebeu meu movimento impaciente na cadeira; mas continuou.

— Chame de Deus, ou de espírito do amor, de Atman, Cristo ou de leis da natureza. O que eu vi naquele dia, e em muitos outros dias desde então, foi um halo de luz colorida em volta do meu corpo. Mas a aparência é irrelevante. O que importa é fazer a conexão com o centro, com o ser interior, e depois estender e aprofundá-lo. Então, trazê-lo para fora, para os outros. O poder curativo do amor...

A lembrança do que aconteceu depois ainda era dolorosa para mim. Estava acima da minha vontade, o desconforto era simplesmente intenso demais. Não suportaria ouvir novamente. Talvez os anos de solidão tivessem sido o alimento do meu ceticismo, a minha proteção contra aqueles clarins que chamavam para o amor, para melhorar o espírito, para os despojar do cerne defensável do eu e deixar que ele se dissolva no leito morno do amor e da bondade universais. O tipo de conversa que me faz corar. Fico embaraçado por pessoas que falam desse modo. Não consigo ver, não acredito.

Murmurando uma desculpa sobre cãibra na perna, eu me levantei depressa demais. A cadeira caiu para trás e bateu no armário com um estalo. Quem se assustou fui eu. June me observou, com um ar de leve zombaria quando comecei a me desculpar pela interrupção, e disse.

— Eu sei. As palavras estão cansadas, e eu também. De outra vez será melhor eu explicar o que quero dizer. Em outra ocasião...

June não teve forças para enfrentar minha descrença. Aquela tarde tinha terminado.

Tentei me desculpar outra vez e ela me interrompeu. Seu tom de voz era leve, mas podia significar que estava ofendida.

— Será que se importa de passar uma água nessas xícaras antes de sair? Muito obrigada, Jeremy.

De costas para ela, enquanto lavava as xícaras, ouvi o suspiro com que June se acomodou na cama. Lá fora, os galhos ainda balançavam ao vento. Senti um prazer momentâneo por estar voltando ao mundo para que o vento oeste me levasse para Londres, para o meu presente, para fora do passado de June. Enquanto enxugava e guardava as xícaras e os pires, tentei compor uma desculpa melhor para o meu comportamento rude. A alma, uma vida depois desta, um universo repleto de significado: era exatamente o conforto concedido por essa crença aos corações de boa vontade que me incomodava. A convicção e o interesse por mim mesmo estavam estreitamente ligados. Como dizer isso a ela? Quando me volvei, June estava com os olhos fechados e a respiração leve e regular.

Mas não estava dormindo. Quando apanhei a sacola que estava ao lado da cama, ela murmurou sem abrir os olhos.

— Eu queria relembrar aquele sonho mais uma vez. Estava no meu caderno de anotações, o sonho que precedia o sono, breve, sempre o mesmo, que a perseguia há quarenta anos: dois cães correm num caminho estreito na Gorge. O maior deixa um rastro de sangue, perfeitamente visível nas pedras brancas. June sabe que o prefeito de uma cidade próxima não mandou seus homens atrás dos cães. Eles descem para as sombras dos penhascos altos, entram nas moitas cerradas e saem do outro lado. Ela os vê novamente no outro lado do desfiladeiro, a caminho das montanhas e, embora estejam se distanciando dela, é nesse momento que o terror a domina. June sabe que eles vão voltar.

Eu a tranquilizei.

— Está anotado.

— Deve lembrar que ele chega quando estou ainda meio acordada. Eu os vejo realmente, Jeremy.

— Não vou esquecer.

Ela balança a cabeça com os olhos ainda fechados.

— Pode encontrar a saída sozinho?

Era quase uma piada, uma pálida ironia. Inclinei-me, beijei sua testa e murmurei.

— Acho que sou capaz.

Então atravessei o quarto silenciosamente e sal para o corredor e para o

carpete com espirais vermelhas e amarelas, pensando, como sempre que a deixava, que aquela fora a última vez.



E foi.

June morreu quatro semanas depois, “tranquilamente enquanto dormia”, como disse a enfermeira-chefe que telefonou para Jenny. Não acreditamos que tivesse sido assim, mas também não queríamos duvidar.

Ela foi enterrada no cemitério da igreja da cidadezinha próxima do Chestnut Reach. Fomos de carro com nossos filhos, dois sobrinhos e levamos também Bernard. Foi uma viagem desconfortável. Fazia calor, havia muita gente no carro e consertos e tráfego intenso na estrada. Bernard, no banco da frente, não disse uma palavra. Às vezes cobria o rosto com as mãos por um ou dois segundos. A maior parte do tempo olhava para a frente. Não parecia estar chorando. Jenny estava no banco de trás com o bebê no colo. Ao lado dela as crianças discutiam sobre a morte. Nós ouvíamos, incapazes de mudar o assunto da conversa. Alexander, nosso filho de quatro anos, não se conformava com a ideia de que iam pôr sua vovó, de quem ele gostava tanto, dentro de um caixão, pôr o caixão num buraco e cobrir com terra.

— Ela não gosta disso — afirmou ele, com a maior segurança. Harry, o primo de sete anos, estava a par dos fatos.

— Ela está morta, idiota. Morta e gelada. Não sabe nada do que está acontecendo.

— Quando ela vai voltar?

— Nunca. Você não volta quando está morto.

— Mas quando ela volta?

— Nunca nunca nunca. Ela está no céu, idiota.

— Quando ela vai voltar? Vovô? Quando, vovô?

Foi um alívio ver tanta gente num lugar tão remoto. Desde a igreja normanda os carros enfileiravam-se formando ângulos com a estrada, sobre a relva. O ar dançava sobre as capotas quentes. Eu estava apenas começando a assistir enterros regularmente, até então exclusivamente cerimônias leigas por três amigos que morreram de AIDS. A cerimônia anglicana daquele dia eu conhecia do cinema. Como uma das grandes falas de Shakespeare, a oração ao lado do túmulo, gravada em fragmentos da memória, era uma sucessão de frases brilhantes, títulos de livros, cadências agonizantes que sopravam vida, alerta e pura, ao longo da espinha. Eu observava Bernard. Ele estava à direita do vigário

com os braços retos aos lados do corpo, olhando para a frente, como no carro, perfeitamente controlado.

Depois da cerimônia eu o vi se afastar dos amigos de June e caminhar entre as lajes mortuárias, parando aqui e ali para ler o que estava escrito, para finalmente chegar a uma árvore. Parou na sombra, com os cotovelos apoiados no muro do cemitério. Fui até ele para dizer as poucas e embaraçosas frases que tinha preparado, quando o ouvi pronunciar o nome de June em voz alta, por sobre o muro. Cheguei mais perto e vi que estava soluçando. Balançava o corpo para a frente e para trás, para a frente e para trás, na sombra da árvore, e soluçava. Fiz meia-volta, sentindo-me culpado por interromper, e voltei rapidamente, passei pelos dois homens que enchiam o túmulo de terra, alcançando a multidão que conversava, a tristeza esvaecendo no ar de verão à medida que se afastava do cemitério, seguindo pela estrada, passando os carros estacionados, na direção da entrada de um campo de relva não-aparada em cujo centro estava armada uma barraca de cor creme com as laterais enroladas para cima por causa do calor. Atrás de mim, terra seca e pedras tilintavam nas pás dos coveiros. Mais adiante estava a cena que provavelmente June teria imaginado: crianças brincando de entrar e sair do meio das cordas que sustentavam a barraca, garçons com paletós brancos engomados servindo drinques atrás de mesas sobre cavaletes cobertas com toalhas e os primeiros convidados, um jovem casal, já rolando na relva.

Segunda parte

BERLIM

Pouco mais de dois anos depois, às seis e meia de uma manhã de novembro, acordei e descobri Jenny na cama, ao meu lado. Ela havia passado dez dias em Estrasburgo e Bruxelas e voltou tarde da noite. Rolamos na cama num abraço sonolento. Pequenos reencontros como esse são uns dos mais deliciosos prazeres domésticos. Seu corpo me parecia familiar e novo ao mesmo tempo — com que facilidade nos acostumamos a dormir sozinhos. Ela estava com os olhos fechados e com um leve sorriso encaixou o rosto no espaço entre as minhas clavículas que durante os anos parecia ter se moldado à sua forma. Tínhamos no máximo uma hora, talvez menos, antes que as crianças a descobrissem — muito mais excitante para elas porque eu fora muito vago sobre o dia da sua volta, para o caso de Jenny não conseguir tomar o último avião. Estendi o braço e apertei as nádegas macias. Suas mãos moveram-se com leveza na minha barriga. Procurei a saliência estranha na base do seu dedo mínimo onde fora amputado um sexto dedo, logo depois que ela nasceu. Tantos dedos, a mãe dela costumava dizer, quanto as pernas de um inseto. Alguns minutos depois, talvez interrompidos por um breve cochilo, começamos a fazer amor, amistoso e tranquilo, que é um privilégio e um compromisso da vida de casado. Estávamos acordando para a urgência do nosso prazer e nos movendo com maior vigor no interesse de ambos, quando o telefone tocou na mesa de cabeceira. Devíamos ter lembrado de desligá-lo. Trocamos um olhar. Em silêncio, concordamos que àquela hora um telefonema era pouco comum e podia ser uma emergência. Provavelmente era Sally. Por duas vezes Sally havia morado conosco e a tensão que provocou em nossa vida foi tão grande que não pudemos ficar com ela. Alguns anos atrás, quando tinha vinte e um anos, Sally casou com um homem que a espancava e a deixou com um filho. Dois anos depois, Sally foi considerada incapaz, violenta demais para cuidar do filho que estava agora com pais adotivos. Ela conseguiu se livrar do alcoolismo de muitos anos só para fazer outro casamento desastroso. Morava agora num hotel em Manchester. Sua mãe, Jean, estava morta e Sally contava conosco para afeição e apoio. Ela nunca pedia dinheiro. Nunca me livrei da ideia de que eu era responsável por sua infelicidade.

Jenny estava deitada de costas, e eu me inclinei sobre ela para atender o

telefone. Mas não era Sally, era Bernard, já no meio de uma frase. Ele não estava falando, estava tartamudeando. Ouvi comentários excitados ao fundo, que pararam quando soou a sirene da polícia. Tentei interromper, dizendo o nome dele. A primeira coisa inteligível que ouvi foi.

— Jeremy, está ouvindo? Ainda está aí?

Senti que me encolhia dentro da filha dele. Procurei falar com calma.

— Bernard, não entendi uma palavra. Comece outra vez, devagar.

Jenny fazia sinais oferecendo-se para pegar o telefone. Mas Bernard recomeçou a falar. Balancei a cabeça e olhei para o travesseiro.

— Ligue o rádio, meu caro rapaz. Ou a televisão, melhor ainda. Eles estão jorrando de todos os lados. Você não vai acreditar...

— Bernard, quem está jorrando e aonde?

— Acabei de dizer. Estão derrubando o Muro! É difícil de acreditar, mas estou vendo neste momento os berlinenses do leste passando para cá...

Meu primeiro pensamento egoísta foi de que isso não exigia nenhuma providência da minha parte. Não precisava sair da cama e de casa para fazer alguma coisa útil. Prometi a Bernard que telefonava mais tarde, desliguei e contei para Jenny.

— Espantoso.

— Incrível.

Fazíamos o possível para manter a importância do fato a uma certa distância, pois não pertencíamos ainda ao mundo, à comunidade progressista das pessoas completamente vestidas. Estava em jogo um princípio importante, manter a prioridade da nossa vida privada. Assim, recomeçamos. Mas o encanto fora quebrado. Multidões eufóricas surgiam na luz do começo do dia no nosso quarto. Nós dois estávamos em outro lugar.

Finalmente foi Jenny quem disse.

— Vamos descer para ver.

Ficamos de pé na sala de estar com nossos robes e xícaras de chá, olhando para a televisão. Não parecia correto sentar. Os berlinenses do leste com jaquetas de náilon e de jeans lavado, empurrando carrinhos de criança ou levando os filhos pela mão, passavam em fila pelo Checkpoint Charlie, sem apresentar nenhum documento. A câmara balançava e ondulava entre abraços emocionados. Uma mulher chorosa, seu rosto tornado fantasmagórico pela luz de um único *spot* de televisão, estendeu as mãos, quis falar, mas estava emocionada demais para dizer qualquer coisa. Multidões de berlinenses do leste davam vivas e batiam alegremente nas capotas de cada bravo e ridículo Trabant que rodava para a liberdade. Duas irmãs abraçadas recusaram se separar para a entrevista. Jenny e eu assistíamos chorando e, quando as crianças entraram correndo para o

pequeno drama do reencontro, a emoção dos abraços e carícias no carpete da sala foi intensificada pelos alegres eventos em Berlim — e Jenny continuou a chorar.

Uma hora depois Bernard voltou a telefonar. Há quatro anos ele me chamava de “caro rapaz”, desde que, eu suspeitava, ele havia entrado para o Garrick Club. Jenny afirmava que era a medida da distância percorrida a partir do título de “camarada”.

— Meu caro rapaz. Quero ir a Berlim o mais depressa possível.

— Boa ideia — respondi imediatamente. — Você deve ir.

— As passagens estão valendo ouro em pó. Todo mundo quer ir. Fiz duas reservas provisórias num voo desta tarde. Preciso confirmar dentro de uma hora.

— Bernard, estou indo para a França.

— Faça um pequeno desvio. É um momento histórico.

— Telefone depois.

Jenny ficou furiosa.

— Ele tem de ver seu Grande Erro corrigido. Vai precisar de alguém para carregar as malas. Dito desse modo, eu estava pronto para dizer não. Mas enquanto tomávamos o café da manhã, entusiasmado pelo triunfalismo estridente da televisão portátil preto-e-branca sobre a pia da cozinha, comecei a sentir uma urgência impaciente, uma necessidade de aventura, depois de vários dias de afazeres domésticos. Outro rugido em miniatura escapou do pequeno aparelho e me senti como um garoto proibido de entrar no estádio no dia da decisão do campeonato de futebol. A história estava acontecendo sem a minha presença.

Depois de deixar as crianças na creche e na escola, conversei outra vez com Jenny. Ela sentia-se feliz por estar novamente em casa. Ia de quarto em quarto, com o telefone sem fio sempre ao alcance da mão, cuidando das plantas um tanto emurchecidas sob os meus cuidados.

— Vá — foi sua recomendação. — Não ligue para mim. Estou com ciúmes. Mas antes de ir, acho melhor você acabar o que começou.

O melhor de todos os planos possíveis. Modifiquei meu itinerário para Montpellier acrescentando a passagem por Berlim e Paris e confirmei a reserva feita por Bernard. Telefonei para meu amigo Günter em Berlim perguntando se podíamos usar seu apartamento. Telefonei para Bernard dizendo que o apanharia de táxi às duas horas. Cancelei compromissos, deixei instruções e fiz as malas. A televisão mostrava a fila de meio quilômetro de berlinenses do leste do lado de fora de um banco, tentando resgatar seus cem *Deutschmarks*. Jenny e eu voltamos para o quarto por uma hora, depois ela saiu apressada para um compromisso. Vestido com meu robe, sentei na cozinha e almocei mais cedo a comida requentada da véspera. Na pequena televisão outras partes do Muro

tinham sido derrubadas. Gente do mundo todo convergia para Berlim. Era uma festa imensa. Jornalistas e as equipes de televisão não encontravam vagas nos hotéis. Subi para o quarto e quando estava no chuveiro, revigorado e purificado pelo ato do amor, berrando em italiano os trechos de Verdi que conseguia lembrar, congratulei-me por minha vida rica e interessante.



Uma hora e meia depois deixei o táxi esperando na Addison Road e subi correndo o lance de escada até o apartamento de Bernard. Ele estava de pé no lado de dentro da porta aberta, segurando O chapéu e o sobretudo e com as malas no chão. Ultimamente ele havia adquirido o hábito da minuciosa exatidão dos idosos, o cuidado necessário para compensar as falhas da memória. Apanhei as malas (Jenny tinha razão) e ele ia fechar a porta quando franziu a testa e ergueu um dedo.

— Uma última verificação.

Deixei as malas no chão e fui atrás dele e vi quando apanhou as chaves da casa e o passaporte na mesa da cozinha. Estendeu-os para mim com uma cara de “bem que eu falei”, como se eu os tivesse esquecido e ele merecesse ser congratulado por lembrar.

Eu já havia andado em táxis de Londres com Bernard. Suas pernas chegavam quase à divisão que nos separava do motorista. Estávamos ainda em primeira, apenas dando partida, e Bernard, com as mãos em forma de campanário sob o queixo, começou a falar.

— Ocaso é... — Sua voz não tinha, como a de June, aquele estacato mandarim do tempo de guerra, era levemente aguda, com enunciação exageradamente precisa, como devia ser a de Lytton Strachey ou de Malcolm Muggeridge, no estilo de certos galeses cultos. Para quem não o conhecia e ainda não gostava dele, podia parecer afetada. — O caso é que a unificação alemã era inevitável. Os russos vão chocalhar seus sabres, os franceses vão sacudir os braços no ar, os britânicos vão murmurar “umm e ah”. Quem pode saber o que os americanos vão querer, o que vai ser mais conveniente para eles. Mas nada disso importa. Os alemães terão a unificação porque querem e está garantida na sua Constituição e ninguém pode impedir. Eles a teriam mais cedo ou mais tarde porque nenhum chanceler com a cabeça no lugar vai deixar essa glória para seu sucessor. E a terão nos termos da Alemanha ocidental porque é ela que está pagando.

Bernard expunha todas as suas opiniões como fatos estabelecidos, e suas

certezas tinham uma força sinuosa. O que eu devia fazer era apresentar outro ponto de vista, quer acreditasse nele ou não. Seus hábitos para uma conversa particular haviam sido formados por anos de debate público. Uma boa e justa discussão sobre ideias diferentes nos levaria à verdade. A caminho de Heathrow eu obedientemente argumentei que os alemães orientais podiam manter algumas das características do seu sistema de vida e de governo, o que dificultaria sua assimilação, que a União Soviética tinha centenas de milhares de soldados na República Democrática Alemã e se quisesse poderia afetar o resultado e que a união dos dois sistemas em termos de economia e de prática podia levar anos.

Bernard balançou a cabeça afirmativamente, satisfeito. Com o queixo ainda apoiado nas pontas dos dedos, esperou pacientemente que eu terminasse de falar para expor seus argumentos. Metódica e ordenadamente ele começou o estudo. A enorme repulsa popular ao governo da Alemanha oriental chegou a um ponto em que as fidelidades remanescentes ao antigo sistema só serão descobertas muito mais tarde, sob a forma de nostalgia. A União Soviética não estava mais interessada em controlar seus satélites do leste. Não era mais uma superpotência a não ser em termos de poderio militar e precisava demais da boa vontade do Ocidente e do dinheiro da Alemanha. Quanto às dificuldades práticas da unificação alemã, podiam ser resolvidas mais tarde, depois que o casamento político tivesse garantido ao chanceler seu lugar nos livros de história e uma boa probabilidade de vencer a próxima eleição com milhões de novos eleitores agradecidos.

Bernard continuou a falar, sem perceber que O táxi tinha parado em frente ao terminal. Inclinei-me para a frente para pagar a corrida, enquanto ele passava à resposta do terceiro item da minha argumentação. O motorista virou para trás e abriu a divisória de vidro para ouvir o que ele dizia. Devia ter uns cinquenta anos, era completamente calvo, com um rosto de bebê, de pele esticada e olhos azuis brilhantes.

Quando Bernard terminou, ele disse.

— Sim, e depois, companheiro? Os chucrutes começam a querer mandar no mundo outra vez. Foi assim que começou toda a confusão.

Bernard praticamente se encolheu quando o motorista começou a falar e estendeu a mão para sua mala. As consequências da unificação alemã seriam provavelmente o novo assunto do debate, mas, sem se deixar levar pelo argumento nem por um minuto, Bernard, embaraçado, começou a sair do carro.

— Onde está a sua estabilidade? — dizia o motorista. — Onde o seu equilíbrio de forças? No seu lado oriental vocês têm a Rússia entrando pelo cano e todos aqueles países pequenos, Polônia e o resto, enterrados na merda com débitos e tudo o mais...

— Sim, sim, tem razão, sem dúvida isso deve nos preocupar — disse Bernard, a salvo agora, na calçada. — Jeremy, não podemos perder esse avião. O motorista abaixou o vidro do carro.

— No ocidente, vocês têm a Grã-Bretanha que não tem nada de europeu, nada mesmo. Têm ainda a língua nos fundilhos da América, se perdoa o meu francês. Sobram só os franceses. Deus do céu, os franceses!

— Até logo e muito obrigado — disse Bernard suavemente e saiu carregando as malas até uma certa distância. Eu o alcancei na porta automática do terminal. Ele pôs a mala no chão na minha frente e esfregou a mão direita com a esquerda, dizendo: — Eu simplesmente não suporto esses motoristas tagarelas.

Eu sabia o que ele queria dizer, mas pensei também que Bernard era exigente demais na escolha do adversário de um debate.

— Você perdeu o contato com o homem comum.

— Eu nunca tive, meu caro rapaz. Minha especialidade sempre foram as ideias.

Meia hora depois do avião levantar voo, pedimos champanhe e brindamos à “liberdade”. Então Bernard voltou ao assunto do homem comum. — Mas June jamais perdeu o contato. Ela podia se dar bem com qualquer pessoa. Ela teria gostado daquele motorista. Uma coisa surpreendente para quem acabou vivendo isolada do mundo. Na verdade, June era muito mais comunista do que eu.

Naquele tempo, quando falavam em June eu sentia uma ponta de culpa. Desde sua morte, em julho de 1987, eu não havia feito nada com suas memórias, a não ser catalogar minhas anotações e guardá-las num arquivo de mesa. Meu trabalho (eu dirijo uma editora especializada em livros escolares), a família, a mudança de casa no ano anterior — todas essas desculpas de praxe não diminuíram meu sentimento de culpa. Talvez minha viagem à França, a *bergerie* e tudo que se ligava a ela me servisse de inspiração para recomeçar o trabalho. Além disso, eu ainda queria fazer algumas perguntas a Bernard.

— Não acredito que June considerasse isso um elogio.

Bernard ergueu o copo para que a luz do sol que inundava a cabine refletisse no champanhe.

— Hoje em dia, quem acha? Mas durante um ou dois anos, ela defendeu a causa com unhas e dentes, como uma leoa.

— Até o Gorge de Vis.

Bernard sabia quando eu estava tentando obter informação. Recostou no banco e sorriu, sem olhar para mim.

— Estamos então agora nesse tempo e nessa vida?

— Está na hora de começar a fazer alguma coisa a respeito.

— Alguma vez ela contou a nossa briga? Em Provença, quando voltávamos

da Itália, a caminho de casa, uma semana mais ou menos antes de chegarmos ao Gorge.

— Não, acho que ela nunca falou nisso.

— Foi na plataforma da estação, perto de uma cidadezinha cujo nome não lembro agora. Esperávamos o trem local para Arles. Era uma estação descoberta, pouco mais do que uma parada, na verdade, e terrivelmente destruída. A sala de espera fora incendiada. Fazia calor, não havia sombra nem lugar para sentar. Estávamos cansados e o trem atrasado. Não havia mais ninguém na estação. Condições perfeitas para nossa primeira briga conjugal.

— Depois de algum tempo, deixei June ao lado da nossa bagagem e caminhei até o fim da plataforma — você sabe, como fazemos quando o tempo parece não passar. Estava tudo em péssimo estado. Acho que haviam derrubado um barril de piche. As pedras da calçada estavam soltas e o mato tinha crescido entre elas e secado com o calor. Na parte de trás, longe dos trilhos, havia uma moita de arbustos que tinham conseguido vingar apesar de tudo. Parei para admirar as plantas e notei um movimento numa das folhas. Cheguei mais perto e lá estava uma libélula, vermelha, *Sympetrum sanguineum*, um macho, vermelho brilhante. Não, são exatamente raras, mas aquela era enorme, uma beleza.

— Por incrível que pareça, eu a apanhei com as duas mãos em concha, corri pela plataforma e pedi para June segurar o inseto enquanto eu apanhava meu kit de viagem na sacola. Eu a abri e com o vidro de líquido mortal na mão pedi a June para se aproximar com a libélula. June estava ainda com as mãos fechadas em concha, uma sobre a outra, assim, e olhava para mim com horror. Perguntou, “O que você vai fazer?” E eu disse, “Quero levá-la para casa”. June não se aproximou de mim. “Quer dizer que vai matá-la?” “É claro que vou”, respondi, “é uma beleza”. Então June disse com lógica fria. “É uma beleza, logo você vai matá-la”. Como você sabe, June cresceu muito perto do campo e jamais teve problemas para matar camundongos, ratos, baratas, vespas — na verdade, qualquer coisa que a incomodava. Estava um calor de rachar e não era o momento para começar uma discussão ética sobre o direito dos insetos. Portanto, eu disse, June, só quero que traga a libélula até aqui”. Talvez eu tenha sido um pouco brusco. Ela recuou um passo e percebi que se preparava para soltar o inseto. June, você sabe o quanto ela significa para mim. Se você a soltar, jamais a perderei.” June travava uma luta íntima. Repeti o que tinha dito e então ela se aproximou de mim, muito calada, pôs a libélula na minha mão e me viu pôr o inseto no vidro, fechar a tampa e guardar na caixa. Continuou em silêncio enquanto eu guardava tudo na sacola, e então, talvez sentindo-se culpada por não ter soltado a libélula, ela explodiu num tremendo acesso de fúria.

O carrinho de bebidas estava passando pela segunda vez e Bernard

interrompeu a história para resolver que não queria outra dose de champanhe. — Como as melhores brigas, passou rapidamente do particular para o geral. Minha atitude para com a pobre criatura era típica da minha atitude para com todas as outras coisas, incluindo ela mesma. Eu era frio, teórico, arrogante. Jamais demonstrava nenhuma emoção e a impedia de demonstrar o que sentia. Ela sentia-se vigiada, analisada, como se fizesse parte da minha coleção de insetos. Eu só me interessava por abstrações. Eu dizia que amava a “criação”, como June a chamava, mas na verdade eu queria controlar, etiquetar, arranjá-la em fileiras. E a minha política era também discutível. O que me incomodava era a sujeira e não tanto a injustiça. Não era a fraternidade da raça humana que eu desejava, mas a organização eficiente do homem. O que eu queria era uma sociedade arrumada como um quartel, justificada por teorias científicas. Estávamos ali de pé sob aquele sol feroz e June gritava comigo, “Você nem ao menos gosta das pessoas da classe trabalhadora! Nunca fala com elas. Não sabe como elas são. Você as odeia. Só quer arranjá-las em filas perfeitas como seus malditos insetos!”

— E o que você disse?

— Não muito, no princípio. Você sabe como detesto cenas. Só pensava, eu casei com esta bela moça e ela me odeia. Que engano terrível! E então, porque precisava dizer alguma coisa, comecei a fazer a defesa do meu passatempo. A maioria das pessoas, eu disse, instintivamente detesta o mundo dos insetos e os entomologistas são os únicos que dão atenção a eles, que estudam seus modos de vida, seu ciclo vital e, de um modo geral, cuidam deles. Dar nome aos insetos, classificá-los em grupos e subgrupos era uma parte importante de tudo isso. Se você aprende o nome de uma parte do mundo, você aprende a amá-la. Matar alguns insetos era irrelevante comparado com esse fato mais abrangente. As populações de insetos são enormes, mesmo das espécies raras. São clones genéticos uns dos outros, portanto não fazia sentido falar de indivíduos, muito menos dos seus direitos. “Lá vem você outra vez”, disse ela, “Não está falando comigo, está dando uma palestra”. Foi então que comecei a me irritar. Quanto à minha política, eu disse, sim, eu gostava de ideias e que mal havia nisso? Cabia às outras pessoas concordar ou discordar e provar que estavam erradas. E era verdade, eu me sentia constrangido com pessoas da classe trabalhadora, mas isso não queria dizer que as detestava. Era absurdo. Eu compreenderia perfeitamente se elas não se sentissem à vontade comigo. Quanto aos meus sentimentos para com ela, sim, eu não demonstrava muito meus sentimentos, mas isso não queria dizer que não sentia. Simplesmente era o modo que fui criado e se cuja não havia dito isso um número suficiente de vezes, então, pedia desculpas e prometia, a partir daquele momento, dizer todos os dias, se fosse preciso.

— Então aconteceu uma coisa extraordinária. Na verdade, aconteceram duas coisas ao mesmo tempo. Enquanto eu falava, nosso trem chegou com muito barulho e muita fumaça e vapor e, assim que ele parou, June começou a chorar, me abraçou e contou que estava grávida e que quando segurou o pequeno inseto nas mãos sentiu-se responsável não só pela vida que crescia dentro dela, mas pela vida em geral, e que permitir que eu matasse aquela linda libélula fora um grande erro e ela estava certa de que ia acontecer alguma coisa terrível ao bebê. O trem partiu e nós continuávamos abraçados na plataforma. Eu tinha vontade de dançar de alegria, mas como um idiota, estava tentando explicar Darwin para June e tranquilizá-la, dizendo que não existia espaço na ordem das coisas para o tipo de vingança que ela estava insinuando, e que nada ia acontecer ao nosso bebê...

— Jenny.

— Sim, é claro. Jenny.

Bernard apertou o botão no teto e disse à aeromoça que tinha mudado de ideia e queria mais champanhe. Quando chegou, erguemos nossos copos, ao que parecia, ao nascimento iminente da minha mulher.

— Depois disso não podíamos nem pensar em esperar outro trem e caminhamos para a pequena cidade — pouco mais do que uma aldeia, na verdade, e eu gostaria de lembrar o nome — encontramos o único hotel e um quarto enorme onde a madeira rangia, no primeiro andar, com uma varanda que dava para a pequena praça. Lugar perfeito e sempre pensamos em voltar algum dia. June sabia o nome da cidade e agora eu jamais vou saber. Ficamos dois dias, comemoramos o bebê, fizemos uma revisão das nossas vidas e planos, como qualquer jovem casal. Foi uma reconciliação maravilhosa — e mal saímos do quarto.

— Porém, certa noite, June dormiu cedo e eu estava inquieto. Fui dar uma volta na praça e tomei alguns drinques num café. Você sabe como é estar intensamente com uma pessoa durante horas e horas e de repente ficar sozinho outra vez. É como sair de um sonho. Voltamos a nós mesmos. Sentei à mesa na calçada do bar, fiquei vendo os homens jogar boule. A noite estava muito quente e pela primeira vez eu tinha oportunidade de pensar nas coisas que June dissera na estação. Tentei imaginar como seria acreditar, acreditar de verdade, que a natureza pode se vingar da morte de um inseto prejudicando um feto. June estava falando sério, a ponto de chorar. Mas francamente, eu não consegui. Era pensamento mágico, completamente alheio a mim...

— Mas, Bernard, nunca sentiu isso, quando está desafiando a sorte? Nunca bateu na madeira?

— Isso é uma brincadeira, um modo de falar. Sabemos que é superstição. A

crença de que a vida realmente tem recompensas e castigos, que no fundo de tudo existe um padrão de significado além do que atribuímos a nós mesmos — isso é mágica consoladora. Somente...

— Biógrafos?

— Eu ia dizer mulheres. Talvez eu esteja dizendo que sentado ali com meu drinque, na praça pequena e quente, eu começava a compreender alguma coisa sobre mulheres e homens.

Imaginei o que a minha sensata e eficiente Jenny pensaria disso.

Bernard terminou o champanhe e olhou para os dois dedos de bebida na minha pequena garrafa. Dei a ele a garrafa e ele continuou.

— Vamos ser francos, as diferenças físicas não passam de, não passam de...

— Da ponta do iceberg?

Ele sorriu.

— A pequena extremidade de uma cunha gigantesca. Bem, o caso é que fiquei ali sentado e tomei mais um ou dois drinques. Então, sei que é bobagem dar muita importância ao que os outros dizem num momento de raiva, mesmo assim, pensei no que June tinha dito da minha política, talvez por haver um elemento de verdade em suas palavras, para todos nós, e ela já havia dito algo parecido antes. Lembro de ter pensado, ela não vai ficar muito tempo no partido. Tem ideias próprias muito fortes e estranhas.

— Tudo isso me passou pela cabeça esta tarde quando fugi daquele chofer. Se fosse June, a June de 1945, não a June que desistiu completamente da política, ela teria passado meia hora, perfeitamente feliz, discutindo política europeia com aquele homem, indicando a ele a literatura apropriada, anotando o nome dele para sua lista de correspondência e, quem sabe, convencendo-o a entrar para o partido. Ela não se importaria de perder o avião.

Tiramos da mesinha as garrafas e os copos abrindo espaço para as bandejas do almoço.

— De qualquer modo, aí está, pelo que possa valer, outro item para a vida e o tempo. Ela era melhor comunista do que eu. Mas naquela explosão na plataforma do trem era possível adivinhar um bom pedaço do futuro. Dava para perceber seu afastamento do partido e o começo de toda aquela bobagem que encheu sua cabeça desde então. Certamente não foi uma coisa repentina acontecida naquela manhã no Gorge de Vis, ou fosse lá o que ela dizia que era.

Era doloroso ver meu ceticismo atirado de volta para mim. Enquanto passava manteiga no pão, fui tentado a uma pequena maldade a favor de June. — Mas, Bernard, o que me diz da vingança do inseto?

— Que vingança?

— O sexto dedo de Jenny!

— Meu caro rapaz, o que vamos beber com o almoço?



Fomos primeiro ao apartamento de Günter na Kreuzberg. Deixei Bernard esperando no táxi, atravessei o jardim carregando as malas e subi ao quarto andar da Hinterhaus. A vizinha da frente, que estava guardando a chave para mim, falava pouco inglês e sabia que estávamos ali por causa do Muro.

— Não bom — disse ela. — Muita gente aqui. Na loja, não leite, não pão, não frutas. Na U-Bahn também. Muita gente!

Bernard mandou o chofer nos deixar na entrada de Brandemburgo, mas foi um erro e eu entendi o que a vizinha de Günter queria dizer. Muita gente, muito tráfego. As ruas, geralmente movimentadas, estavam cheias de Wartburgs e Trabants fumacentos no seu primeiro passeio naquela noite. As calçadas estavam intransitáveis. Todos, berlinenses do leste e do oeste, bem como moradores de outras cidades, eram turistas agora. Bandos de adolescentes da Berlim ocidental com latas de cerveja e garrafas de *sekt* passavam pelo nosso carro preso no engarrafamento, cantando músicas de jogos de futebol. No escudo do banco traseiro do táxi, comecei a me arrepender vagamente por não estar na *bergerie*, no alto do St. Privat, preparando a casa para o inverno. Mesmo nessa época do ano, ainda se ouve as cigarras nas noites menos frias. Então, lembrando a história de Bernard no avião, esqueci esse desejo, resolvido a conseguir dele o máximo possível, enquanto estávamos ali, e reviver as memórias de June.

Desistimos do táxi e seguimos a pé. Levamos vinte minutos para chegar ao monumento da Vitória e dali, estendendo-se à nossa frente, estava a vasta rua 17 de Junho que levava a Brandemburgo. Um pedaço de papelão amarrado sobre a placa com o nome da rua dizia “Nove de Novembro”. Centenas de pessoas caminhavam na mesma direção. A quatrocentos metros de onde estávamos, os portais de Brandemburgo, iluminados, pareciam pequenos, atarracados para sua importância global. Na sua base, a escuridão era intensificada por uma faixa larga. Só quando chegamos perto descobrimos que a faixa era formada pela multidão. Bernard andava a passo lento com as mãos atrás das costas inclinadas, como se caminhasse contra um vento forte. Todos passavam à nossa frente.

— Quando foi a última vez que você esteve aqui, Bernard?

— Sabe de uma coisa, eu nunca vim até aqui. Berlim? Foi para uma conferência no quinto aniversário do Muro, em 1956. Antes disso, meu Deus! Mil novecentos e cinquenta e três. Éramos uma delegação não-oficial de comunistas britânicos cuja missão era protestar — não, isso é muito forte —

expressar nossa reverente preocupação junto ao partido da Alemanha oriental sobre o método usado para abafar o levante. Quando voltamos para casa, fomos severamente repreendidos por alguns camaradas.

Duas moças com jaquetas de couro, jeans muito justos e botas de caubói com tachas douradas, passaram bem perto de nós. Estavam de braços dados e reagiam aos olhares que atraíam não com desafio, mas com indiferença. Ambas tinham o cabelo tingido de preto. Os rabos-de-cavalo idênticos que balançavam nas suas costas completavam uma referência passageira aos anos cinquenta. Mas não os anos cinquenta de Bernard, eu pensei. Ele as observou com a testa levemente franzida. Inclinou-se para murmurar no meu ouvido. Não era preciso, pois não havia quase ninguém perto de nós e era intenso o ruído de vozes e de passos.

— Desde que ela morreu, comecei a olhar para mulheres jovens. É patético, na minha idade. Mas eu não olho para o corpo e sim para o rosto. Estou procurando alguma coisa parecida com ela. Já se tornou um hábito. Estou sempre procurando um gesto, uma expressão, alguma coisa nos olhos ou no cabelo, qualquer coisa que a mantenha viva para mim. Não procuro a June que você conheceu, do contrário estaria matando de medo velhas senhoras. Procuro a jovem com quem casei...

A June da fotografia. Bernard pôs a mão no meu braço.

— Há mais uma coisa. Nos primeiros seis meses, eu não podia tirar da cabeça a ideia de que June queria se comunicar comigo. Aparentemente é uma coisa muito comum. A dor da perda alimenta a superstição.

— Não no seu esquema científico — imediatamente me arrependi da levandade dessa observação, mas Bernard balançou a cabeça concordando.

— Exatamente, e logo que fiquei mais forte, recuperei a razão. Mas durante um tempo não conseguia deixar de pensar que se o mundo, por algum acaso possível, fosse realmente como June o imaginava, então ela tentaria se comunicar comigo para dizer que eu estava errado e ela estava certa — que existe um Deus e a vida eterna, um lugar para onde vai o consciente. Toda aquela bobagem. E que June faria isso, de algum modo, através de uma jovem parecida com ela. E algum dia uma dessas jovens chegaria a mim com a mensagem.

— E agora?

— Agora é um hábito. Olho para uma moça e a julgo pelo que ela tem de June. Aquelas duas que passaram por aqui...

— Sim?

— A da esquerda. Você não viu? Tem a boca e as maçãs do rosto de June.

— Não vi o rosto dela.

Bernard apertou meu braço.

— Preciso perguntar a você, porque não me sai da cabeça. Há muito tempo

quero fazer essa pergunta. June falou de modo muito pessoal... sobre nós dois?

A lembrança do “tamanho” que Bernard “escolheu” me fez gaguejar.

— É claro. Ela pensava muito em você.

— Mas que tipo de coisa?

Uma vez que estava escondendo um conjunto de detalhes, senti-me na obrigação de revelar outro. — Bem, ela me contou sobre a primeira vez que vocês... sua primeira vez.

— Ah — Bernard largou meu braço e pôs a mão no bolso. Andamos em silêncio, ele pensando no que eu acabara de dizer. Mais adiante vimos no meio da 17 de Junho uma fila de furgões da mídia, salas de controle móveis, antenas parabólicas, guindastes e caminhões geradores. Sob as árvores, no Tiergarten, trabalhadores alemães desembarcavam um conjunto de lavatórios portáteis verde-escuros. Os pequenos músculos retesaram-se ao longo do queixo enorme de Bernard. Sua voz estava distante. Ele estava começando a ficar zangado.

— E é sobre essas coisas que você vai escrever?

— Bem, eu nem comecei a...

— Não lhe ocorreu levar em conta meus sentimentos sobre o assunto?

— Minha intenção sempre foi mostrar a você tudo que eu escrever. Sabe disso.

— Pelo amor de Deus! Onde June estava com a cabeça quando contou essas coisas?

Estávamos ao lado da primeira antena parabólica. Do meio da escuridão, copos vazios de plástico voavam na nossa direção, levados pelo vento. Bernard amassou um com o pé. A multidão próxima aos portais, a uns cem metros de nós, aplaudiu barulhentemente, o tipo de aplauso bem-intencionado com que o público saúda a chegada do piano no palco.

— Escute, Bernard, o que ela me contou não foi mais indiscreto do que sua história da briga na estação. Se quer saber, o ponto principal foi a ousadia suprema daquele passo para uma moça daquela época, o que prova o quanto ela se sentia atraída por você. Na verdade, você se saiu muito bem na história. Ao que parece você era, bem, muito bom nesse tipo de coisa — genial, foi a palavra usada. Ela contou como você saltou da cama, abriu a janela durante uma tempestade e gritou como Tarzan, com milhares de folhas entrando no quarto, levadas pelo vento...

Bernard teve de gritar por causa do ruído de um gerador diesel.

— Meu Deus! Não foi nesse dia! Foi dois anos depois, na Itália, quando morávamos em cima do apartamento do velho Massimo e sua mulher magricela. Eles não permitiam o menor barulho na casa. Costumávamos fazer fora, nos campos, onde quer que fosse possível. Então, naquela noite, uma tempestade

tremenda nos obrigou a ficar em casa e o barulho da chuva e do vento era tão grande que eles não ouviram nada.

— Bem — comecei a dizer. A zanga de Bernard era agora contra June.

— O que ela estava pensando quando inventou isso? Confundindo as coisas desse modo. Nossa primeira vez foi um desastre, um completo e maldito desastre. Ela o reescreveu para a versão oficial. E a maldita camada de tinta para enfeitar, outra vez.

— Se você quiser corrigir minhas anotações...

Bernard olhou para mim com desprezo e se afastou um pouco, dizendo:

— Não é exatamente minha a ideia de um livro de memórias, escrever a vida sexual de alguém como uma maldita cena de teatro. É nisso que você pensa que a vida se resume, no fim? Transar? Triunfos e fracassos sexuais? Tudo muito divertido? Estávamos passando pelo furgão da televisão. Vi de relance uns doze monitores, todos com a mesma imagem do repórter consultando de testa franzida as anotações que tinha numa das mãos e segurando distraidamente com a outra o cabo do microfone. Um suspiro longo subiu da multidão, um gemido de protesto que cresceu de volume até se transformar num rugido furioso.

Bernard mudou de ideia de repente.

— Meu Deus, você quer tanto saber! — gritou ele. — Vou lhe dizer uma coisa. Minha mulher podia estar interessada na verdade poética, ou espiritual, ou na sua verdade particular, mas ela não dava a mínima para a verdade, por fatos, para o tipo de verdade que duas pessoas podem reconhecer, independentes uma da outra. Ela criava padrões, inventava mitos. Depois adaptava os fatos a eles. Pelo amor de Deus, esqueça os fatos. Seu tema deve ser este — como pessoas iguais a June curvam os fatos para que se encaixem nas suas ideias, ao invés de fazer o contrário. Por que fazem isso? Por que continuam a fazer isso?

Hesitei em dar a resposta óbvia e chegamos perto da multidão. Duas ou três mil pessoas estavam amontoadas para ver a demolição do ponto de maior importância simbólica do Muro. Nos blocos de concreto de três metros e meio que ladeavam o acesso aos portais enfileiravam-se os soldados da Alemanha oriental nervosos, voltados para o leste. Os cinturões estavam virados para trás, com os revólveres nas costas, fora da vista do povo. Um oficial andava de um lado para o outro na frente deles, fumando e vigiando a multidão. Atrás dos soldados erguia-se a fachada iluminada dos portais de Brandemburgo com a bandeira da República Democrática Alemã adejando levemente ao vento. Barreiras mantinham o povo afastado e os murmúrios de protesto deviam ter como alvo a polícia da Alemanha ocidental que estava estacionando seus veículos na frente dos blocos de concreto. Quando chegamos, alguém atirou uma lata de cerveja num dos soldados. A lata cheia e aberta subiu rapidamente

deixando um rastro de espuma branca iluminada pela luz e, quando passou por cima da cabeça do jovem soldado, da multidão ergueram-se imediatamente gritos de protesto, em alemão, e a recomendação para que não se usasse de violência. Pela extensão dos sons das vozes compreendi que havia muita gente nas árvores, no escuro.

Não foi difícil abrir caminho até a frente da multidão. Agora que estávamos no meio dela, percebi que era mais civilizada e mais variada do que eu havia imaginado. Crianças pequenas, montadas nos ombros dos pais, avistavam tão longe quanto Bernard com toda a sua altura. Dois estudantes vendiam balões e sorvete. Um velho com óculos escuros e uma bengala branca estava imóvel com a cabeça inclinada, escutando, no centro de um grande espaço vazio. Assim que chegamos à barreira, Bernard apontou para um oficial da polícia de Berlim ocidental que conversava com um oficial do exército da Alemanha oriental.

— Falam sobre o controle da multidão. Meio caminho para a unificação.

Desde sua explosão de zanga Bernard parecia distante. Observava tudo com olhar frio e imperioso que não combinava com a excitação daquela manhã. Era como se aquela gente e o que estava acontecendo pudessem exercer fascínio até determinado ponto. Depois de meia hora era evidente que não ia acontecer nada para satisfazer o povo. Não se via nenhum guindaste pronto para retirar partes do Muro, nenhum maquinário pesado empurrava para o lado os blocos de pedra. Mas Bernard queria ficar. Assim, ficamos ali parados, no frio. A multidão é uma criatura de raciocínio lento, muito menos inteligente do que qualquer um dos seus membros. Aquela estava disposta a ficar de pé a noite toda com paciência canina, esperando por uma coisa que nós todos sabíamos que não ia acontecer. Comecei a ficar irritado. Em outros lugares da cidade comemoravam alegremente a queda do Muro, ali havia apenas a paciência tediosa e a calma senatorial de Bernard. Só depois de mais uma hora consegui convencê-lo a caminhar comigo na direção do Checkpoint Charlie.

Começamos a andar numa passagem estreita de lama ao lado do Muro onde o grafite parecia monocromático sob a luz da rua. À nossa direita havia prédios abandonados, espaços vazios com rolos de arame, montes de lixo e o mato do último verão alto ainda.

Resolvi continuar com minhas perguntas.

— Mas você ficou dez anos no partido. Deve ter aceito a distorção de muitos fatos para aguentar tanto tempo.

Eu queria tirá-lo daquela calma superior e tolerante. Mas Bernard apenas deu de ombros, aconchegou mais o sobretudo ao corpo e disse:

— É claro.

Ficou calado enquanto um grupo de estudantes passava por nós,

espremendo-se na passagem estreita entre o Muro e o prédio em ruínas.

— Como é mesmo aquela frase de Isaiah Berlin que todo mundo cita, especialmente nestes dias, sobre a característica fatal das utopias? Ele diz, se eu tenho certeza do melhor modo de conduzir a humanidade para a paz, a justiça, a felicidade, a criatividade sem fronteiras, que preço pode ser considerado muito alto? Para fazer essa omelete, não posso limitar o número de ovos quebrados. Sabendo o que eu sei, não estaria negligenciando meu dever se não aceitasse o fato de que milhares devem morrer para que milhões sejam felizes para sempre? Não como propúnhamos a nós mesmos naquele tempo, mas essa é a disposição de espírito correta. Ignorar ou reformular alguns fatos pejorativos para a unidade do partido não era nada, comparado ao rio de mentiras do que chamávamos de máquina de propaganda do capitalismo. Assim, você continua com o bom trabalho enquanto a maré se move à sua volta. June e eu chegamos tarde, por isso tínhamos a água até os tornozelos, desde o começo. As notícias que não queríamos ouvir pingavam aos poucos, como goteiras. Os julgamentos fictícios e os expurgos da década de 1930, o coletivismo obrigatório, transporte em massa, campos de trabalho forçado, censura, mentiras, perseguição, genocídio... Finalmente, as contradições são demais para você e você entrega os pontos. Mas sempre faz isso muito depois do que devia. Eu desisti em 1956, quase desisti em 1953 e devia ter desistido em 1948. Mas você sempre continua, pensando, as ideias são boas, mas as pessoas são erradas, porém isso vai mudar. E como vamos jogar fora todo este bom trabalho? Você diz a si mesmo que sempre tem de haver alguma dificuldade e que a prática ainda não se adaptou completamente à teoria e que tudo isso leva tempo. Você diz que a maior parte do que está ouvindo é tática da Guerra Fria. E como você pode estar tão errado, como tantas pessoas inteligentes, corajosas, bem-intencionadas podem estar erradas?

— Se não fosse minha formação científica, eu talvez tivesse ficado mais tempo no partido. O trabalho de laboratório nos ensina melhor do que qualquer outro como é fácil alterar um resultado para que se adapte à teoria. Não é mesmo um caso de desonestidade. É a natureza do homem — nossos desejos dominam nossa percepção. Uma experiência bem orientada evita que isso aconteça, mas esta de que falamos, há muito tempo estava fora de controle. A fantasia e a realidade me puxavam, cada uma de um lado. A Hungria foi a última gota. Eu desabei.

Fez uma pausa e depois disse, deliberadamente.

— Essa é a diferença entre mim e June. Ela deixou o partido muitos anos antes de mim, mas nunca desabou, jamais separou a fantasia da realidade. Apenas trocou uma utopia por outra. Política ou sacerdotisa, não importava, June era essencialmente uma linha-dura...

Então chegou a minha vez de ficar zangado. Passávamos por aquela parte de terreno baldio e o Muro, ainda chamada de Potsdamerplatz, abrindo caminho entre grupos de amigos reunidos em volta dos degraus da plataforma e da barraca de souvenirs, esperando que alguma coisa acontecesse. O que me aborreceu não foi simplesmente a injustiça da observação de Bernard, mas uma impaciência com a dificuldade de comunicação, e a imagem de espelhos paralelos na cama, ao invés de um homem e uma mulher, refletindo em regressão infinita semelhanças que se esvaeciam em mentiras. Quando me virei para Bernard, bati com o pulso numa coisa macia e morna na mão de um homem ao meu lado. Era um cachorro-quente. Mas eu estava zangado demais para me desculpar. As pessoas na Potsdamerplatz estavam ávidas por qualquer coisa interessante; todas as cabeças se voltaram quando comecei a gritar e logo formaram um círculo à nossa volta. — Isso é besteira, Bernard! Pior do que isso, é maldade! Você é um mentiroso!

— Meu caro rapaz.

— Você nunca deu ouvidos ao que ela dizia. Ela também não queria ouvir. Os dois se acusavam mutuamente das mesmas coisas. June não era mais linhada do que você. Dois sentimentaloides! Vocês sobrecarregaram um ao outro com suas próprias culpas.

Atrás de mim ouvi minhas palavras traduzidas para o alemão num murmúrio rápido. Bernard tentava me tirar de dentro do círculo. Mas, fervendo de ódio, eu me recusava a sair.

— Ela me disse que sempre o amou. Você disse a mesma coisa. Como puderam desperdiçar tanto tempo, e o tempo de tanta gente, dos seus filhos... ?

Foi esta última e incompleta acusação que atingiu Bernard em cheio, além do constrangimento. Apertou os lábios e se afastou de mim. De repente minha raiva desapareceu, substituída pelo remorso inevitável. Quem era esse presunçoso que pretendia descrever aos berros um casamento, tão antigo quanto ele próprio, bem na cara de um cavalheiro tão distinto? O povo perdeu o interesse e começou a voltar para a fila da barraca que vendia torres de vigia em miniatura e cartões-postais da terra de ninguém e das praias vazias da faixa da morte. Continuamos a andar. Eu estava agitado demais para pedir desculpas. Minha retratação resumiu-se a baixar a voz, procurando dar a impressão de que estava sendo razoável. Andamos lado a lado, mais depressa do que antes. O turbilhão de emoções que envolvia Bernard era evidente na absoluta falta de expressão do seu rosto. Eu continuei:

— Ela não passou de uma fantasia de utopia para outra. Foi uma busca. Ela não pretendia ter todas as respostas. Era uma jornada em busca de alguma coisa, uma jornada que ela desejava que todos fizessem, mas não pretendia forçar

ninguém a empreende-la. Como poderia? Não estava criando uma inquisição. Não se interessava por um dogma ou uma religião organizada. Era uma jornada espiritual. A descrição de Isaiah Berlin não se aplica. Não existia nenhum objetivo final pelo qual ela teria sacrificado outras pessoas. Não havia ovos para serem quebrados...

A perspectiva de um debate entusiasmou Bernard. Ele revidou com energia e imediatamente me senti perdoado.

— Está errado, meu caro rapaz, completamente errado. Chamar de busca aquilo em que ela estava empenhada não altera o fato de sua tendência absolutista. Ou você estava com ela, fazendo o que ela fazia, ou estava fora. June queria meditar e estudar textos místicos, esse tipo de coisa, tudo bem, mas não servia para mim. Eu preferi entrar para o Partido Trabalhista. Ela não aceitou a minha decisão. No fim ela insistiu na nossa separação. Eu fui um dos ovos quebrados. Nossos filhos estavam entre os outros.

Enquanto Bernard falava, eu perguntava a mim mesmo qual era o meu objetivo, tentar reconciliar Bernard com a mulher morta?

Assim, quando ele terminou, fiz um gesto de aceitação com a mão aberta e disse.

— Então, do que você sentiu falta quando ela morreu? Estávamos num daqueles lugares ao lado do Muro, onde a cartografia e alguma obstinada e esquecida política haviam determinado um absurdo, uma mudança de direção no limite do setor que voltava ao normal depois de alguns metros. Ao lado do desvio, estava uma plataforma de observação vazia. Sem uma palavra, Bernard começou a subir os degraus que levavam à plataforma e eu o segui. Lá no alto ele apontou.

— Veja.

A torre de vigia no outro lado estava vazia e, lá embaixo, iluminados pelas lâmpadas fluorescentes, moviam-se pacificamente na areia que escondia minas terrestres, armadilha e armas automáticas, dezenas de coelhos, à procura de hastes de relva para roer.

— Bem, alguma coisa se desenvolveu.

— O tempo deles está quase no fim.

Ficamos em silêncio por algum tempo. Olhamos novamente para o Muro que era, na verdade, dois muros, naquele ponto, separados por um espaço de cento e cinquenta metros. Eu nunca tinha estado na fronteira à noite e, olhando lá de cima para aquele largo corredor de arame, areia, passagem de serviço e holofotes, surpreendi-me com a claridade inocente, a indignidade descarada. Enquanto os governos tradicionais procuram esconder suas atrocidades, ali o comercial era mais sensacionalista do que qualquer néon Kurfürstendamm.

— Utopia.

Bernard suspirou e talvez estivesse pronto para responder quando ouvimos vozes e risos vindos de várias direções. Então a plataforma de observação estremeceu com os passos que subiam a escada de madeira. Nosso isolamento fora pura sorte, uma abertura no meio da multidão. Em poucos segundos quinze pessoas se acotovelavam à nossa volta, fotografando e falando alto e excitadamente em alemão, japonês e dinamarquês. Descemos, abrindo caminho contra a corrente, e continuamos nossa caminhada.

Pensei que Bernard havia esquecido minha pergunta, ou que preferia não responder, mas quando chegamos na altura dos degraus do velho prédio do *Reichstag*, ele disse.

— O que eu mais sinto falta é da seriedade dela. June era uma das poucas pessoas que já conheci que via a própria vida como um projeto, um empreendimento, algo para ser controlado e dirigido para... para a compreensão, a sabedoria — nos seus próprios termos. Quase todos nós fazemos nossos planos em função do dinheiro, das carreiras, dos filhos, esse tipo de coisa. June queria compreender, só Deus sabe o quê, ela própria, a existência, “a criação”. Não tinha paciência com o resto de nós que apenas seguimos à deriva, tomando uma coisa depois da outra, “sonambulando”, como ela dizia. Eu odiava a bobagem com que ela encheu a cabeça, mas amava sua seriedade.

Chegamos na entrada de um grande buraco cavado no que antes devia ter sido um corredor de acesso à série de celas de ladrilhos brancos para as quais estávamos olhando. Cada uma mal dava para um prisioneiro e em todas havia duas argolas de ferro pregadas na parede. Na outra extremidade do terreno havia um prédio baixo, o Museu.

Bernard disse.

— Eles vão encontrar a unha arrancada de algum pobre coitado, vão lavar e fechar num vidro com uma etiqueta. E a seiscentos metros daqui os Stasi devem estar limpando suas celas também. Surpreendido com a amargura em sua voz, olhei para ele. Bernard estava encostado num poste de ferro e parecia cansado e mais magro do que nunca, parecia outro poste dentro do sobretudo. Estava de pé e andando há quase três horas e seu cansaço era agravado pela revolta residual contra uma guerra de que só os velhos e fracos podiam lembrar perfeitamente.

— Você precisa descansar — eu disse. — Há um café por aqui, ao lado do Checkpoint Charlie.

Eu não sabia ao certo a que distância ficava. Notei que Bernard andava com passos rígidos e lentos. Culpei-me pela falta de cuidado. Atravessávamos uma rua cortada por um beco sem saída, ao lado do Muro. À luz das lâmpadas da rua o rosto de Bernard estava cinzento com gotas de suor e os olhos brilhantes

demaís. O queixo grande, o traço mais simpático do rosto enorme, deixava perceber um leve tremor de senilidade. Eu precisava levá-lo rapidamente a um lugar quente e onde pudesse comer alguma coisa e ao mesmo tempo temia que Bernard desmaiasse ali no meio da rua. Eu não tinha ideia de como se chamava uma ambulância na Berlim ocidental e ali, na margem semidestruída da fronteira, não havia telefones e até os alemães eram turistas. Perguntei se ele queria sentar e descansar um pouco mas aparentemente não me ouviu.

Eu estava repetindo a pergunta quando ouvi a buzina de um carro e um aplauso barulhento. A iluminação concentrada de Checkpoint Charlie projetava um halo leitoso de trás de um prédio abandonado na nossa frente. Em poucos minutos chegamos ao café e na nossa frente estava a cena familiar, onírica e quase em câmara lenta que eu vira com Jenny naquela manhã. Os móveis das salas dos guardas da fronteira, placas indicadoras em várias línguas, os portões estreitos e o povo saudando os pedestres da zona oriental, batendo ainda nas capotas dos Trabants, mas agora com menor entusiasmo, como para demonstrar a diferença entre o espetáculo da TV e a vida real.

Segurei o braço de Bernard quando paramos para apreciar a cena. Então abrimos caminho entre o povo para a entrada do café. Mas as pessoas por que passamos estavam numa fila. Entravam só quando vagava uma mesa. Quem ia desocupar uma mesa àquela hora da noite? Através dos vidros das janelas manchados pela condensação, víamos os felizardos comendo e bebendo envoltos pelo ar pesado e quente.

Eu ia furar a fila, alegando urgência médica, quando Bernard livrou o braço da minha mão e correu para a ilha no centro da rua onde estava uma porção de gente ao lado do guarda de trânsito americano. Até aquele momento eu não tinha visto o que Bernard estava vendo. Mais tarde ele me garantiu que todos os elementos da situação foram ordenados logo que chegamos, mas só quando chamei seu nome e corri atrás dele eu vi a bandeira vermelha. Estava num mastro curto, um cabo de vassoura talvez, seguro por um homem magro e franzino de uns vinte e poucos anos. Parecia turco. Tinha cabelo negro e crespo e estava vestido todo de negro — paletó jaquetão, camiseta e jeans. Andava de um lado para o outro na frente da multidão, com a cabeça inclinada para trás, o mastro da bandeira quase na horizontal sobre o ombro. Deu uns passos para trás e parou na frente de um Wartburg que foi obrigado a manobrar e passar ao largo dele.

A provocação começava a surtir efeito e foi isso que fez Bernard correr para a rua. Os antagonistas do jovem vestido de negro formavam um grupo heterogêneo mas o que me chamou a atenção foram dois homens de terno — executivos ou advogados — na beirada da calçada. Quando o jovem passou, um

deles deu um piparote no queixo dele, não tanto uma agressão, quanto um gesto de desprezo. O revolucionário romântico afastou o corpo bruscamente, mas fingiu que nada tinha acontecido. Uma velha senhora com casaco de pele gritou uma longa frase para ele e levantou o guarda-chuva. O cavalheiro ao lado dela a segurou pelo braço, acalmando-a. O porta-bandeira ergueu mais alto seu estandarte. O segundo homem com terno de advogado deu um passo à frente e deu um soco no ouvido dele. O golpe não atingiu em cheio, mas foi o bastante para fazer o jovem parar. Controlando-se para não levar a mão ao lugar atingido, ele continuou sua marcha. A essa altura Bernard estava quase no outro lado da rua e eu atrás dele.

No que me dizia respeito, o homem da bandeira podia receber o que estava pedindo. Minha preocupação era com Bernard. O joelho esquerdo dele parecia incomodá-lo, mas ele seguia mancando na minha frente num passo bastante rápido. Bernard já tinha visto o que se aproximava, uma manifestação mais violenta que chegava correndo da Kochstrasse. Era um grupo de uns doze, gritando enquanto corriam. Ouvi as palavras que gritavam mas naquele momento as ignorei. Preferi pensar que uma longa noite na cidade em festa os havia deixado sedentos de ação. Tinham visto um homem levar um soco na cabeça e isso os energizava. Eram rapazes com dezesseis a vinte anos. Coletivamente envolvia-os uma aura de crueldade mesquinha, um ar extravagante de desprivilegiados, com aquela palidez de acne, cabeças raspadas e bocas úmidas e moles. O turco os viu avançar para ele, jogou a cabeça para trás como um bailarino de tango e deu as costas para os atacantes. Estar ali fazendo aquilo no dia da desgraça final do comunismo demonstrava um fanatismo de mártir ou um estranho desejo masoquista de ser espancado em público. É verdade que a maioria das pessoas ali reunidas o consideravam um doido e o teriam ignorado. Afinal de contas, Berlim era uma cidade tolerante. Mas naquela noite havia uma embriaguez exaltada e alguns tinham a vaga sensação de que alguém devia ser culpado por alguma coisa — e o homem com a bandeira parecia ter encontrado todas essas pessoas num lugar só.

Alcancei Bernard e segurei o braço dele.

— Fique fora disso, Bernard. Você pode se machucar.

— Bobagem — disse ele, livrando o braço de minha mão.

Chegamos ao lado do jovem alguns segundos antes do grupo de atacantes. Ele cheirava a patchuli que, na minha opinião, não era exatamente o cheiro verdadeiro do pensamento marxista-leninista. Sem dúvida era uma fraude. Só tive tempo de dizer, “Vamos!” e estava ainda puxando o braço de Bernard quando o bando chegou. Ele abriu os braços e ficou entre eles e o homem da bandeira.

— Muito bem — disse Bernard, com aquele tom antiquado bondoso e severo de um policial inglês. Será que ele pensou que era muito velho, muito alto e muito magro, eminente demais para ser atacado? Os meninos pararam de repente, muito juntos numa alcateia, ofegantes, as cabeças e as línguas balançando, olhando atônitos para aquele bambu vestido, aquele espantalho com sobretudo, atravessado no seu caminho. Vi que dois deles traziam suásticas prateadas pregadas nas lapelas. Outro tinha a suástica tatuada nas costas da mão. Não ousei virar para trás, mas tive a impressão de que o turco estava enrolando sua bandeira e saindo de fininho. Os dois “advogados”, espantados com o resultado da própria violência, recuaram para o meio da multidão, como espectadores.

Olhei em volta à procura de ajuda. Um sargento americano e dois soldados caminhavam de costas para nós para conversar com os soldados do leste. O espanto dos meninos estava se transformando em fúria. De repente, dois deles correram e passaram ao lado de Bernard, mas o homem com a bandeira, depois de abrir caminho entre a multidão, estava correndo pela rua. Virou a esquina da Kochstrasse e desapareceu.

Os dois o perseguiram por algum tempo sem muito entusiasmo e voltaram para nós. Teriam de se contentar com Bernard.

— Agora, deem o fora — disse ele jovialmente, abanando as mãos na frente do corpo.

Eu me perguntava se era mais compreensível, ou mais odioso, o fato daqueles jovens com suásticas serem alemães, quando o menor de todos, um minúsculo cabeça-de-alfinete com uma jaqueta de aviador, avançou rapidamente e deu um pontapé na canela de Bernard. Ouvi o ruído surdo da bota batendo no osso. Com um fraco suspiro de surpresa, Bernard desabou, por partes, na calçada.

O povo rugiu sua desaprovação mas ninguém se mexeu. Dei um passo à frente, mandei um direto na direção do garoto, mas errei. Porém ele e os amigos não estavam interessados em mim. Amontoaram-se em volta de Bernard, prontos, eu pensei, para matá-lo aos pontapés. Olhei para a casa da guarda e não vi nem sinal do sargento e dos dois soldados. Agarrei um dos rapazes pelo colarinho e o puxei para trás e estendi o braço para fazer o mesmo com outro. Mas eram muitos para mim. Vi duas, talvez três botas negras levantadas para trás, preparando o chute.

Mas não completaram o movimento. Pararam, petrificados, pois naquele exato momento um vulto saiu da multidão e lançou-se sobre nós como um turbilhão, censurando os jovens com frases curtas e enérgicas. Era uma jovem furiosa. Sua força era a das ruas. Tinha credibilidade. Era contemporânea deles,

um objeto de desejo e aspiração. Ela era uma estrela e os tinha apanhado num ato vil, até mesmo para os seus padrões.

A força da sua fúria era sexual. Eles pensavam que eram homens e ela os estava reduzindo a garotos malcomportados. Não podiam permitir que os vissem encolhendo-se de medo dela, recuando intimidados. Mas era justamente o que estavam fazendo, muito embora disfarçando com risadas, encolher de ombros e insultos que não chegavam aos ouvidos de ninguém. Fingiam para eles mesmos, uns para os outros, que estavam entediados, que podiam se divertir mais em outro lugar. Começaram a se afastar na direção da Kochstrasse, mas a jovem não interrompeu seu discurso exaltado. Provavelmente eles gostariam de sair correndo, mas o protocolo os obrigava a um andar gingado, forçado e constrangido. Enquanto ela os perseguisse pela rua, gritando e agitando os braços, eles tinham de continuar com os apupos e manter os dedos enfiados na cintura das calças jeans.

Ajudei Bernard a se levantar. Só quando a jovem voltou para ver como ele estava e sua amiga identicamente vestida apareceu ao lado dela, eu as reconheci. Eram as duas que haviam passado rapidamente por nós na rua 17 de Junho. Juntos amparamos Bernard enquanto ele experimentava a perna atingida. Aparentemente não estava quebrada. Algumas pessoas o aplaudiram quando ele passou o braço por meus ombros e o levamos para longe do Checkpoint.

Levamos alguns minutos para chegar à esquina onde esperávamos encontrar um táxi. Eu estava ansioso para que Bernard tivesse reconhecido a identidade da sua salvadora. Perguntei o nome dela — Grete — e o repeti para ele. Bernard estava concentrado na dor, inclinado sobre ela, e talvez estivesse em estado de semichoque, mas eu insisti, no interesse de quê, exatamente? Com a intenção de abalar o racionalismo? O dele ou o meu? Finalmente Bernard ergueu a mão na direção da jovem e disse.

— Grete, muito obrigado, minha cara. Você salvou a minha vida. — Mas não estava olhando para ela quando disse isso.

Na Kochstrasse pensei que teria tempo para fazer algumas perguntas a Grete e à sua amiga Diana, mas assim que chegamos vimos um táxi desembarcando passageiros e o chamamos. Durante o breve intervalo de tempo em que ajudamos Bernard a entrar no carro, agradecemos e nos despedimos, eu esperei que Bernard olhasse pelo menos uma vez para seu anjo da guarda, a encarnação de June. Acenei para as duas pelo vidro traseiro do táxi e, antes de dizer ao motorista para onde devia nos levar, eu disse para Bernard.

— Você não as reconheceu? As duas moças que vimos perto da entrada de Brandemburgo, quando você me contou como durante algum tempo esperava uma mensagem de...

Bernard estava ajeitando a cabeça no encosto do banco e me interrompeu com um suspiro. Falou com impaciência para o teto acolchoado do carro, a poucos centímetros do seu nariz.

— Sim. Uma coincidência, eu suponho. Agora, pelo amor de Deus, Jeremy, leve-me para casa!

Terceira parte

MAJDANEK, LES SALCES E ST. MAURICE DE NAVACELLES
1989

No dia seguinte Bernard não arredou pé do apartamento na Kreuzberg. Deitado no sofá na pequena sala de estar, parecia tristonho, preferindo a televisão à conversa. Chamei um médico, amigo de Günter, para examinar a perna dele. Aparentemente não estava quebrada mas seria aconselhável tirar uma radiografia em Londres. No fim da manhã saí para andar um pouco. As ruas pareciam de ressaca, com latas de cerveja amassadas e garrafas em volta das barracas de cachorro-quente, guardanapos de papel manchados de mostarda e ketchup. À tarde, enquanto Bernard dormia, li os jornais e escrevi nossas conversas do dia anterior. À noite ele ainda não estava com disposição para falar. Saí para outro passeio e tomei uma cerveja numa Kneipe local. As festividades estavam recomeçando, mas para mim era o bastante. Voltei para o apartamento depois de uma hora e às dez e meia nós dois estávamos dormindo.

O voo de Bernard na manhã seguinte para Londres saía uma hora antes do meu para Montpellier, via Frankfurt e Paris. Eu tinha providenciado para que um dos irmãos de Jenny o fosse esperar em Heathrow. Bernard estava mais animado. Atravessou claudicando o terminal em Tegel, muito elegante, e usou a bengala emprestada para chamar um funcionário da companhia de aviação, recomendando para não esquecer a cadeira de rodas que tinha encomendado. O funcionário garantiu que a cadeira estaria à sua espera no portão de embarque.

Quando nos dirigíamos para o portão, eu disse:

— Bernard, eu queria perguntar uma coisa sobre os cães de June...

Ele me interrompeu.

Para a vida e o tempo? Vou dizer uma coisa. Pode esquecer essa bobagem sobre “face a face com o mal”. Jargão religioso. Mas você sabe, fui eu quem contei a ela a história do cão negro de Churchill. Está lembrado? O nome que ele deu à depressão que o atormentava de tempos em tempos. Acho que ele roubou a expressão de Samuel Johnson. Assim, a ideia de June era de que se um cão era a depressão pessoal, dois cães significavam uma espécie de depressão cultural, os piores estados de espírito da civilização. Na verdade, bem interessante. Muitas vezes fiz uso dessa ideia. Passou pela minha cabeça em Checkpoint Charlie. Não

foi a bandeira vermelha, você sabe. Acho que eles nem a viram. Você ouviu o que estavam gritando?

— Auslander raus.

— Fora estrangeiros. O Muro é derrubado e todo mundo está dançando na rua, porém mais cedo ou mais tarde...

Chegamos ao portão de embarque. Um homem de uniforme com alamares manobrou a cadeira de rodas atrás de Bernard e ele sentou com um suspiro.

Eu disse.

— Mas não era isso que eu queria perguntar. Ontem estive revendo minhas anotações. Na última vez que conversei com June, ela disse que eu perguntasse a você o que foi que o prefeito de St. Maurice de Navacelles disse sobre os cães, durante o almoço no café, naquele dia...

— No Hôtel des Tilleuls? Para o que aqueles cães foram treinados? Um perfeito exemplo. A história do prefeito simplesmente não era verdade. Ou, pelo menos, não havia nenhum meio de verificar. Mas June resolveu acreditar porque se encaixava perfeitamente. Um caso perfeito de curvar os fatos às ideias.

Entreguei as malas de Bernard ao funcionário da companhia que as pôs atrás da cadeira de rodas. Depois ficou esperando que terminássemos de conversar. Bernard recostou na cadeira com a bengala atravessada no colo. Preocupava-me ver meu sogro aceitar com tanta facilidade aquela condição de inválido.

— Mas, Bernard — eu disse. — Qual é a história? Ele disse que os cães foram treinados para quê?

Bernard balançou a cabeça.

— Fica para outra vez, meu caro rapaz, muito obrigado por ter vindo comigo. — Ergueu a bengala com ponta de borracha, em parte como uma saudação, em parte como um sinal para o funcionário da companhia aérea, que inclinou a cabeça para mim e levou seu passageiro para o avião.

Eu estava inquieto demais para descansar durante a hora de espera. Passei pelo bar, perguntando a mim mesmo se gostaria de tomar um café ou comer alguma coisa antes de deixar a Alemanha. Fiquei algum tempo na livraria mas não comprei sequer um jornal, depois de ter devorado todos, no dia anterior, durante três horas. Tinha ainda vinte minutos, tempo suficiente para dar outra volta pelo terminal. Geralmente, quando estou em trânsito num aeroporto, não a caminho da Inglaterra, examino no quadro de partidas os voos para Londres, para calibrar na minha lembrança as saudades de casa, de Jenny, da família. Quando olhava para a indicação de um único voo anunciado para Londres — no mapa de voos internacionais Berlim era uma escala secundária — algo que Bernard dissera há pouco me trouxe à memória uma das minhas primeiras lembranças de Jenny.



Em outubro de 1981 eu estava na Polônia como membro de uma amorfia delegação cultural convidada pelo governo polonês. Nessa época eu era administrador de uma companhia teatral provinciana moderadamente bem-sucedida. No grupo havia um escritor, um crítico de arte de um jornal, um tradutor e dois ou três burocratas da cultura. A única mulher era Jenny Tremaine, que representava uma instituição sediada em Paris e fundada em Bruxelas. Por sua beleza e suas maneiras um tanto distantes, ela despertou a hostilidade de alguns membros da delegação. O escritor especialmente, ofendido com o paradoxo de uma bela mulher não se impressionar com sua fama, apostou com o jornalista e um dos burocratas para ver qual deles a “conquistava” primeiro. A ideia geral era de que a senhorita Tremaine, com sua pele branca e sardenta, olhos verdes, cabelo vermelho, seus modos eficientes com sua agenda e seu francês impecável, devia ser posta no seu devido lugar. No tédio inevitável de uma visita oficial, tínhamos muito tempo para conversas e drinques no bar do hotel à noite. O efeito foi desanimador. Era impossível trocar uma ou duas palavras com aquela mulher, cuja atitude brusca, eu logo percebi, apenas escondia seu, nervosismo, sem que os outros ficassem piscando maliciosamente para mim nas costas dela, cutucando um ao outro com o cotovelo e me perguntando depois se eu “estava no páreo”.

O que me deixou mais furioso foi o fato de que, em certo sentido, eu estava. Poucos dias depois da nossa chegada a Varsóvia, eu havia me transformado num caso desesperador de paixão à moda antiga, incurável e ardente, e para o escritor e seus amigos, uma complicação hilariante. De manhã, quando tomávamos café e ela atravessava a sala para a nossa mesa, eu sentia um aperto tão violento no peito, uma sensação de vazio tão assustadora no estômago que, quando ela chegava perto de nós, eu não podia ignorá-la nem ser casualmente cortês sem revelar aos outros o que sentia. Eu nem tocava no ovo cozido e no pão de centeio.

Não tínhamos oportunidade para ficar a sós. Passávamos o dia nas salas dos comitês ou nos teatros ouvindo palestras, na companhia de editores, tradutores, jornalistas, funcionários do governo e o pessoal do Solidariedade, pois foi no tempo em que o Solidariedade começava sua ascensão, e, embora não pudéssemos saber, estava também a poucas semanas do fim, do seu desaparecimento, depois do golpe do general Jaruzelski. O assunto era um só. A Polônia. Sua urgência rodopiava em volta de nós, pressionando quando

passávamos de uma sala pouco iluminada e cheia de fumaça de cigarro para outra. O que era a Polônia? O que era o Solidariedade? A democracia tinha meios para se desenvolver? Poderia sobreviver? Os russos iam invadir a Polônia? A Polônia fazia parte da Europa? E os camponeses? As filas para comprar alimento cresciam a cada dia. O governo culpava o Solidariedade, o povo todo culpava o governo. Havia marchas de protesto nas ruas, investidas da polícia Zomo, com cassetetes, a ocupação da universidade pelos estudantes e mais discussões durante toda a noite. Eu jamais havia me preocupado muito com a Polônia, mas depois de uma semana tornei-me, como todos os outros, estrangeiro e polonês, um especialista apaixonado, se não em respostas, pelo menos num tipo certo de problema. Meu conceito de política viu-se agitado por um turbilhão. Os poloneses, que me despertavam uma admiração instintiva, instavam comigo para que eu desse apoio aos políticos do ocidente nos quais eu menos confiava, e um discurso anticomunista — até então associado a ideólogos retrógrados de direita — fluía com facilidade ali, onde o comunismo consistia numa rede de privilégios, corrupção e violência, um distúrbio mental, um conjunto de mentiras irrisórias e improváveis e, o mais evidente, o instrumento de ocupação de uma potência estrangeira.

Em todos os lugares, lá estava Jenny Tremaine, separada de mim por algumas cadeiras. Minha garganta doía, meus olhos ardiam com a fumaça de cigarro nas salas não ventiladas, sentia-me enjoado e atordoado pelas longas noites e pela ressaca de cada dia, apanhei um resfriado, nunca encontrava lenços de papel no bolso e estava sempre com febre alta. A caminho de uma palestra no teatro, vomitei no meio-fio, para desgosto de uma mulher na fila do pão, que pensou que eu estivesse bêbado. Minha febre, meu entusiasmo e minha aflição eram a combinação da Polônia, Jenny e o escritor cínico e zombeteiro e seus amigos que eu agora desprezava e que insistiam em me incluir no seu grupo e me provocavam, mantendo-me informado diariamente em que posição eu estava na corrida.

No começo da segunda semana, Jenny surpreendeu-me com o convite para acompanhá-la à cidade de Lublin, a mais de cento e sessenta quilômetros de Varsóvia. Ela queria tirar algumas fotografias do campo de concentração de Majdanek para o livro que um amigo estava escrevendo. Três anos antes, quando trabalhava no departamento de pesquisa de uma rede de televisão, eu tinha estado em Belsen e prometi a mim mesmo nunca mais olhar para um campo de concentração. Uma visita era toda a educação necessária, a segunda era morbidez. Mas agora aquela mulher com sua palidez fantasmagórica me convidava para voltar a um campo. Estávamos na frente da porta do meu quarto, logo depois do café da manhã, já atrasados para O primeiro compromisso do dia

e ela parecia querer uma resposta imediata. Explicou que nunca visitara um campo de concentração e gostaria de ir com alguém que pudesse considerar amigo. Quando terminou de dizer isso, pousou os dedos frios levemente nas costas da minha mão. Segurei a mão dela e, quando Jenny deu um passo para a frente, eu a beijei. Foi um beijo longo no vazio tristonho e impessoal do corredor do hotel. Ao som de uma porta que se abria, separamo-nos e eu disse que iria com ela. Então alguém na escada me chamou. Não tivemos tempo para conversar outra vez até a manhã seguinte quando eu contratei um táxi para a viagem. Naquele tempo, o *zloty* polonês não valia nada e o dólar americano era supremo. Consegui alugar o carro para nos levar a Lublin, esperar e nos levar de volta a Varsóvia, por vinte dólares. Conseguimos sair sem que o escritor e seus amigos nos vissem. O beijo, a sensação, o fato extraordinário, a expectativa de outro e o que viria depois preocupou-me durante vinte e quatro horas. Mas de manhã, passando pela periferia tristonha de Varsóvia, sabendo para onde estávamos indo, a sensação do beijo esmaeceu. Sentados cada um numa extremidade do banco traseiro do Lada, trocamos informações básicas sobre nossas vidas. Foi quando fiquei sabendo que Jenny era filha de Bernard Tremaine, que eu conhecia vagamente de nome pelos programas de rádio e por sua biografia de Nasser. Jenny falou sobre a separação dos pais e seu relacionamento difícil com a mãe que morava sozinha numa região remota da França e que havia abandonado o mundo, trocando-o por uma vida de meditação espiritual. Assim que ela falou em June, fiquei curioso para conhecê-la. Contei a morte dos meus pais num acidente de carro quando eu tinha oito anos, que tinha crescido com minha irmã Jean e depois morado com ela e minha sobrinha Sally, para quem eu era ainda uma espécie de pai e o meu costume de me aproximar dos pais dos outros. Acho que naquele dia comentamos com bom humor as possibilidades que eu teria de conseguir a afeição da mãe difícil de Jenny.

Minha lembrança vaga da Polônia entre Varsóvia e Lublin é de um imenso campo arado marrom-escuro atravessado por uma estrada reta e sem árvores. Nevava um pouco quando chegamos. Seguimos o conselho de amigos poloneses e pedimos para o chofer nos deixar no centro de Lublin. Eu não tinha imaginado que o campo onde foram exterminados todos os judeus, três quartos da sua população, ficasse tão perto da cidade. Ficam lado a lado, Lublin e Majdanek, matéria e antimatéria. Paramos no lado de fora da entrada principal para ler o cartaz com a informação sobre os números de poloneses, lituanos, russos, franceses, britânicos e americanos mortos no campo. Tudo estava quieto. Não havia ninguém por perto. Por um momento, relutei em entrar. O murmúrio de Jenny me sobressaltou.

— Nem mencionam os judeus, está vendo? A coisa continua. E é oficial. —

E acrescentou, mais para ela mesma — Os cães negros.

Ignorei essas últimas palavras. Quanto ao resto, mesmo descontando a hipérbole, uma verdade residual foi o suficiente para que Majdanek se transformasse, para mim, de um monumento, um desafio cívico ao esquecimento, numa doença da imaginação e num perigo vivo, uma convivência meramente consciente com o mal. De braços dados entramos, passamos pelas cercas externas e pela casa da guarda, que ainda estava em uso. Junto do degrau estavam duas garrafas de leite cheias. Dois centímetros de neve eram a última adição à limpeza obsessiva do campo. Atravessamos a terra de ninguém, não mais de braços dados. Na frente estavam as torres de vigia, cabanas atarracadas sobre palafitas altas com telhados pontudos e precárias escadas de madeira, todas dando para a área que ficava entre a cerca dupla interna. No meio disso tudo, os barracões, mais compridos e mais numerosos do que eu havia imaginado. Ocupavam todo o nosso horizonte. Atrás deles, flutuando livremente contra o céu branco — alaranjado, como um sujo e vagabundo barco a vapor com uma única chaminé, estava o crematório. Não falamos durante uma hora. Jenny consultou as instruções e tirou as fotografias. Entramos atrás de um grupo de alunos da escola primária num barracão com gaiolas de arame cheias de sapatos, dezenas de milhares de sapatos, amassados e murchos como frutas secas. Em outro barracão, mais sapatos e, num terceiro, por mais incrível que pareça, sapatos também, não dentro de gaiolas, mas espalhados pelo chão. Vi uma bota ferrada ao lado de um sapatinho de bebê com a figura de coelhinho visível ainda no meio da poeira. A vida reduzida a um sapatinho de tricô. A extravagante escala numérica, os números fáceis de serem ditos — dezenas e centenas de milhares, milhões — negavam à imaginação suas próprias simpatias, seu direito à compreensão do sofrimento, e nos levava insidiosamente à premissa do perseguidor, de que a vida não valia nada, era lixo para ser inspecionado em pilhas. Continuamos a andar e minhas emoções morreram. Nada podíamos fazer para ajudar. Não havia ninguém para alimentar ou libertar. Éramos turistas a passeio. Ou vamos a um lugar daqueles e nos desesperamos, ou enfiamos as mãos nos bolsos, seguramos as moedas quentes e soltas e descobrimos que demos um passo na direção daqueles cujos sonhos são pesadelos. Aquela era a nossa vergonha inevitável, nossa parte na miséria. Estávamos do outro lado, entramos ali livremente, como entrava o comandante, ou seu líder político, tocando isto ou aquilo, conhecendo o acesso para fora, certos da nossa próxima refeição.

Depois de algum tempo não suportei mais a ideia das vítimas e comecei a pensar nos algozes. Estávamos andando entre os barracões. Tão bem construídos, tão duráveis. Caminhos limpos iam de cada porta à passagem onde

estávamos. Os barracões eram tantos que não dava para ver o último da fila. E isso era só uma das fileiras, uma parte do campo, e aquele era apenas um campo, pequeno, comparado aos outros. Passei à admiração inversa, ao espanto tristonho. Sonhar com aquele empreendimento, planejar aqueles campos, construí-los e se dar ao trabalho de guarnecer, administrar e manter, trazendo das cidades e dos povoados seu combustível humano. Tanta energia, tanta dedicação. Como era possível chamar isso de erro?

Encontramos outra vez as crianças e entramos com elas na construção de tijolos com a chaminé. Como todos que passavam por ali, notamos o nome do fabricante nas portas dos fornos. Um pedido especial imediatamente atendido. Vimos um velho tambor de cianeto, Zyklon B, fornecido pela firma de Degesch. Ao sairmos, Jenny falou pela primeira vez em uma hora para me dizer que num dia, em novembro de 1943, as autoridades alemãs haviam exterminado com metralhadoras trinta e seis mil judeus de Lublin. Eles os fizeram deitar em covas imensas e os mataram ao som de música de dança num amplificador. Falamos outra vez da omissão no cartaz na entrada do campo.

— Os alemães fizeram o trabalho para eles. Mesmo não havendo mais nenhum judeu, eles ainda os odeiam — disse Jenny.

De repente eu lembrei.

— O que foi que você disse sobre cães?

— Cães negros. É uma frase da família, inventada por minha mãe. — Ia continuar, mas mudou de ideia.

Voltamos para Lublin. Pela primeira vez vi que era uma cidade atraente. Tinha escapado da destruição e da construção do pós-guerra que desfiguraram Varsóvia. Estávamos numa ladeira calçada com pedras que o pôr-do-sol brilhante e alaranjado transformava em pepitas de ouro. Era como se acabássemos de sair de um longo cativeiro, felizes por fazer parte do mundo outra vez, do cotidiano da hora do rush tranquilo de Lublin. Com a maior naturalidade, Jenny enfiou o braço no meu e, balançando a câmara pela correia, contou uma história sobre uma amiga polonesa que foi para Paris para estudar culinária. Eu já disse que sempre fui reticente em assuntos de amor e de sexo e que a especialista em sedução era minha irmã. Mas naquele dia, livre da repressão da minha natureza, eu fiz uma coisa brilhante, fora do comum para mim. Interrompi o que Jenny estava dizendo e a beijei. Depois disse que ela era a mulher mais bonita que eu já vira e que a coisa que mais desejava era passar o resto do dia fazendo amor com ela. Os olhos verdes estudaram os meus, ela ergueu o braço e por um momento pensei que ia me esbofetear. Mas ela apontou para uma porta estreita no outro lado da rua com uma tabuleta desbotada. Pisando nas pepitas de ouro entramos no Hotel Wisla. Passamos três dias em Lublin, depois de dispensar o táxi. Dez

meses depois estávamos casados.



Parei o carro alugado no aeroporto de Montpellier na frente da casa escura. Desci e fiquei parado por algum tempo no pomar, olhando para o céu estrelado de novembro, dominando minha relutância em entrar na casa. Nunca era uma experiência agradável voltar à *bergerie* depois dos meses ou às vezes semanas em que ficava fechada. Ninguém mais estivera ali depois das nossas longas férias de verão, da nossa barulhenta e caótica partida de manhã, no começo de setembro, os últimos ecos das vozes das crianças já haviam desaparecido no silêncio das pedras antigas e a *bergerie* acomodou-se outra vez na sua longa perspectiva, não de semanas de férias, ou das visitas das crianças em anos futuros, nem mesmo de pertencer durante décadas aos mesmos proprietários, mas de séculos, séculos rurais. Eu na verdade não acreditava, mas podia imaginar que, na nossa ausência, o espírito de June, suas muitas almas, retomavam sorratoriamente a posse da casa, recapturando não apenas seus móveis e utensílios de cozinha e quadros, mas a dobra da capa de uma revista, a antiga mancha que parecia o mapa da Austrália na parede do banheiro e a forma latente do seu corpo na jaqueta que ela usava para fazer jardinagem, dependurada ainda atrás de uma porta porque ninguém tinha coragem de jogar fora. Depois de uma ausência, até o espaço entre os objetos estava alterado, inclinado, descorado, marrom-claro ou a essência dessa cor, e os sons — o primeiro giro da chave na fechadura — adquiriam uma acústica diferente, um eco sem vida pouco além do alcance dos nossos ouvidos, que sugeria uma presença invisível, quase capaz de atender a porta. Jenny detestava abrir a casa. Era mais difícil à noite. A *bergerie* foi se expandindo aos poucos, através dos anos e a porta da frente não ficava mais ao lado do quadro de luz. Era preciso atravessar a sala de estar e a cozinha para chegar até ele e eu tinha esquecido a lanterna.

Abri a porta e parei na frente de um muro de trevas. Estendi o braço para a estante onde sempre tentávamos não esquecer de deixar uma vela e uma caixa de fósforos. Não encontrei nada. Fiquei imóvel ouvindo o silêncio. Por mais que eu procurasse ser racional, não conseguia afastar a ideia de que uma casa onde durante tantos anos uma mulher se entregara à contemplação da eternidade, alguma tênue emanção, uma teia finíssima de consciência, permanecera e sentia a minha presença. Não tinha coragem de dizer o nome de June em voz alta, mas era o que eu queria fazer, não para chamar o espírito, mas para mandá-lo

embora. Ao invés disso, limitei-me a pigarrear com ceticismo masculino. Com as luzes acesas, o rádio ligado, o peixe comprado numa barraca na beira da estrada, fritando no óleo de oliva de June, os fantasmas recuavam para as sombras. A luz do dia ia ajudar também, mas seriam necessários uns dois dias e umas duas noites tensas para que a casa voltasse a ser minha. Para tomar posse imediata da *bergerie* era preciso chegar com crianças. Com a redescoberta de brincadeiras e projetos esquecidos, o riso e as lutas amistosas nos beliches — o espírito graciosamente cedia à energia dos vivos e podíamos ir a qualquer lugar da casa, mesmo ao quarto de June ou ao seu gabinete de trabalho, sem nenhum problema.

Com o braço estendido na frente do rosto, passei pelo corredor. Por toda a parte sentia o perfume adocicado que lembrava June. O perfume do sabonete de lavanda que ela comprava aos montes. Não tínhamos usado nem a metade do estoque. Tateando no escuro, atravessei a sala e abri a porta da cozinha. Ali o cheiro era de metal e gás. O quadro de fusíveis e as chaves principais ficavam num armário na parede, na outra extremidade. Mesmo no escuro a cozinha parecia uma mancha mais negra na minha frente. Quando cheguei ao lado da mesa, a sensação de estar sendo observado ficou mais intensa. A superfície da minha pele tinha se transformado num órgão de percepção, sensível ao escuro e a cada molécula de ar. Meus braços nus registravam uma ameaça. Alguma coisa estava acontecendo, a cozinha não parecia a mesma. Eu me movia na direção errada. Pensei em voltar, mas achei que era ridículo. O carro era pequeno demais para passar a noite. O hotel mais próximo ficava a uns cinquenta quilômetros e era quase meia-noite.

A sombra informe e mais escura do armário com o quadro de luz estava a uns vinte metros e eu caminhava na direção dela guiando-me com a mão na borda da mesa da cozinha. Desde a minha infância eu não sentia tanto medo do escuro. Como um personagem de história em quadrinhos, cantarolei em voz baixa sem muita convicção. Não consegui me lembrar de nenhuma música, e a sequência de sons murmurados ao acaso era idiota. Minha voz estava fraca. Eu merecia que me acontecesse alguma coisa. Então a ideia voltou, mais clara desta vez, de que tudo que eu tinha a fazer era ir embora. Minha mão encostou em alguma coisa dura e redonda. Era o puxador da gaveta da mesa. Quase o puxei, mas desisti. Obriguei-me a seguir em frente, até passar completamente pela mesa. A sombra na parede era tão escura que parecia pulsar. Tinha centro, mas nenhum contorno. Estendi a mão para ela e foi então que a minha coragem desapareceu. Não ousei tocá-la. Recuei um passo e fiquei parado, indeciso. Estava encurralado entre minha razão, que me dizia para ligar a chave com um movimento rápido e verificar, com a luz artificial, que tudo estava como sempre

tinha estado, e meu pavor supersticioso, cuja simplicidade era maior do que a realidade do cotidiano.

Acho que devo ter ficado imóvel por mais de cinco minutos. Num determinado momento quase avancei para a frente para abrir a porta do quadro, mas as primeiras ordens de movimento não chegaram às minhas pernas. Eu sabia que se saísse da cozinha não voltaria mais naquela noite. Assim fiquei ali até me lembrar da gaveta da mesa e porque tinha pensado em abri-la. Avela e a caixa de fósforos que deviam estar ao lado da porta da frente deviam estar ali.

Escorreguei a mão para trás, pela mesa, encontrei a gaveta e procurei às cegas entre tesouras de jardim, tachinhas e pedaços de barbante.

O toco de vela, com pouco mais de dois centímetros, acendeu na primeira tentativa. As sombras do quadro de fusíveis flutuaram contra a parede quando me aproximei. Parecia diferente. A pequena alça de madeira da porta estava mais comprida, mais ornamentada e num ângulo diferente. Eu estava a sessenta centímetros da porta quando o ornamento se transformou num escorpião, gordo e amarelo, com as pinças curvadas acima do eixo da diagonal e a cauda forte e segmentada escondendo a alça.

Essas criaturas são quelicerados cuja origem remonta à era cambriana, quase 600 milhões de anos atrás, e é uma espécie de inocência, uma ignorância completa das condições do período moderno pós-holoceno que as faz entrar nas casas dos macacos recentemente criados. Encontramos escorpiões nos muros, em lugares abertos, suas pinças e ferrão patéticos, defesas ultrapassadas inócuas contra a força de um pé calçado. Apanhei uma pesada colher de madeira e matei o escorpião com um único golpe. Ele caiu no chão e eu o amassei com o pé, por garantia. Então tive ainda de superar a relutância em por a mão onde seu corpo havia estado. Lembrei que alguns anos atrás havíamos encontrado um ninho com filhotes de escorpião naquele mesmo quadro.

As luzes se acenderam, a geladeira redonda dos anos cinquenta estremeceu e começou o seu lamento metálico e familiar. Eu não queria pensar imediatamente na minha experiência. Levei a bagagem para dentro, arrumei uma cama, fritei meu peixe, coloquei um disco de Art Pepper a todo volume e tomei meia garrafa de vinho. Adormeci sem dificuldade às três horas da manhã. No dia seguinte comecei a preparar a casa para as férias de dezembro. Fui seguindo os itens da minha lista. Passei várias horas no telhado, arrumando as telhas deslocadas por uma tempestade em setembro, e o resto do dia trabalhando dentro da casa. Fazia ainda calor e no fim da tarde pendurei a rede no lugar favorito de June, sob o tamarindo. Ali deitado eu via a luz dourada sobre o vale que levava a St. Privat, e, mais além, o sol de inverno quase encostando no topo das colinas em volta de Lodève. Durante todo o dia eu tinha pensado no meu medo da noite anterior.

Duas vozes indistintas haviam me seguido pela casa toda enquanto eu trabalhava e agora, deitado na rede, com um bule de chá ao meu lado, elas ficaram mais claras.

June estava impaciente. “Como pode fingir que duvida do que está bem na frente dos seus olhos? Como pode ser tão perverso, Jeremy? Você sentiu a minha presença assim que entrou na casa. Teve uma premonição de perigo e depois a confirmação de que teria levado uma picada perigosa se não desse atenção aos seus instintos. Eu simplesmente o avisei e o protegi e se está disposto a qualquer coisa para manter intacto seu ceticismo, é um ingrato e eu não devia ter me dado ao trabalho. O racionalismo é uma fé cega. Jeremy, como pode esperar ver algum dia?”

Bernard estava excitado. “Este foi sem dúvida um exemplo muito útil! É claro que não se pode descartar a possibilidade de uma forma de consciente que sobrevive à morte e que agiu, nesse caso, no seu melhor interesse. Você deve manter a mente sempre aberta. Cuidado para não ignorar os fenômenos que não concordam com as teorias atuais. Por outro lado, na ausência de certas provas, tanto de um lado quanto de outro, por que saltar para uma conclusão tão radical sem considerar outras possibilidades mais simples. Você “sentiu a presença de June” na casa várias vezes — simplesmente outro modo de dizer que este lugar pertenceu a ela, está ainda cheio de coisas dela e que, estando aqui, especialmente depois de uma longa ausência e antes que sua família ocupe todos os cômodos, é natural que pense nela. Em outras palavras, esta “presença” estava na sua mente e você a projetou para o ambiente que o rodeia. Dado o medo que temos dos mortos, é compreensível que sentisse alguma coisa quando atravessou a casa no escuro. E dado seu estado de espírito, o quadro de luz sobre o balcão tinha de parecer um objeto ameaçador — uma mancha mais escura no escuro, não era isso? No fundo da sua memória estava a lembrança do ninho de escorpiões. E você deve considerar a possibilidade de ter percebido a forma do escorpião subliminarmente, à fraca luz da vela. E também o fato de os seus pressentimentos serem justificados. Bem, meu caro rapaz! Escorpiões são muito comuns nesta parte da França. Por que um deles não podia estar sentado no quadro de luz? Além disso, suponha que ele tivesse picado sua mão. Seria fácil chupar para fora o veneno. Não teria mais de um ou dois dias de desconforto — afinal, não era um escorpião negro. Por que um espírito ia se abalar do alémtúmulo para livrá-lo de um perigo sem importância? Se é este o nível das preocupações dos mortos, por que não intercedem para evitar as inúmeras tragédias humanas que acontecem todos os dias?”

“Bobagem!” ouvi June exclamar. “Como vocês iam saber, se fizéssemos isso? De qualquer modo vocês não acreditariam. Eu protegi Bernard em Berlim

e você a noite passada porque queria mostrar uma coisa, queria mostrar o pouco que você sabe sobre o universo feito por Deus e repleto de Deus. Mas não existe nenhuma evidência que um cético não deturpe para encaixá-la no seu esquema minúsculo...”

“Tolice”, murmurou Bernard no meu outro ouvido. “O mundo que a ciência está revelando é um lugar cintilante e cheio de maravilhas. Não precisamos inventar um deus só porque não entendemos tudo. Nossa investigação mal começou!”

“Acha que estaria me ouvindo agora se uma parte de mim não existisse ainda?”

“Você não está ouvindo coisa alguma, meu caro rapaz. Está inventando nós dois, extrapolando o que já sabe. Não há mais ninguém aqui a não ser você.”

“Há Deus”, disse June, “e há o demônio.”

“Se eu sou o demônio”, disse Bernard, “então o mundo não é um lugar tão ruim.”

“A medida da maldade de Bernard é exatamente a sua inocência. Você esteve em Berlim, Jeremy. Viu o mal que ele e os iguais a ele fizeram em nome do progresso.”

“Esses monoteístas beatos! A mesquinhez, a intolerância, a ignorância, a crueldade que eles soltaram no mundo com as suas certezas...”

“Deus é amor e ele vai perdoar Bernard...” “Podemos amar sem um deus, muito obrigado. Detesto o modo pelo qual os cristãos sequestraram o mundo.”

Essas vozes se instalaram em minha mente, me perseguiram e começaram a me atormentar. No dia seguinte, quando eu estava podando os pessegueiros no pomar, June disse que a árvore na qual eu trabalhava e a sua beleza eram criação de Deus. Bernard disse que nós sabíamos muita coisa sobre como aquelas e outras árvores tinham evoluído e nossa explicação não exigia um deus. Afirmações e contra-afirmações se concatenavam enquanto eu rachava lenha, desentupia as calhas e varria os quartos. Era uma cantilena da qual eu não podia me livrar. Continuava até mesmo quando eu conseguia prestar atenção em outras coisas. Se eu as escutasse, não aprendia nada. Cada proposição bloqueava a anterior ou era bloqueada pela seguinte. Era uma discussão autocanceladora, uma multiplicação de zeros e eu não podia fazê-los calar. Quando terminei meu trabalho e espalhei minhas anotações das memórias na mesa da cozinha, meus sogros ergueram suas vozes.

Resolvi entrar na conversa.

“Escutem, vocês dois. Vocês estão em reinos diferentes, cada um fora da área de competência do outro. Não compete à ciência provar ou negar a existência de Deus e não compete ao espírito medir o mundo.”

Fez-se um silêncio embaraçoso. Pareciam esperar que eu continuasse. Então ouvi ou fiz Bernard dizer em voz baixa, para June, não para mim, “Tudo bem, mas a Igreja sempre quis controlar a ciência. Na verdade, todo o conhecimento. Veja o caso de Galileu...”

E June interrompeu dizendo, “Foi a Igreja que manteve o conhecimento vivo durante séculos na Europa. Lembra quando estávamos em Cluny, em 1954, daquele homem que nos mostrou a biblioteca ...?”

Quando telefonei para casa e disse a June que achava que estava ficando louco, ela nem procurou me tranquilizar.

— Você quis as histórias deles. Você os encorajou, você os cortejou. Agora você os tem, com as brigas e tudo o mais. — Depois de um segundo acesso de riso, ela perguntou por que eu não escrevia o que eles estavam dizendo.

— Não adianta. É sempre a mesma coisa.

— Exatamente o que eu sempre digo. Mas você não quis ouvir. Está sendo castigado por reviver tudo isso.

— Por quem?

— Pergunte à minha mãe.



Em outro dia claro, logo depois do café, abandonei todas as responsabilidades, absolvi a mim mesmo de todos os trabalhos mentais e, com uma deliciosa sensação de estar cabulando a escola, calcei minhas botas de caminhada, descobri um mapa em escala grande, guardei uma garrafa com água e duas laranjas na minha mochila.

Escolhi a trilha atrás da *bergerie* que sobe para o norte acima de uma ravina, passa por bosques de chaparros, faz uma volta sob o rochedo maciço do Pas de l'Azé, até chegar num platô alto. Com passo firme pode-se chegar em meia hora na Causse de Larzac, com a brisa fresca entre os pinheiros e a vista que se estende até o Pic de Vissou, e além dele, a setenta quilômetros, avista-se uma faixa prateada do Mediterrâneo. Segui a trilha arenosa que atravessa o bosque de pinheiros, passei por afloramentos de calcário gastos pelo vento e pela chuva, que parecem ruínas, depois o campo aberto que sobe na direção da Bergerie de Tédénat. Desse ponto eu avistava o platô que ficava a poucas horas de caminhada da cidadezinha de St. Maurice de Navacelles. Menos de um quilômetro e meio adiante ficava a enorme fenda do Gorge Vis. Um pouco para a esquerda, na sua borda, estava o Dólmã de la Prunarède.

Antes havia a descida, seguindo a linha das árvores, que ia dar em La

Vacquerie. Entrar e sair a pé de uma dessas cidadezinhas é um prazer. Durante algum tempo podemos manter a ilusão de que enquanto os outros vivem presos a casas, relacionamentos e trabalho, nós somos autossuficientes e livres, sem o peso de haveres e obrigações. É uma sensação privilegiada de leveza que não se pode ter passando de carro, como parte do tráfego. Resolvi não parar no bar para um café e só parei para olhar o monumento no outro lado da rua e copiar a inscrição no meu caderninho de bolso.

Deixei a cidade por uma estrada secundária e segui para o norte num belo caminho que vai dar no Gorge. Pela primeira vez desde a minha chegada eu estava realmente satisfeito e senti voltar meu amor por aquela parte da França. O som irritante da briga de June e Bernard estava desaparecendo, bem como a excitação inquieta de Berlim. Era como se inúmeros músculos pequeninos na minha nuca estivessem se distendendo lentamente e nesse processo abrindo dentro de mim um espaço generoso de calma para conter a paisagem extensa que eu atravessava. Como fazia ocasionalmente quando me sentia feliz, revivi o velho padrão, a pequena história da minha existência, desde os oito anos até Majdanek e como eu havia renascido. A mil quilômetros de distância, em ou perto de uma casa entre milhares, estavam Jenny e quatro crianças, a minha tribo. Eu pertencia ao mundo, minha vida tinha raízes e era rica. A trilha era lisa e caminhei com passo regular. Comecei a ver como ia ordenar o material para escrever as memórias. Pensei no meu trabalho e como podia remodelar meu escritório em benefício dos que trabalhavam para mim. Esses e outros planos ocuparam minha mente até St. Maurice.

A sensação de autossuficiência estava ainda comigo quando entrei na cidade. Tomei uma cerveja no Hôtel des Tilleuls, talvez na mesma mesa em que o jovem casal em lua de mel ouvira a história do prefeito durante o almoço. Reservei um quarto para aquela noite e comecei a caminhada de um quilômetro e meio até o dólmã. Para ganhar tempo, segui pela estrada principal. A uns cem metros à minha direita ficava a borda do desfiladeiro, obscurecida por uma elevação de terra, e à esquerda e na minha frente estendia-se a paisagem mais áspera da Causse, solo duro e seco, artemísia, postes telegráficos. Logo depois das ruínas da fazenda La Prunarède, comecei a descer por uma trilha arenosa e cinco minutos depois estava no dólmã. Tirei a mochila das costas, sentei na grande pedra plana e descasquei uma laranja. A pedra estava pouco aquecida pelo sol da tarde. No caminho eu tinha resolvido manter a mente livre de intenções, mas quando cheguei elas me pareceram bastante claras. Ao invés de continuar como vítima passiva das minhas vozes, eu partira no encalço delas, para recriar Bernard e June sentados ali, cortando seu salsichão, esfarelado seu pão seco, olhando para o norte, para o outro lado do desfiladeiro, para o seu futuro: adotar

o otimismo da sua geração e esclarecer as primeiras dúvidas de June às vésperas do confronto. Eu queria surpreendê-los quando se amavam, antes que tivesse início a briga que duraria o resto de suas vidas.

Mas sentia-me purificado depois da caminhada de cinco horas, equilibrado e decidido, nem um pouco preparado para fantasmas. Tinha a mente cheia ainda com meus planos e projetos. Não estava mais à disposição para ser assombrado. As vozes haviam desaparecido de verdade. Não havia mais ninguém ali, eu estava sozinho. O sol baixo de novembro, à minha direita, escolhia cuidadosamente para iluminar os desenhos complexos do rochedo distante. Eu não precisava nada além do prazer de estar ali e das lembranças dos piqueniques que fizemos com Bernard e meus filhos, usando a pedra enorme como mesa.

Terminei as duas laranjas e enxuguei as mãos na camisa como, um menino. Eu pretendia voltar pela trilha que acompanha a beirada do desfiladeiro, mas desde a minha última visita ela se enchera de espinheiros. Depois de uns cem metros, tive de voltar. Fiquei irritado. Pensei que estava no controle e aquilo aparecia para refutar minha presunção. Mas me acalmei lembrando que aquele era o caminho que June e Bernard tomaram para voltar a St. Maurice naquela noite. Era o caminho deles, o meu era diferente — até a velha fazenda e seguir pela estrada outra vez. Se eu tinha de fazer um símbolo de uma trilha cheia de mato, esse era o que mais me agradava.



Minha intenção era terminar essa parte das memórias neste ponto, quando voltei do dólmã sentindo-me suficientemente livre dos meus personagens para escrever sobre eles. Mas preciso contar brevemente o que aconteceu no restaurante do hotel naquela noite, pois foi uma, peça aparentemente representada só para mim. Foi a personificação, embora distorcida, dos meus pensamentos, da solidão da minha infância. Representou uma purificação, um exorcismo, no qual eu tomei parte tanto por minha sobrinha Sally, quanto por mim mesmo, e me vinguei por nós dois. Descrita nos termos de June, foi outra “obsessão”, à qual ela estava presente, me observando. Sem dúvida eu tirei minhas forças da coragem com que ela enfrentou sua provação a um quilômetro e meio de distância e há quarenta anos. Talvez June tivesse dito que o que eu realmente tinha de enfrentar estava dentro de mim, uma vez que, no fim, fui refreado e chamado à razão por palavras geralmente usadas, para conter cães. *Ça suffit!*

Não lembro como começou, mas em algum momento, depois de voltar ao

Hôtel des Tilleuls, quando sentei no bar e tomei um Pernod, ou meia hora mais tarde quando desci do meu quarto à procura de um sabonete, fiquei sabendo que a *patronne* era Madame Monique Auriac, um nome que eu lembrava das minhas anotações. Sem dúvida era filha da Madame Auriac que, tinha tomado conta de June e talvez a jovem que serviu o almoço enquanto o prefeito contava sua história. Pensei em fazer algumas perguntas e descobrir o quanto ela lembrava. Mas de repente vi que o bar e o restaurante estavam vazios. Ouvi vozes na cozinha. Achando que o tamanho do hotel justificava minha transgressão, empurrei as portas de vaivém muito arranhadas e entrei.

Na minha frente, sobre a mesa, estavam um cesto de vime cheio de peles de animais ensanguentadas. Na outra extremidade da cozinha alguém estava discutindo. Madame Auriac, seu irmão, que era o cozinheiro, e a jovem arrumadeira e, garçoneiro olharam para mim e continuaram a discussão. Fiquei esperando perto do fogão onde a sopa fervia na panela. Eu teria saído discretamente depois de meio minuto se não tivesse percebido que a discussão me dizia respeito. O hotel devia estar fechado. Porque a arrumadeira tinha permitido que o cavalheiro da Inglaterra ficasse por aquela noite — Madame Auriac fez um gesto na minha direção -, ela, Madame Auriac, em nome da coerência, fora obrigada a aceitar uma família que ocupou dois quartos e agora acabava de chegar uma senhora de Paris. Como toda essa gente ia comer? E não tinham pessoal suficiente.

O irmão disse que não era problema desde que todos os hóspedes se contentassem com um menu de setenta e cinco francos — sopa, salada, coelho, queijo — e não pedissem nada diferente. A jovem concordou com ele. Madame Auriac disse que não era esse tipo de restaurante que ela queria oferecer aos hóspedes. Nessa altura, depois de pigarrear para, chamar atenção e de pedir desculpas, eu disse que tinha certeza de que todos os hóspedes ficariam satisfeitos por encontrar o hotel aberto fora da estação e que, dadas as circunstâncias, o menu estava muito bom. Madame Auriac saiu da cozinha fazendo um som sibilante de impaciência e um gesto brusco com a cabeça, que significavam aceitação, e o irmão estendeu as mãos com as palmas para cima, em triunfo. Havia outra exigência: para simplificar o trabalho, todos os hóspedes deviam comer cedo e todos juntos às sete e meia. Eu disse que por mim estava bem, e o cozinheiro mandou a moça informar os outros.

Meia hora mais tarde, fui o primeiro a chegar no restaurante. Sentia-me agora um pouco mais do que um hóspede. Eu pertencia ao grupo, estava a par dos problemas do hotel. A própria Madame Auriac serviu-me de vinho e pão. Estava bem-humorada e conversando fiquei sabendo que ela trabalhava no hotel em 1946 e, embora não lembrasse da visita de Bernard e June, certamente

conhecia a história do prefeito sobre os cães e prometeu me contar quando estivesse menos ocupada. A segunda a aparecer foi a senhora de Paris. Devia ter trinta e poucos anos e uma beleza distante e emaciada, com aquela aparência frágil e muito bem cuidada de algumas parisienses, arrumada demais, severa demais para o meu gosto. Tinha o rosto encovado e os olhos enormes dos que passam fome. Imaginei que ela não ia comer muito. Ela atravessou a sala com os saltos estalando no chão e sentou a uma mesa de canto, a mais distante da minha. Ignorando tão completamente a presença do único ocupante da sala, ela dava a impressão paradoxal de que cada movimento que fazia era em meu benefício. Deixei sobre a mesa o livro que estava lendo e perguntava a mim mesmo se seria esse realmente o caso, ou se era apenas uma daquelas projeções masculinas das quais as mulheres às vezes se queixam, quando a família entrou na sala.

Eram três pessoas, marido, mulher e um menino de sete ou oito anos, e chegaram envoltos no próprio silêncio, um manto luminoso de intensidade familiar que se moveu na quietude do restaurante para ocupar uma mesa separada da minha apenas por outra. Sentaram arrastando muito as cadeiras no chão. O homem, galo no seu pequeno poleiro, descansou os braços tatuados sobre a mesa e olhou em volta. Primeiro examinou a senhora parisiense que não tirava os olhos do menu — ou fazia questão de não tirar — e depois seus olhos encontraram os meus. Inclinei de leve a cabeça mas ele não respondeu ao cumprimento. Simplesmente registrou minha presença e murmurou alguma coisa para a mulher que tirou da bolsa um maço de Gauloises e um isqueiro. Enquanto os pais acendiam os cigarros, olhei para o menino, sozinho no seu lado da mesa. Minha impressão era de que tinha havido uma discussão entre eles, fora da sala, alguns minutos atrás, que o menino fora repreendido por alguma coisa. Ele parecia desanimado, emburrado talvez, com a mão esquerda estendida ao lado da cadeira, a direita brincando com os talheres.

Madame Auriac chegou com o pão, a água e o litro de vinho gelado quase impossível de ser tomado. Quando ela saiu da sala, o menino afundou mais na cadeira, apoiou o cotovelo na mesa e a cabeça na mão. Imediatamente a mão da mãe passou como um relâmpago sobre a toalha e deu uma bofetada no braço do menino. O pai, entrecerrando os olhos atrás da fumaça do cigarro, pareceu não ter notado. Ninguém falou. A senhora parisiense, que eu podia ver atrás da família, olhava fixa e determinadamente para um canto da sala. O menino recostou na cadeira, olhando para o colo e esfregando o braço. A mãe bateu delicadamente a cinza do cigarro no cinzeiro. Ela não parecia o tipo de mãe que bate nos filhos. Era gorda e rosada, com duas rodas vermelhas no rosto redondo, como uma boneca, e o contraste entre sua aparência e seu comportamento materno era sinistro. A presença daquela família e sua situação, pela qual eu não

podia fazer nada, deixou-me deprimido. Se houvesse outro lugar para jantar, na cidade, eu teria saído naquele momento.

Eu tinha terminado meu *lapin au chef*, a família estava ainda na salada. Por alguns minutos o único som era o dos talheres nos pratos. Não era possível ler, por isso continuei a observar por cima do livro aberto. O pai passava pedaços de pão no prato para aproveitar até o fim o molho vinagrete. Ele abaixava a cabeça para comer cada pedaço e passar as costas da mão na boca. Parecia um gesto instintivo, pois o menino comia delicadamente e, tanto quanto eu podia ver, não havia sinal de molho ou comida nos seus lábios. Mas eu era um estranho, e talvez fosse uma provocação, uma sequência de um conflito muito antigo. O pai imediatamente murmurou alguma coisa e ouvi a palavra *serviette*. A mãe parou de comer e estava observando com atenção. O menino apanhou o guardanapo do colo e cuidadosamente o encostou, não na boca, mas primeiro num lado do rosto, depois no outro. Numa criança tão pequena só podia ser uma tentativa desajeitada de fazer a coisa certa. Mas o pai não pensava assim. Inclinou-se sobre a travessa de salada vazia e empurrou o filho violentamente pelo colarinho. O menino caiu no chão. A mãe esticou-se na cadeira e segurou o braço dele. Queria alcançá-lo antes que ele começasse a gritar, preservando assim os bons modos. O menino mal sabia onde estava quando ela ordenou com voz sibilante, *Tais-toi! Tais-toi!* Sem se levantar, ela conseguiu pôr o menino outra vez na cadeira que o marido tinha levantado habilmente com o pé. O casal funcionava com harmonia evidente. Ao que parecia, acreditavam que por não se levantarem tinham evitado uma cena desagradável. O menino estava sentado outra vez, choramingando baixinho. A mãe ergueu na frente dele o dedo rígido e admonitório e o manteve assim até ele ficar em silêncio completo. Sem tirar os olhos dele, ela abaixou a mão.

Minha mão tremeu quando me servi do vinho agüado e ácido de Madame Auriac. Esvaziei o copo com grandes goles. Sentia um aperto na garganta. O fato de o menino ser proibido de chorar era, para mim, mais terrível do que o empurrão que o derrubou da cadeira. Sua solidão me comoveu, Lembrei da minha quando meus pais morreram, do quanto o desespero era incomunicável, de como eu não esperava mais coisa alguma da vida. Pois a infelicidade daquele menino era simplesmente a condição do mundo. Quem poderia ajudá-lo? Olhei em volta. A parisiense olhava para o outro lado, mas os dedos nervosos no isqueiro diziam que tinha visto tudo. Na outra extremidade da sala, ao lado do bufê, estava a jovem esperando para retirar os pratos. Os franceses são extremamente tolerantes e bondosos com as crianças. Certamente alguém ia dizer alguma coisa. Alguém, não eu, precisava intervir.

Tomei outro copo de vinho. Uma família ocupa um espaço privativo e

inviolável. Dentro das paredes, visíveis ou simbólicas, faz as regras para seus membros. A garçonete se aproximou e tirou os pratos da minha mesa. Depois voltou para levar a travessa de salada da mesa da família e trocar os pratos. Acho que eu compreendo o que aconteceu com o menino naquele momento. Quando a mesa estava pronta e o coelho cozido foi posto sobre ela, ele começou a chorar. O vaivém da garçonete para ele confirmava que, depois da sua humilhação, a vida continuava como antes. Seu isolamento era completo e ele não podia mais conter o desespero.

Primeiro ele estremeceu, na tentativa de fazer exatamente aquilo e então o dique se abriu com um som nauseante e agudo que foi aumentando, apesar do dedo novamente erguido da mãe, e cresceu para um lamento, depois um soluço com uma desesperada inalação de ar. O pai largou o cigarro que ia acender. Esperou um momento para ver o que viria depois daquela tomada profunda de ar e, quando o choro do menino soou mais alto, o homem, com um movimento rápido do braço sobre a mesa, atingiu o rosto do filho violentamente com as costas da mão.

Era impossível, pensei, eu não podia ter visto aquilo, um homem forte não podia bater numa criança daquele modo, com a força incontida do ódio de um adulto. Com a violência do golpe, a cabeça do menino estalou, atirada bruscamente para trás, e sua cadeira deslizou no chão, chegando quase à minha mesa, e caiu. O encosto de madeira evitou que a cabeça dele batesse com força no chão. A garçonete correu para nós, chamando Madame Auriac. Instintivamente eu me levantei. Por um momento, meus olhos encontraram os da mulher de Paris. Ela estava imóvel. Então, inclinou a cabeça num gesto grave de afirmação. A garçonete estava sentada no chão, com o menino nos braços, murmurando ternamente, um som doce e amoroso, lembro-me de ter pensado, quando cheguei à mesa dos pais dele.

A mulher estava de pé dizendo com voz melíflua para a garçonete.

— Não está compreendendo, *mademoiselle*. Isso só vai piorar as coisas. Ele grita sempre assim, mas sabe o que está fazendo. Ele sempre consegue o que quer.

Madame Auriac não apareceu. Eu segui outra vez meu impulso, sem pensar no que estava me envolvendo. O homem acabava de acender o cigarro. Vi, com certo alívio, que suas mãos tremiam. Ele não olhou para mim. Falei com voz clara, um pouco trêmula, com razoável precisão mas praticamente nenhum estilo. Eu não tinha o domínio sinuoso da língua, como Jenny. O fato de estar falando em francês intensificava meus sentimentos e emprestava às minhas palavras uma solenidade teatral e constrangida e por um momento via a mim mesmo como um daqueles obscuros cidadãos franceses, que aparecem do nada

nos momentos de transformação na história da sua pátria e improvisam palavras que a história irá gravar em pedra. Seria o Juramento do Jogo da Pela? Seria Desmoulins no Café Foy? Na verdade, tudo que eu disse, foi literalmente, “*Monsieur*, é revoltante bater desse modo numa criança. O senhor é um animal, um animal, *monsieur*. Será que tem medo de lutar com alguém do seu tamanho? Porque eu gostaria de amassar a minha cara.”

Esse ridículo lapso de linguagem tranquilizou o homem. Sorrindo, ele empurrou a cadeira. O que ele via era um inglês pálido de altura média ainda com o guardanapo na mão. O que podia temer daquela figura um homem com um caduceu tatuado em cada braço gordo?

— *Ta gueule?* Eu teria prazer em amassá-la. — Indicou a porta com um movimento da cabeça.

Eu o segui entre as mesas vazias. Mal podia acreditar. Estávamos indo para fora. Uma euforia temerária conduzia meus passos e eu tinha a impressão de estar flutuando acima do assoalho do restaurante. O homem que eu desafiara saiu na frente e soltou a porta de vaivém na minha cara. Ele atravessou a rua deserta e parou ao lado de uma bomba de gasolina sob a lâmpada da rua. Voltou-se para mim preparando-se para a luta, mas eu já tinha resolvido e antes que ele tivesse tempo de erguer os braços, meu punho viajou direto para o rosto dele impulsionado por toda a força e o peso do meu corpo. Acertei em cheio o nariz dele com tamanha força que, no momento em que senti o osso amassado, senti um estalo na minha mão. Por um momento ele cambaleou atordoado, esforçando-se para não cair. Ficou parado, com os braços caídos ao lado do corpo, olhando para mim, e eu o acertei com a esquerda, uma duas três, no rosto, na garganta e na barriga, antes dele desmoronar. Ergui o pé e acho que o teria chutado até a morte se não tivesse ouvido uma voz atrás de mim. Voltei-me e vi um vulto magro na porta do hotel, no outro lado da rua.

A voz disse calmamente.

— *Monsieur, je vous prie. Ça suffit.*

Compreendi imediatamente que a exaltação que me movia nada tinha a ver com vingança e justiça. Horrorizado com o que acabava de fazer, recuei. Atravessei a rua e entrei no hotel atrás da senhora de Paris. Enquanto esperávamos a polícia e a ambulância, Madame Auriac envolveu minha mão com uma atadura de crepe e foi até o bar para me servir um conhaque Depois apanhou no fundo da geladeira os últimos sorvetes da temporada de verão e deu para o menino que estava ainda sentado no chão, envolto nos braços maternos da bonita e jovem garçonete que, devo dizer, estava corada e parecia extremamente feliz no abraço.

Quarta parte

ST. MAURICE DE NAVACELLES
1946

Na primavera de 1946, aproveitando a Europa recém-libertada e o câmbio favorável, meus sogros, Bernard e June Tremaine, partiram em lua-de-mel para uma viagem pela França e pela Itália. Conheceram-se em 1944 na casa do Senado, em Bloomsbury, onde ambos trabalhavam. O pai da minha mulher, formado em ciências por Cambridge, exercia uma função burocrática ligada perifericamente ao serviço de inteligência. Alguma coisa relacionada com o suprimento de itens especiais. Minha sogra era linguista e trabalhava num escritório que tinha ligações com a França Livre, ou como ela dizia, procurava suavizar as arestas entre a Inglaterra e de Gaulle. Algumas vezes ela esteve na mesma sala com de Gaulle. Foi a tradução de parte do projeto que visava adaptar máquinas de costura com pedal à geração da eletricidade que a levou ao escritório do seu futuro marido. Só tiveram permissão de deixar os empregos quase um ano depois do fim da guerra. Casaram em abril. Pretendiam passar o verão viajando antes de se instalarem para se adaptar ao tempo de paz, à vida de casados e ao trabalho civil.

No tempo em que essas coisas tinham mais importância para mim, eu pensava muito nesse diferente trabalho dos tempos de guerra, acessível a pessoas de classes diferentes, nessa intensa pressuposição de escolha, nesse desejo jovem de experimentar novas liberdades que, ao que eu sabia, mal tinham tocado as vidas dos meus pais. Eles também casaram logo depois do final da guerra. Minha mãe foi uma garota land, uma coisa que ela detestava lembrar, segundo uma das minhas tias. Em 1943 ela passou a trabalhar numa fábrica de munições, perto de Colchester. Meu pai estava na infantaria. Sobreviveu intacto à retirada de Dunquerque, lutou no norte da África e finalmente encontrou a bala destinada a ele num dos desembarques na Normandia. A bala atravessou sua mão direita sem atingir o osso. Meus pais podiam ter viajado depois da guerra. Aparentemente herdaram algumas centenas de libras do meu avô logo depois que meu pai saiu da ativa. Teoricamente, estavam livres para viajar, mas duvido que a ideia lhes tenha ocorrido, ou a qualquer um dos seus amigos. Eu costumava considerar como mais um aspecto da estreiteza da minha formação o

fato de o dinheiro ter sido usado para comprar a casa em que eu e minha irmã nascemos e abrir a loja de ferragens que nos manteve até a morte dos meus pais num acidente.

Agora, acho que compreendo um pouco mais. Meu sogro passava horas no seu trabalho estudando problemas como o da geração de força silenciosa para operar radiotransmissores nas fazendas remotas da França onde não havia eletricidade. À noite, ele voltava para casa em Finchley, para a insossa dieta dos tempos de guerra, e as visitas de fim de semana aos pais, em Cobham. Mais tarde, durante a guerra, veio o namoro, com cinema e caminhadas dominicais nas Chilterns. Comparemos a isso a vida de um sargento da infantaria: viagens obrigatórias ao exterior, o tédio alternando-se com o estresse, as mortes violentas e os terríveis ferimentos dos amigos, nenhuma privacidade, nenhuma mulher, notícias irregulares de casa. A perspectiva de uma vida de mediocridade obrigatória e ritmada deve ter adquirido, na lenta e árdua caminhada para o leste, atravessando a Bélgica com a mão ferida e latejante, uma luminosidade completamente desconhecida para meus sogros.

Compreender tais diferenças não as tornam mais atraentes, e eu sempre tive certeza de qual das guerras eu teria escolhido. O casal em lua de mel chegou à cidade de Lerici, na costa da Itália, em meados de junho. Ficaram chocados com o caos e a devastação na Europa do pós-guerra, especialmente no norte da França e da Itália. Ofereceram-se para o trabalho voluntário, durante seis semanas, num posto de distribuição da Cruz Vermelha na periferia da cidade. Era um trabalho de longas horas, pesado e árduo. Todos estavam exaustos, preocupados com a emissão diária dos víveres, e ninguém parecia se importar com o fato de estarem em lua de mel. Seu chefe imediato, “il capo”, começou a implicar com eles. Estava sempre disposto a falar sobre sua diferença com os britânicos. Ficaram hospedados na casa do *Signor* e da *Signora* Massucco, que choravam ainda a perda dos dois únicos filhos, mortos na mesma semana, a oitenta quilômetros um do outro, um pouco antes da rendição da Itália. Às vezes, o jovem casal acordava durante a noite com o choro lamentoso dos dois.

O racionamento de comida, pelo menos no papel, era adequado mas a corrupção local o reduziu ao mínimo. Bernard apanhou uma doença de pele que passou das mãos para o pescoço e para o rosto. June recebia propostas todos os dias, apesar do aro de latão que fazia questão de usar no dedo. Os homens estavam sempre chegando muito perto ou se esfregando nela quando passava pelo barracão mal iluminado onde eram guardados os pacotes para distribuição ou beliscavam seu traseiro ou seu braço. O problema, disseram as outras mulheres, era seu belo cabelo.

Os Tremaine podiam ter abandonado o trabalho a qualquer momento, mas

insistiram. Era a pequena compensação que podiam oferecer por terem passado a guerra confortavelmente. Era também a expressão do seu idealismo. Estavam “ganhando a paz”, e ajudando a “construir uma nova Europa”. Mas sua partida de Lerici foi triste. Ninguém os viu sair. O casal de italianos estava cuidando de um parente agonizante no último andar e a casa estava cheia de familiares. O posto da Cruz Vermelha ocupava-se com um escândalo de desfalque. Bernard e June saíram discretamente antes do dia clarear, no começo de agosto, e foram para a estrada esperar o ônibus que os levaria para o norte, para Gênova. Ali parados na meia-luz da madrugada, deprimidos e em silêncio, certamente iam se sentir mais animados por terem contribuído para uma nova Europa, se soubessem que já haviam concebido sua primeira filha, minha mulher, que mais tarde lutaria arduamente por uma cadeira no Parlamento europeu.

Viajaram de ônibus e de trem para o oeste, passando por Provença, enfrentando enchentes e tempestades. Em Arles conheceram um funcionário do governo francês que os levou de carro a Lodève, no Languedoc. Ele garantiu que, se os dois aparecessem no seu hotel dentro de uma semana, os levaria até Bordeaux. O céu estava claro, não precisavam estar na Inglaterra antes de duas semanas e resolveram sair para uma curta caminhada.

Essa é a região onde as causses, grandes platôs de calcário, erguem-se a centenas de metros acima da planície costeira. Em alguns pontos os penhascos têm desfiladeiros espetaculares de dezenas de metros. Lodève fica no sopé de um desses passos, vem depois uma estreita estrada rural, hoje a movimentada RN9. Ainda é uma bela escalada, embora, com o tráfego, não muito agradável para se fazer a pé. Naquele tempo era possível passar um dia subindo tranquilamente entre as enormes formações rochosas, até se avistar o Mediterrâneo brilhando atrás de nós, quase cinquenta quilômetros ao sul. Os Tremaine passaram a noite na pequena cidade de Le Caylar, onde compraram chapéus de pastor com abas enormes. Na manhã seguinte, saíram da estrada e seguiram para o leste, atravessando a Causse de Larzac, levando dois litros de água cada um.

Esses são alguns dos espaços mais vazios da França. O número de habitantes é muito menor do que há cem anos. Estradas empoeiradas, que não constam dos melhores mapas, o vento soprando nas grandes extensões de urze, tojo e gualtéria. Fazendas e povoados desertos no meio de um verde surpreendente, onde pequenos pastos são divididos por muros antigos de pedra e os caminhos entre eles, flanqueados por altos arbustos de amoras-pretas, rosas silvestres e carvalhos, lembram o aconchego dos campos da Inglaterra. Mas logo cedem o lugar ao vazio novamente.

Quase no fim do dia, os Tremaine chegaram ao Dólmã de la Prunarède, uma

câmara funerária pré-histórica. Então, poucos metros adiante, estavam na borda de um profundo desfiladeiro aberto na rocha pelas águas do rio Vis. Pararam para comer suas últimas provisões — tomates enormes de uma espécie nunca vista na Inglaterra, pão de dois dias, seco como biscoito, e um salsichão que June cortou com o canivete de Bernard. Há horas eles caminhavam em silêncio e agora, sentados na pedra horizontal do dólmã, olhando para o norte, por cima do abismo, para a Causse de Blandas, e mais além, para os montes Cévennes, começaram uma conversa animada na qual o caminho que fariam no dia seguinte, atravessando o campo desconhecido e glorioso, confundia-se com sua vida no futuro. Bernard e June eram membros do Partido Comunista e falavam do caminho que tinham pela frente. Durante horas, complexos detalhes domésticos, distâncias entre as pequenas cidades, a escolha das trilhas, a derrubada do fascismo, a luta de classes e o grande motor da história cuja direção só a ciência conhecia e que garantia ao partido seu direito inalienável de governar, tudo se incorporou numa vista espetacular, uma avenida convidativa que se estendia desde o começo do seu amor e atravessava a vasta imensidão da causse e das montanhas que começavam a se avermelhar para depois ficarem escuras. E à medida que a escuridão se acentuava, aumentava também a inquietação de June. Estaria já perdendo a fé? Um silêncio imutável a tentava, a atraía, mas sempre que interrompia seu discurso otimista para dar atenção a ele, o vazio se enchia com as sonoras frases feitas de Bernard, as vacuidades militarizadas, o “front”, os “ataques”, os “inimigos” do pensamento marxista-leninista. As incertezas blasfemas de June foram momentaneamente apagadas ao retomarem a caminhada, no meio da noite, até a cidade de St. Maurice para concluir ou estender a conversa sobre o futuro ou fazer amor, talvez na própria trilha, onde o solo era mais macio.

Mas no dia seguinte e no outro, e em todos os que vieram depois, jamais puseram os pés na paisagem metafórica do seu futuro. No dia seguinte eles voltaram. Jamais desceram o Gorge de Vis nem caminharam pelo misterioso canal elevado que desaparece na rocha, jamais cruzaram o rio pela ponte medieval nem subiram para atravessar a Causse de Blandas e andar entre os menires pré-históricos, os cromlechs e os dólmãs espalhados no campo virgem, jamais começaram a longa subida do Cévennes na direção de Florac. No dia seguinte, eles começaram sua jornada por caminhos diferentes.



No dia seguinte saíram do Hôtel des Tilleuls, em St. Maurice. Atravessavam

a bela extensão de pasto e de tojo que separa a cidade da borda do desfiladeiro, outra vez em silêncio. Ainda não eram nove horas e já fazia calor. Durante quinze minutos perderam a trilha e tiveram de atravessar um campo. O canto das cigarras, o aroma da relva seca amassada pelos pés, o sol feroz no céu inocentemente azul, tudo isso, que no dia anterior parecia tão exoticamente típico do sul, agora perturbava June. Preocupava-a a ideia de que estavam se afastando da sua bagagem em Lodève. A luz intensa da manhã, o horizonte árido, as montanhas à sua frente, os quilômetros que teriam de percorrer naquele dia para chegar à cidade de Le Vigan, tudo isso a perturbava. Os dias de caminhada que tinham pela frente pareciam um desvio sem sentido da sua incerteza.

Ela estava uns dez metros atrás de Bernard, que seguia com seu andar meio gingado, tão confiante quanto suas opiniões. June procurou refúgio nos pensamentos burgueses e pecaminosos da casa que iam comprar na Inglaterra, a mesa de cozinha rústica, a louça simples azul e branca presente de sua mãe, o bebê. Adiante eles avistavam o penhasco nu e ameaçador da borda norte do desfiladeiro. O caminho começava a descer, a vegetação ficava diferente. Ao invés de uma alegria descuidada, June sentia um medo inexplicável, não suficientemente intenso para ser comentado. Era uma agorafobia, influenciada talvez pelas células que se dividiam rapidamente para formar Jenny.

Voltar só por causa de uma ansiedade leve e não-definida estava fora de cogitação. Na véspera tinham concordado em que ali estava finalmente a coroação dos meses que tinham passado no exterior. As semanas no barracão da Cruz Vermelha no passado, o inverno inglês no futuro, por que ela não estava feliz, naquela liberdade ensolarada, o que havia de errado com ela?

Onde começava uma descida íngreme, eles pararam para admirar a vista. À distância de frente para eles, no outro lado de um espaço claro e vazio, estava um muro vertical de rocha com noventa metros de altura. Aqui e ali alguns chaparros mais fortes conseguiram se fixar no solo de pequenas fendas e plataformas na rocha. Aquele vigor insano que obrigava a vida a se agarrar nos lugares mais impossíveis a fatigava. June sentiu náusea. O rio passava trezentos metros abaixo de onde estavam, perdido entre as árvores. O ar vazio, banhado de sol, parecia conter a treva, logo além do alcance da vista. June estava de pé na trilha trocando murmúrios de apreciação com Bernard. A terra ao lado deles era lisa, amassada pelos sapatos e botas de outros caminhantes que haviam parado para admirar a mesma cena. Mero ato de devoção. A resposta certa era medo. June lembrou vagamente as descrições de viajantes do século dezoito no Lake District e nos Alpes suíços. Os picos das montanhas eram aterradores, os desfiladeiros íngremes horríveis, a natureza indomada, um caos, uma censura

pós-lapsariana, uma lembrança assustadora.

Sua mão descansava levemente no ombro de Bernard, sua mochila estava no chão, entre seus pés, e ela falava para se convencer, ouvia para ser convencida, de que o que viam era estimulante, de certa forma na sua natureza e simbolismo, o reflexo da bondade humana. Mas evidentemente, só por sua aridez, aquele lugar era seu inimigo. Tudo que crescia ali era rude, seco, espinhoso, hostil ao tato, guardando seus fluidos para a amarga causa da sobrevivência. June tirou a mão do ombro de Bernard e abaixou para apanhar sua garrafa de água. Não podia falar do seu medo porque parecia absurdo. Cada definição que ela própria procurava, ansiosa, no seu desconforto a incitava a admirar a vista e continuar a caminhada: uma jovem futura mãe apaixonada pelo marido, uma socialista e otimista, compadecidamente racional, livre de superstições, numa caminhada pelo país da sua especialização, compensando os longos anos da guerra e os meses tediosos na Itália, aproveitando os últimos dias de férias antes da Inglaterra, da responsabilidade, do inverno.

June afastou da mente seus temores e começou a falar com entusiasmo. Contudo ela sabia, por ter visto no mapa, que o rio que atravessava Navacelles estava a quilômetros de distância e que a descida levaria duas ou três horas. Iam fazer a escalada mais curta e mais íngreme para sair do desfiladeiro sob o sol do meio-dia. Levariam a tarde toda atravessando a Causse de Blandas que ela podia ver no outro lado, praticamente cozinhando no seu calor árido. Ela ia precisar de todas as suas forças e procurava reuni-las falando. Ouviu a própria voz comparando O Gorge de Vis com o Golfe de Verdon, na Provença. À medida que falava, redobrava sua alegria, embora detestasse todos os desfiladeiros, todas as ravinas e todas as fendas nas rochas do mundo e só quisesse ir para casa.

Então Bernard estava falando enquanto apanhavam as mochilas e se preparavam para continuar a caminhada. Seu rosto grande, amistoso, com a barba de dois dias e as orelhas salientes, estava queimado de sol. A pele ressecada dava a impressão de que estava coberto de pó. Como podia desapontá-lo? Bernard falava de uma ravina na ilha de Creta. Ele ouvira falar que na primavera dava para se fazer uma caminhada magnífica entre flores silvestres. Talvez pudessem ir até lá no próximo ano. June estava alguns passos na frente dele, balançando a cabeça afirmativamente com vigor.

Resolveu que o que sentia era uma coisa passageira, uma dificuldade para retomar a caminhada e que o ritmo dos seus passos ia resolver. À noite, no hotel em Le Vigan, suas ansiedades seriam reduzidas a uma lembrança. Depois de um copo de vinho iam parecer apenas um dos elementos de um dia agitado. A trilha passava em ziguezague por uma larga saliência com terra solta. A superfície era macia e plana. June inclinou o chapéu de abas largas para a direção do sol e

continuou a andar, balançando os braços. Ouviu Bernard chamar e resolveu não atender. Talvez até pensasse que caminhando bem na frente dele o fizesse desistir e ele fosse o primeiro a sugerir que deviam voltar.

June entrou numa curva fechada. A cem metros, na próxima curva, estavam dois jumentos. A trilha era mais larga naquele ponto, ladeada por buxos que pareciam plantados pela mão do homem, com espaços regulares entre eles. Teve a impressão de ver algo interessante mais à frente e se inclinou para a beirada da trilha para olhar. Era um velho canal de irrigação, de pedra, na encosta do desfiladeiro. Ela podia ver o caminho ao lado dele. Dentro de meia hora poderiam lavar o rosto e refrescar os pulsos. Quando se afastou da borda, olhou para a frente e percebeu que os jumentos eram cães, cães negros de tamanho fora do comum. June não parou imediatamente. O frio que desceu do seu estômago para as pernas impediu qualquer reação de defesa. Deu alguns passos, lentos e hesitantes, até parar imóvel no meio da trilha. Os cães não a tinham visto ainda.

June não entendia muito de cães e não tinha medo deles. Nem os cães frenéticos das fazendas ao redor da Causse a tinham preocupado muito. Mas as criaturas que bloqueavam o caminho a setenta metros de onde estava eram cães apenas na forma. No tamanho, assemelhavam-se a animais mitológicos. O aparecimento inesperado, a anomalia, sugeria uma mensagem de cena muda, uma alegoria que só ela podia decifrar. Pensou confusamente em algo medieval, num quadro formal e terrível. Àquela distância, os animais pareciam estar comendo calmamente. Uma aura de maldade emanava deles. June ficou nauseada e fraca de medo. Esperava o som dos passos de Bernard. Tinha certeza de que não estava tão distanciada dele.

Naquela paisagem, onde os animais eram pequenos e fortes, não havia lugar para cães do tamanho de jumentos. Aquelas criaturas — mastins gigantesco talvez — farejavam a relva ao lado da trilha. Não tinham coleiras, não estavam acompanhados pelo dono. Moviam-se lentamente. Pareciam trabalhar juntos com um objetivo. A cor negra, o fato de serem ambos negros, a indicação de que estavam juntos e sem o dono a fez pensarem aparições. June não acreditava nessas coisas. A ideia chegava agora porque as criaturas lhe pareciam familiares. Eram o símbolo da ameaça que pressentira, personificavam a inquietação indefinível, irracional, não-mencionável daquela manhã. June não acreditava em fantasmas. Mas acreditava na loucura. O que ela temia mais do que a presença dos cães era a possibilidade da sua ausência, deles não existirem. Um dos cães, um pouco menor do que o outro, ergueu a cabeça e olhou por ela.

O fato de serem capazes de se mover independente um do outro confirmava sua existência no mundo real. Mas isso não servia de consolo. Enquanto o cão maior continuava com o focinho entre a relva, o outro ficou imóvel, com uma

das patas dianteiras erguida, olhando para ela, ou farejando seu cheiro no ar quente. June fora criada perto do campo, mas na verdade era uma pessoa da cidade. Sabia que não devia correr, mas era uma jovem de escritório, cinema, biblioteca. Nos seus vinte e seis anos de vida havia enfrentado uma boa média de situações perigosas. Uma bomba V explodiu certa vez a trezentos metros de onde ela estava abrigada. Nos primeiros dias do blackout ela estava num ônibus que bateu numa motocicleta. Quando tinha nove anos, caiu num lago cheio de mato, completamente vestida, em pleno inverno. A lembrança dessas aventuras, ou do sabor delas, chegou até ela, destilada numa essência metálica. O cão avançou alguns metros e parou com a cauda abaixada, as patas dianteiras firmes no chão. June recuou um passo, depois mais dois. Seu joelho esquerdo tremia. A perna direita estava melhor. Imaginou o campo visual da criatura, o que ela estava vendo: uma mancha sem cor e uma linha trêmula, perpendicular, francamente humana, comestível.

June tinha certeza de que aqueles cães sem dono estavam famintos. Naquele lugar, a mais de quatro quilômetros de St. Maurice, até mesmo um cão de caça teria dificuldade para encontrar alimento. Aqueles eram cães de guarda, criados para agredir, não para lutar pela sobrevivência. Ou animais de estimação que haviam perdido o encanto ou sua alimentação se tornara muito dispendiosa. June recuou outra vez. Estava com medo, com um medo razoável, não dos cães, mas do tamanho fora do normal daqueles cães naquele lugar remoto. E da cor? Não, não da cor. O cão maior a viu e avançou, parando ao lado do companheiro. Ficaram imóveis por um quarto de minuto, depois começaram a andar na direção dela. Se tivessem corrido, June não teria como se defender. Mas tinha de vigiá-los o tempo todo, tinha de vê-los avançar para ela. Arriscou um olhar para trás; na trilha banhada de sol, como um instantâneo, não havia nem sinal de Bernard. Ele estava a mais de trezentos metros. Parou para amarrar o cordão do sapato e ficou observando o progresso, a poucos centímetros da ponta do seu pé, de uma caravana de umas doze lagartas peludas, cada uma segurando na boca o traseiro da outra. Bernard chamou June para ver, mas ela já havia passado a curva logo adiante. A cena despertou sua curiosidade científica. A procissão parecia ter um propósito determinado. Ele queria saber exatamente para onde estavam indo, e o que ia acontecer quando chegassem. Estava ajoelhado com a câmara na mão. Não via muita coisa no visor. Tirou o caderno de anotações da mochila e começou a desenhar.

Os cães estavam a menos de cinquenta metros dela e apressando o passo. Quando a alcançassem, suas cabeças chegariam à sua cintura, talvez mais acima. As caudas estavam abaixadas e as bocas abertas. June via as línguas rosadas. Nada mais naquela paisagem tinha aquela cor, a não ser suas pernas queimadas

de sol abaixo da bacia do short. Para se acalmar June pensou num velho terrier de uma tia, como ele andava pelo corredor da reitoria, com as unhas estalando no assoalho de carvalho encerado, para saudar cada novo visitante, nem amistoso, nem hostil, mas devidamente inquisitivo. Os cães deviam um certo respeito irreduzível aos seres humanos, criado e mantido durante gerações, baseado nos fatos incontestáveis da inteligência humana e na estupidez dos cães. E na famosa lealdade dos cães, na sua dependência, seu desejo abjeto de serem mandados. Mas ali as regras se reduziam a meras convenções, a um frágil contrato social. Ali, nenhuma instituição garantia a ascendência dos humanos. Tudo que havia era a trilha que pertencia a qualquer criatura que pudesse passar por ela. Os cães continuaram seu avanço amotinado. June começou a andar para trás. Não ousava correr. Gritou o nome de Bernard uma, duas, três vezes. Sua voz parecia se diluir no ar ensolarado. Os cães aceleraram o passo, passando quase ao trote. Ela não devia demonstrar medo. Com mãos trêmulas ela se abaixou e procurou alguma pedra na trilha. Encontrou três. Segurou uma na mão direita, e as outras duas entre a palma da mão esquerda e ao lado do corpo. Estava recuando de lado, com o ombro esquerdo na direção dos cães. Numa inclinação do caminho, ela tropeçou e caiu. Ansiosa para se levantar, praticamente ricocheteou do chão. Estava ainda com as pedras nas mãos e com um corte no braço. Será que o cheiro do ferimento podia excitar os animais? June queria limpar o sangue mas para isso teria de largar as pedras. Faltavam mais de cem metros para a curva na trilha. Os cães estavam a vinte metros dela e diminuindo a distância. June separou-se do próprio corpo quando finalmente parou e os enfrentou. Sua nova personalidade, desligada, podia ver com indiferença, pior ainda, com aceitação, uma jovem mulher ser devorada viva. Com desprezo notou o lamento choroso em cada respiração, e o espasmo muscular que fazia tremer tanto sua perna a ponto dela não sustentar mais o peso do corpo.

June encostou-se num pequeno carvalho ao lado da trilha e sentiu a mochila entre ela e o tronco da árvore. Sem largar as pedras, tirou a mochila dos ombros e a segurou na frente do corpo. A cinco metros dela, os cães pararam. June compreendeu que estava se agarrando à última esperança de que seu medo fosse infundado. Percebeu isso quando ouviu o rosnado surdo do cão maior. O menor estava com o corpo rente ao chão e as pernas dianteiras estendidas, pronto para saltar. O outro deu passos lentos para a direita, mantendo a distância, até que, para conservar ambos no seu campo de visão, June tinha de olhar de um para o outro. Desse modo ela via um conjunto descontraído de detalhes: as gengivas negras, os lábios negros com uma! faixa de sal na borda, um filete de saliva, as fissuras na língua que quase desapareciam quando chegavam na ponta, um olho vermelho-amarelado e a remela no pelo do canto do olho, feridas abertas numa

perna dianteira e, presa no V da boca aberta, um pouco de espuma para a qual seus olhos voltavam com insistência. Os cães carregavam com eles uma nuvem de moscas e algumas delas passaram para June.

Bernard não gostava de desenhar, nem seus desenhos se pareciam com o que ele via. Representavam o que ele sabia, ou o que queria saber. Eram diagramas, ou mapas, aos quais ele acrescentava, mais tarde, os nomes que faltavam. Se pudesse identificar a lagarta, seria fácil encontrar nos livros o objetivo da procissão, se não conseguisse descobrir naquele dia. Desenhou a lagarta como uma figura alongada, em escala maior. O exame atento revelou que não eram marrons, mas com finas listras cor de laranja e negro. O seu diagrama mostrava só um conjunto de listras, com a devida proporção do comprimento e setas indicando as cores. Tinha contado os membros da caravana — o que não foi fácil uma vez que cada indivíduo era a continuação dos pelos do outro. Registrou vinte e oito. Desenhou a parte da frente da cabeça da primeira lagarta, mostrando o tamanho relativo e a disposição da boca e do olho composto. Quando ajoelhou, e com o queixo encostado no chão, olhou de perto para a cabeça da lagarta que ia na frente, uma cabeça formada por partes inescrutáveis, ele pensou em como partilhámos a terra com criaturas tão estranhas e diferentes de nós que pareciam vindas de outro planeta. Mas nós lhes damos nomes, e deixamos de vê-las, ou o tamanho delas evita que sejam vistas. Lembrou de citar esses pensamentos para June que, naquele momento, devia estar voltando à sua procura, possivelmente um pouco zangada.

June estava falando com os cães, em inglês, depois em francês. Falava com esforço procurando não vomitar. Com o tom confiante de dona, ela ordenou ao cão maior que estava com as pernas dianteiras abertas, ainda rosnando.

— *Ça suffit!*

O animal não ouviu, nem piscou. À sua direita, o outro escorregou para a frente, com a barriga encostada no chão. Se eles tivessem latido, June se sentiria melhor. Os silêncios entre os rosnados sugeriam que os animais tinham um plano. Uma gota de saliva pingou da mandíbula do cão maior na terra seca da trilha. Um enxame de moscas a cobriu imediatamente.

June murmurou, “Por favor, vão embora. Por favor. Oh, Deus!” A exclamação a fez lembrar sua última e melhor chance. Tentou encontrar espaço no seu íntimo para a presença de Deus e teve a impressão de perceber os leves contornos de um vazio que nunca notara antes, bem no fundo da sua mente. Parecia ter flutuado para cima e para a frente, distendendo-se de repente numa penumbra oval com vários centímetros de altura, um manto de energia, ou como ela tentou explicar mais tarde, de “luz colorida e invisível” que a envolveu completamente. Se isso era Deus, era também, indiscutivelmente, ela mesma.

Será que podia ajudá-la? Essa Presença ia se deixar comover por uma conversão repentina e interesseira? Um apelo, uma prece lamentosa para algo que era tão claramente, tão luminosamente uma extensão dela mesma, parecia irrelevante. Mesmo naquele momento extremo, sabia que acabava de descobrir algo extraordinário, e estava resolvida a sobreviver e investigar.

Segurando ainda a pedra, enfiou a mão direita na mochila, tirou o que tinha sobrado do salsichão da véspera e jogou no chão. O cão menor chegou primeiro, mas imediatamente cedeu o lugar ao companheiro. A salsicha e o papel à prova de gordura desapareceram em menos de trinta segundos. O cão virou para ela, babando com um triângulo de papel preso entre os dentes. O cão menor farejou o chão onde estivera a salsicha. June enfiou a mão outra vez na mochila e sentiu uma coisa sólida entre as roupas dobradas. Tirou um canivete com cabo de baquelite. O cão maior deu dois passos na direção dela. Agora estava a três metros. June passou a pedra para a mão esquerda, segurou o cabo do canivete entre os dentes e abriu a lâmina. Não podia segurar o canivete e a pedra na mesma mão. Tinha de escolher. A lâmina com seus 7,5 centímetros era seu último recurso. Só poderia usá-la quando os cães a atacassem. June a pôs em cima da mochila, com o cabo virado para ela. Segurou na mão direita a pedra, aquecida pelo pavor com que a tinha apertado, e encostou no tronco da árvore. Levou a mão para trás. Agora, estava pronta para atacar, e sua perna esquerda não tremia mais.

A pedra atirada com força levantou uma chuva de cascalhos do chão. June errou o alvo, o cão maior, por uns trinta centímetros. O animal se encolheu quando os cascalhos atingiram seu focinho, mas não saiu do lugar e abaixou a cabeça para o lugar do impacto, esperando que, fosse comida. Olhou para ela outra vez, virou a cabeça para o lado e rosnou, um som malévolos, um misto de respiração e muco. Exatamente o que ela temia. Acabava de abrir o jogo. Estava com outra pedra na mão. O cão menor abaixou as orelhas e deslizou para a frente. June ergueu o braço e a pedra escapou da sua mão, caindo sem força, para o lado.

O cão maior abaixou, pronto para o salto, esperando um momento de distração. Os músculos das suas costas ficaram tensos. Uma pata negra arranhou o chão, procurando maior apoio. June só tinha alguns segundos e atirou a terceira pedra que passou por cima das costas do animal e caiu no chão. O cão virou para trás ao ouvir o som da pedra no chão e naquele instante, no segundo seguinte June se moveu. Não tinha nada a perder. Num delírio de indiferença ela atacou. O medo fora substituído pela fúria ao ver sua felicidade, as esperanças dos últimos meses e agora a revelação daquela luz extraordinária, a ponto de serem destruídas por um par de cães sem dono. Segurou o canivete na mão

direita e, usando a mochila como escudo, avançou para os cães, com um grito terrível, aaaaaaa!

O cão menor saltou para trás. Mas o outro atacou. Saltou alto no ar. June inclinou para a frente para compensar o impacto do corpo do animal na mochila. Ele estava apoiado apenas nas pernas traseiras e June aparou o resto do corpo dele só com um braço. Sentiu que começava a ceder ao peso. O focinho do animal estava poucos centímetros acima do seu rosto. Com três movimentos rápidos de baixo para cima ela enfiou a faca na barriga e nos lados do corpo do cão, surpreendendo-se com a facilidade com que a lâmina penetrou. Um bom canivete. Ao primeiro golpe, o cão arregalou os olhos vermelho-amarelados. No segundo e no terceiro, antes de largar a mochila, ele ganiu alto e lamentosamente como um filhote desamparado. Encorajada e gritando outra vez, June atacou pela quarta vez. Mas o animal estava recuando e ela errou. O movimento do seu braço no ar a desequilibrou. June caiu para a frente.

O canivete escapou da sua mão. Sua nuca estava exposta. Tremendo, ela encolheu os ombros e as pernas e escondeu o rosto nas mãos. Ele pode vir agora, foi seu único pensamento. Pode vir agora.

Mas não aconteceu. Quando ousou erguer a cabeça, viu os cães a uns cem metros correndo, de volta para o lugar de onde tinham vindo. Entraram na curva da trilha e desapareceram.



Bernard a encontrou quinze minutos depois sentada no chão. Quando a ajudou a levantar, June disse zangada que fora assustada por dois cães e queria voltar. Bernard não viu o canivete sujo de sangue e June esqueceu de apanhá-lo. Ele começou a dizer que era tolice perder o belo espetáculo da descida até Navacelles e que ele podia se encarregar dos cães. Mas June já estava voltando. Não era do seu feitio forçar desse modo uma decisão. Quando Bernard apanhou a mochila dela, viu uma série de furos na lona e uma mancha de espuma, mas estava preocupado em alcançá-la e não deu maior atenção. Quando chegou perto dela, June balançou a cabeça. Não tinha nada mais para dizer. Bernard a segurou pelo braço para fazê-la parar.

— Pelo menos vamos conversar. É uma mudança radical nos nossos planos, você sabe.

Percebeu que ela estava realmente aborrecida e tentando controlar a irritação. June livrou o braço e continuou a andar. Seus movimentos pareciam mecânicos. Bernard a alcançou outra vez, bufando sob o peso das duas mochilas.

— Aconteceu alguma coisa.

O silêncio dela era uma afirmação.

— Pelo amor de Deus, conte o que foi.

— Não posso. — June continuou a andar.

Bernard gritou.

— June! Isso é ridículo.

— Não me peça para falar. Ajude-me a chegar a St. Maurice, Bernard. Por favor.

Ela não esperou resposta. Não estava disposta a discutir. Bernard nunca a vira assim e de repente resolveu fazer o que ela pedia. Voltaram para o alto do desfiladeiro e atravessaram o pasto sob a violência do calor escaldante, na direção da torre do castelo da cidade.

No Hôtel des Tilleuls, June subiu os degraus da frente e sentou na sombra irregular das árvores de lima, segurando com as duas mãos a beirada da mesa de ferro pintada, como se estivesse dependurada num penhasco. Bernard sentou de frente para ela e estava se preparando para fazer a primeira pergunta quando June ergueu a mão com as palmas para fora e balançou a cabeça. Pediram limonada. Enquanto esperavam, Bernard descreveu com detalhes a procissão de lagartas e lembrou sua observação sobre a natureza estranha de certas espécies. June às vezes balançava a cabeça afirmativamente, mas nem sempre nos momentos certos.

Madame Auriac, a proprietária, serviu a limonada. Era uma senhora maternal, sempre ocupada, que, na noite anterior, eles haviam apelidado de *Sra. Tiggywinkle*. Perdera o marido em 1940, quando os alemães cruzaram a fronteira da Bélgica. Quando soube que eles eram ingleses e estavam em lua de mel, os fez passar para um quarto com banheiro, sem cobrar mais. Chegou com os copos de suco de limão na bandeja, uma jarra de vidro com água com a marca Ricard e um pires com mel em lugar do açúcar, que estava ainda racionado. Percebeu que havia alguma coisa errada com June porque ela pôs o copo na mesa cuidadosamente. Então, um segundo antes de Bernard, ela viu o sangue na mão direita de June e, segurando-a, entre as suas, exclamou.

— Pobrezinha, que corte feio. Venha comigo que vou cuidar disso para você.

June obedeceu docilmente. Quando levantou da cadeira, Madame Auriac segurou sua mão. Ia deixar que ela a levasse para dentro do hotel quando seu rosto se crispou e ela deu um grito de surpresa. Bernard levantou imediatamente, assustado, pensando que iam assistir a um nascimento, um aborto, algum espetacular desastre feminino. Madame Auriac, mais calma, segurou a jovem inglesa e a ajudou a sentar outra vez. June foi dominada por uma série de soluços secos e entrecortados que terminaram num choro infantil. Quando conseguiu

falar outra vez, June contou sua história, sentada ao lado de Madame Auriac, que mandou servir conhaque. Bernard, no outro lado da mesa, segurou a mão de June, mas no começo ela não quis aceitar o consolo que ele oferecia. Não perdoava sua ausência naquele momento crítico e a descrição das suas lagartas ridículas intensificou o ressentimento. Porém, quando ela chegou ao clímax da história e viu a expressão de espanto e de orgulho do marido, entrelaçou os dedos nos dele e correspondeu ao aperto carinhoso.

Madame Auriac mandou o garçom chamar o prefeito, mesmo que ele estivesse fazendo a sesta. Bernard abraçou June e elogiou sua coragem. O conhaque aqueceu o estômago dela. Pela primeira vez compreendeu que sua experiência estava completa. Na pior das hipóteses era uma lembrança vívida. Era uma história, na qual ela se saíra muito bem. Aliviada, lembrou do amor que sentia por seu querido Bernard; assim, quando o prefeito apareceu, com a barba por fazer e estremunhado de sono, encontrou uma cena de feliz comemoração, um idílio, e Madame Auriac sorridente. Compreensivelmente irritado, quis saber o que era tão urgente para tirá-lo da cama no começo da tarde.

Madame Auriac parecia ter alguma ascendência sobre o prefeito. Depois de apertar as mãos dos ingleses, ele sentou e, mal humorado ainda, aceitou um conhaque. Animou-se um pouco quando Madame Auriac pediu um bule de café. Café de verdade era ainda uma raridade. O de Madame Auriac era feito com o melhor grão da Arábia. O prefeito ergueu o copo pela terceira vez. *Vous êtes anglais?* Ah, seu filho que estudava engenharia em Clermont-Ferrand lutou ao lado da Força Expedicionária Britânica e sempre dizia...

— Hector, vamos deixar isso para mais tarde — disse Madame Auriac. — Temos aqui uma situação muito grave — e para poupar a June o esforço da repetição, contou uma história, com pequenas adições por conta própria. Porém, quando Madame Auriac começou a descrever a luta de June com o cão, antes de feri-lo com o canivete, ela achou que precisava intervir. O prefeito e Madame Auriac consideraram a interrupção apenas como modéstia irrelevante. No fim, Madame Auriac mostrou a mochila de June. O prefeito assobiou entre os dentes e deu seu veredicto.

— *C'est grave.*

Dois cães selvagens famintos, possivelmente raivosos, um deles mais feroz por causa dos ferimentos, eram certamente uma ameaça pública. Logo que terminasse seu drinque ele reuniria alguns homens e os mandaria sair à procura dos animais para matá-los. Ia também telefonar para Navacelles para ver o que podia ser feito daquele lado.

O prefeito parecia estar pronto para se levantar, mas estendeu a mão para o copo e recostou na cadeira.

— Isso já aconteceu antes — disse ele. — No último inverno. Está lembrada?

— Não ouvi nada a respeito — disse Madame Auriac.

— Nessa vez foi só um cão. Mas a mesma coisa, o mesmo motivo.

— Motivo? — perguntou Bernard.

— Quer dizer que não sabe? Ah, *c'est une histoire*. — Empurrou o copo na direção de Madame Auriac que, voltando-se para o bar, chamou o garçom. O homem se aproximou e, a um gesto dela, puxou uma cadeira e sentou. De repente, a filha de Madame Auriac, Monique, que trabalhava na cozinha, apareceu com uma bandeja. Eles ergueram os copos e as xícaras para que ela pudesse estender a toalha e pôr sobre a mesa duas garrafas de *vin de pays*, copos, uma cesta com pão, uma tigela com azeitonas e talheres. Lá fora, nas vinhas, além da varanda coberta, as cigarras intensificaram seu canto seco e quente. Então a hora, o começo da tarde, que no Midi é tão elementar como o ar e a luz, expandiu-se e rolou como uma onda imensa na direção do resto do dia, e para cima, na abóbada do céu azul, com sua deliciosa invasão liberando todos das suas obrigações.

Monique voltou com um assado de porco numa travessa marrom quando o prefeito, que acabava de servir o vinho, começava sua história.

— Esta era uma cidadezinha tranquila no começo, estou falando de 1940 e 1941. Demoramos para nos organizar e por motivos, bem, históricos, disputas entre famílias, discussões idiotas, ficamos fora do grupo que se formou em volta de Madière, a cidade na margem do rio. Então, em março ou abril de 1942, alguns dos nossos ajudaram o movimento da linha Antoinette, que se estendia da costa, perto de Sète, atravessava a Seranne, passava por aqui, atravessava Cévennes e chegava a Clermont. Cortava a linha Philipps leste-oeste que ia até a Espanha, através dos Pireneus.

O prefeito, interpretando erroneamente a deliberada falta de expressão no rosto de Bernard e notando que June tinha abaixado os olhos, apressou-se a explicar.

— Vou dizer do que se tratava. Nosso primeiro trabalho, por exemplo. Radiotransmissores trazidos por submarinos para Cap d'Adage. Nosso pessoal os levou de La Vacquerie para Le Vigan em três noites seguidas. Para onde foram depois disso não sabemos, vocês compreendem?

Bernard balançou a cabeça afirmativamente com vigor, como se de repente tudo estivesse claro. June continuou a olhar para o colo. Eles nunca haviam conversado sobre seus trabalhos durante a guerra e só foram falar a respeito em 1974. Bernard havia organizado inventários para numerosos grupos que operavam em linhas diferentes, embora jamais tivesse se envolvido diretamente

com uma linha tão pequena quanto a Antoinette. June tinha trabalhado para um grupo de ligação com a França Livre no plano SOE em Vichy, França, mas também não sabia nada sobre a Antoinette. Durante toda a narração do prefeito, Bernard e June evitaram olhar um para o outro.

— A Antoinette funcionou bem — disse o prefeito — durante sete meses. Éramos poucos aqui. Passávamos agentes e seus operadores de rádio para o norte. As vezes eram apenas suprimentos. Ajudamos um piloto canadense a chegar à costa...

Alguns sinais de impaciência da parte do garçom e de Madame Auriac indicavam que tinham ouvido várias vezes aquela história contada pelo prefeito com a garrafa de conhaque na sua frente, ou que achavam que ele estava exagerando. Madame Auriac, em voz baixa, dava instruções a Monique sobre o prato que devia ser servido.

— Então — o prefeito ergueu a voz — alguma coisa saiu errada. Alguém deu com a língua nos dentes. Dois homens foram presos em Arboras. Foi então que a milícia chegou.

O garçom virou a cabeça delicadamente e cuspiu na base de um pé de lima.

— Eles investigaram toda a linha, instalaram-se aqui no hotel e interrogaram todos os habitantes da cidade, um por um. Posso dizer com orgulho que não descobriram nada, absolutamente nada, e foram embora. Mas foi o fim da Antoinette, e a partir daquele dia St. Maurice ficou sob suspeita. De repente, resolveram que devíamos controlar uma linha para o norte, atravessando o Gorge. Mas não éramos mais uma cidadezinha obscura. Eles passavam por aqui dia e noite. Recrutavam informantes. Antoinette estava morta e dificilmente poderia ser reorganizada. Os maquis de Cévennes enviaram um homem para cá e houve muita discussão. Estávamos isolados, era verdade, mas não era difícil para eles manter a vigilância e os maquis não entendiam isso. Temos a Causse atrás de nós sem nenhuma cobertura. Na frente, fica o Gorge, com poucas trilhas para baixo.

— Mas, no fim, recomeçamos e quase em seguida o nosso *docteur* Boubal foi preso aqui. Eles o levaram para Lyon. Foi torturado e achamos que morreu antes de falar. A Gestapo chegou no dia em que o levaram. Trouxeram cães, animais enormes e feios usados nas montanhas para descobrir os esconderijos dos maquis. Isso era o que diziam mas eu nunca acreditei que fossem cães rastreadores. Eram cães de guarda, não de caça. A Gestapo chegou com os cães, requisitou uma casa no centro da cidade e ficou três dias. Não ficou bem claro o que eles queriam. Foram embora e dez dias depois voltaram. E duas semanas depois. Andavam por toda a cidade e nunca sabíamos onde estavam nem quando iam voltar. Ficaram muito conhecidos, com aqueles cães, investigando a vida de

todo mundo. A ideia era intimidar e funcionou. Todos tinham pavor dos cães e dos homens que andavam com eles. Era difícil qualquer movimento à noite com os cães patrulhando a cidade. E a essa altura, os informantes da milícia estavam firmemente instalados.

O prefeito esvaziou o copo de vinho com dois longos goles e o encheu outra vez.

— Então descobrimos o verdadeiro objetivo dos cães, ou pelo menos um deles.

— Hector... — advertiu Madame Auriac. — Isso não...

— Primeiro — disse o prefeito — preciso dizer alguma coisa sobre Danielle Bertrand...

— Hector — insistiu Madame Auriac -, a jovem senhora não quer ouvir essa história.

Mas fosse qual fosse sua autoridade sobre o prefeito, a bebida a tinha anulado.

— Não se pode dizer — explicou ele — que Madame Bertrand era muito popular na cidade.

— Graças a você e aos seus amigos — disse Madame Auriac, em voz baixa.

Ela chegou logo depois do começo da guerra e se instalou numa pequena propriedade na periferia da cidade, deixada por uma tia. Disse que o marido fora morto perto de Lille, em 1940, o que podia ser verdade ou não.

Madame Auriac, recostada na cadeira, com os braços cruzados, balançou a cabeça.

— Não confiávamos nela. Talvez estivéssemos enganados... A última observação foi uma concessão a Madame Auriac, mas ela não olhou para ele, demonstrando sua desaprovação por meio de um silêncio furioso.

— Mas era assim durante a guerra — continuou ele, com um gesto largo da mão para sugerir que essa parte devia ser explicada por Madame Auriac, se ela se dignasse a dizer alguma coisa.

— Uma estranha que veio morar na cidade, ninguém sabia de onde vinha seu dinheiro e ninguém lembrava de ter ouvido Madame Bertrand sequer mencionar a existência de uma sobrinha, e ela era tão distante, ficava o dia inteiro sentada à mesa da cozinha com uma pilha de livros. É claro que tinha de despertar suspeitas. A verdade é que não gostamos dela. Digo isso porque quero que compreenda, madame — dirigiu-se a June — que, apesar de tudo que eu disse, estávamos horrorizados com os acontecimentos de abril de 1944. Sentíamos um remorso profundo...

Madame Auriac disse com desprezo.

— Remorso!

Nesse momento Monique chegou com uma grande cassole de barro e durante quinze minutos todas as atenções e elogios foram para o cassoulete Madame Auriac, satisfeita, revelou como tinha conseguido o ingrediente principal, o ganso em conserva.

Quando terminaram a refeição, o prefeito continuou.

— Certa noite, depois do trabalho, estávamos sentados a esta mesma mesa, três ou quatro de nós, quando vimos Madame Bertrand correndo pela rua na nossa direção. Estava em péssimo estado, com a roupa rasgada, o nariz sangrando e com um corte no supercílio. Ela gritava, não, dizia coisas ininteligíveis, subiu estes degraus e entrou, à procura de Madame...

Madame Auriac disse rapidamente.

— Ela foi violentada pela Gestapo. Desculpe-me, madame — pôs a mão na de June.

— Foi o que nós todos pensamos — disse o prefeito. Madame Auriac ergueu a voz.

— E estavam certos.

— Não foi o que descobrimos mais tarde. Pierre e Henri Sauvy...

— Bêbados!

— Eles viram tudo. Desculpe-me, madame — para June — mas eles amarraram Danielle Bertrand numa cadeira.

Madame Auriac bateu com a mão na mesa.

— Hector, eu estou dizendo! Não vou admitir que conte essa história aqui...

Mas Hector virou para Bernard.

— Não foi a Gestapo que a violentou. Eles usaram...

Madame Auriac estava de pé.

— Saia da minha mesa agora, e nunca mais venha comer ou beber aqui!

Hector hesitou, depois deu de ombros e começou a levantar da cadeira quando June disse. — Usaram o quê? Do que está falando, monsieur?

O prefeito, antes tão ansioso para contar sua história, vacilou ante a pergunta direta.

— Precisa compreender, madame... os irmãos Sauvy viram com seus próprios olhos, pela janela... e mais tarde soubemos que isso acontecia também nos centros de interrogatório de Lyon e Paris. A verdade nua e crua é que um animal pode ser treinado...

Finalmente Madame Auriac explodiu.

— A verdade nua e crua? Uma vez que eu sou a única aqui, a única nesta cidade que conhecia Danielle, vou dizer qual é a verdade nua e crua! Ela empertigou o corpo, tremendo de indignação. Era impossível, Bernard lembrava de ter pensado, não acreditar nela. O prefeito estava ainda meio sentado e meio

de pé, o que o fazia parecer intimidado.

— A verdade nua e crua é que os irmãos Sauvy são dois bêbados e que você e seus amigos desprezavam Danielle Bertrand porque ela era bonita e morava sozinha e não dava satisfações a ninguém. E quando aquela coisa terrível aconteceu com ela, vocês fizeram alguma coisa para ajudá-la contra a Gestapo? Não, vocês ficaram do lado deles. Aumentaram sua vergonha com essa história, essa história nojenta. Vocês todos, tão dispostos a acreditar em dois bêbados. Foi um prazer enorme. Mais humilhação para Danielle. Não paravam de falar a respeito. Vocês fizeram a pobre mulher sair da cidade. Mas ela valia mais do que muitos de vocês e deviam se envergonhar, especialmente você, Hector, na sua posição. É isso que estou dizendo agora. Não quero ouvir nunca mais essa história nojenta. Compreendeu? Nunca mais! Madame Auriac sentou outra vez. Por não ter contestado as palavras dela, aparentemente o prefeito achou que tinha direito de fazer o mesmo. Fez-se silêncio enquanto Monique tirava os pratos.

Então June disse.

— E os cães que eu vi esta manhã?

O prefeito disse, em voz baixa.

— Os mesmos, madame. Os cães da Gestapo. Logo depois disso as coisas começaram a mudar. Os aliados desembarcaram na Normandia. Quando começaram a avançar, os alemães trouxeram as unidades do norte para enfrentá-los. O grupo que estava na cidade tinha como único objetivo a intimidação, por isso foi o primeiro a ser retirado. Deixaram os cães que se tornaram selvagens. Pensamos que não iam durar muito, mas sobreviveram comendo nossas ovelhas. Há dois anos são uma ameaça para a cidade. Mas, não se preocupe, madame. Esta tarde, aqueles dois serão mortos.

Recobrando o autorrespeito com essa promessa, o prefeito esvaziou, o copo, encheu outra vez de vinho e o ergueu.

— A paz!

Mas olhares de relance para Madame Auriac viram que ela continuava com os braços cruzados e a resposta ao brinde do prefeito foi desanimada.



Depois do conhaque, do vinho e do almoço demorado, o prefeito não conseguiu organizar os homens para a caça aos cães naquela tarde. Na manhã seguinte também não aconteceu nada. Bernard ficou inquieto. Queria ainda fazer a caminhada que havia idealizado no Dólmã de La Prunarède. Logo depois do

café, queria ir à casa do prefeito. No entanto, June ficou aliviada. Precisava pensar e uma longa caminhada não seria conveniente. A vontade de voltar para casa era mais forte do que nunca. Agora tinha uma explicação perfeitamente racional. Disse claramente a Bernard que, mesmo que visse os dois cães mortos aos seus pés, não pretendia caminhar até Navacelles. Ele protestou, mas June sabia que tinha compreendido. E Madame Auriac, que serviu pessoalmente o café da manhã aos dois, também compreendeu. Falou de uma trilha *doux et beau*, que ia para o sul na direção de La Vacquerie, depois subia uma colina e descia da Causse para a cidade de Les Salces. A menos de um quilômetro ficava St. Privat onde os primos dela podiam hospedá-los por uma noite, por um preço razoável. Então podiam dar um passeio agradável até Lodève. Era simples! Apanhou um mapa, escreveu o endereço dos primos, encheu de água as garrafas deles, deu um pêssego para cada um e os acompanhou até uma parte do caminho, despedindo-se com pequenos beijos no rosto — naquele tempo um ritual exótico para os ingleses — e um abraço especial em June.

A Causse de Larzac, entre St. Maurice e La Vacquerie, é realmente um caminho mais fácil do que a região selvagem e árida mais a oeste. Eu já passei por ele muitas vezes. Talvez seja porque as fazendas, as mas, sejam mais próximas umas das outras, estendendo sua influência benéfica na paisagem por todo o caminho. Talvez seja a antiga influência do polje, um leito de rio pré-histórico que corre em ângulo reto com o Gorge. Uma extensão de terra de mais de meio quilômetro, quase um túnel de roseiras silvestres, passa por um pequeno lago formado pela condensação, num campo reservado naquele tempo por uma velha senhora excêntrica para os jumentos velhos demais para trabalhar. Foi aí que O jovem casal deitou numa sombra e silenciosamente — pois podia aparecer alguém na trilha — restabeleceram a doce e descontraída união de duas noites atrás.

Entraram na cidade no fim da manhã. La Vacquerie era antes um ponto de parada da diligência que fazia o trajeto entre a Causse e Montpellier, antes da construção da estrada que partia de Lodève, em 1865. Como St. Maurice, tem ainda seu hotel-restaurante, onde Bernard e June sentaram nas cadeiras na calçada, de costas para a parede, tomaram cerveja e almoçaram. June estava calada outra vez. Queria falar sobre a luz colorida que tinha visto ou sentido mas estava certa de que Bernard não ia dar importância. Queria também falar sobre a história do prefeito, mas Bernard já deixara bem claro que não acreditava em nem uma palavra. Uma disputa verbal não era o que ela queria, mas o silêncio começava a criar um ressentimento que ia crescer nas semanas seguintes.

Perto do restaurante, onde a estrada principal se dividia em duas, havia uma cruz de ferro numa base de pedra. June e Bernard viram um pedreiro gravando

na pedra mais uma meia dúzia de nomes. Na outra extremidades da rua, na sombra de um portal, uma jovem mulher de negro também observava. Era tão pálida que, a princípio, pensaram que sofria de alguma doença grave. Ela ficou imóvel, segurando a ponta da echarpe que cobria sua cabeça, escondendo a boca. O pedreiro parecia embaraçado e ficou o tempo todo de costas para ela. Depois de uns quinze minutos, um homem velho com roupa azul de trabalho chegou arrastando os chinelos de pano, segurou a mão da jovem e a levou embora. O dono do hotel saiu para a calçada, indicou o outro lado da rua, vazio agora, com uma inclinação da cabeça e disse.

— Trois. Mari et deux frères, e pôs na mesa os pratos de salada.

A lembrança do incidente sombrio os acompanhou na subida sob o sol, depois do almoço, para a Bergerie de Tédénat. Pararam à sombra de um pequeno bosque de pinheiros, antes de atravessar uma longa extensão de campo aberto. Bernard recordaria esse momento pelo resto da sua vida. Enquanto tomavam água das garrafas térmicas, ele pensou na guerra há pouco terminada não como um fato histórico, geopolítico, mas como uma multiplicidade, uma quase-infinidade de sofrimentos individuais, como uma dor ilimitada dividida em pequenas porções, todas com a mesma intensidade, entre indivíduos que cobriam o continente como o pó, como esporos cujas identidades diferentes permaneceriam desconhecidas e cuja totalidade mostrava mais tristeza do que era possível compreender; um peso suportado em silêncio por centenas de milhares, milhões, como o da mulher de negro que chorava o marido e dois irmãos, cada dor uma história de amor particular, complexa, intensa que podia ter sido diferente. Era como se ele nunca tivesse pensado na guerra antes, não sobre seu preço. Estava sempre ocupado com os detalhes do seu trabalho, procurando fazer o melhor, e com uma visão mais ampla dos objetivos da guerra, das vitórias, das estatísticas sobre mortes, da destruição e da reconstrução no pós-guerra. Pela primeira vez percebia a escala da catástrofe em termos de sentimento; todas aquelas mortes únicas e solitárias, todo o sofrimento, único e solitário também, que não era citado nas conferências, nas manchetes dos jornais, na história, silenciosamente retirado para as casas, as cozinhas, as camas vazias e as lembranças dolorosas. Bernard pensou nisso pela primeira vez ao lado de um pinheiro no Languedoc, em 1946, não como uma observação que podia partilhar com June, mas como uma profunda apreensão, o reconhecimento de uma verdade que o envolveu num silêncio tristonho e mais tarde se transformaria numa pergunta: o que podia oferecer uma Europa coberta por essa poeira, esses esporos, quando esquecer seria desumano e perigoso, e lembrar, uma tortura constante?

June conhecia a descrição de Bernard desse momento, mas afirmava não se

lembrar da mulher de negro. Quando passei por La Vacquerie, em 1989, a caminho do dólmã, descobri que as inscrições na base do monumento eram citações latinas. Não havia nenhum nome de mortos na guerra.

Quando chegaram ao topo da colina, seu estado de espírito melhorou. Olhando para trás, tinham uma bela vista do desfiladeiro a doze quilômetros de distância, e podiam ver o caminho que haviam percorrido como se fosse um mapa. Foi então que começaram a se perder. O desenho de Madame Auriac não indicava claramente onde deviam deixar a trilha que passa por fora da Bergerie de Tédénat. Saíram cedo demais, descendo por um caminho feito por caçadores que entrava no meio de moitas de urze, timo e lavanda. June e Bernard não se preocuparam. Afloramentos de rochas dolomitas espalhavam-se pela paisagem, torres e arcos esculpidos pela chuva e pelo vento e era como se estivessem andando entre ruínas de uma antiga cidade invadida por um belo jardim. Continuaram a caminhar felizes, pensando que estavam na direção certa, durante mais de uma hora. Procuravam uma larga faixa de areia que os levaria à descida dos Pas de l'Azé e finalmente Les Salces. Mesmo com o melhor dos mapas seria difícil encontrar o caminho.

Quando a tarde começou a ceder espaço para a noite, chegou o cansaço e a impaciência. A Bergerie de Tédénat é um barracão longo e baixo que se destaca contra a linha do horizonte e elas desciam a encosta pouco inclinada que os levaria de volta a ela, quando ouviram, vindo do oeste, um som estranho de “choque-choque”. À medida que se aproximava deles dividiu-se em milhares de pontos melódicos, como se uma porção de sistros, xilofones e marimbas competisse num selvagem contraponto. Bernard pensou em água fria pingando em rochas lisas.

Pararam e esperaram, encantados. A primeira coisa que viram foi uma nuvem de poeira marrom-clara iluminada por trás pelo sol baixo e forte e então apareceram as primeiras ovelhas na curva do caminho, assustadas pelo encontro inesperado, mas sem poder voltar por causa do rebanho que vinha atrás. Bernard e June subiram numa rocha e esperaram o rebanho passar, levantando a poeira e com seu clamor de sinos.

O cão pastor que seguia o rebanho percebeu a presença dos dois mas não deu a menor atenção. A mais de cinquenta metros atrás apareceu o pastor, o *berger*. Como o cão, ele os viu e não demonstrou nenhuma curiosidade. Teria passado sem ao menos uma inclinação da cabeça se June não saltasse da rocha na frente dele para perguntar o caminho para Les Salces. Só depois de dar mais alguns passos ele parou e não falou imediatamente. Tinha o bigode largo e caído, tradicional do *berger*, e usava o chapéu de abas largas, também tradicional e igual aos deles. Sentindo-se uma fraude, Bernard pensou em tirar o chapéu. June,

pensando que talvez o homem não compreendesse seu francês de Dijon, começou a repetir a pergunta, falando mais devagar. O pastor ajeitou no ombro a manta puída, inclinou a cabeça na direção das ovelhas e caminhou apressadamente para a frente do rebanho. Resmungou alguma coisa que eles não compreenderam, mas acharam que era para segui-lo.

Depois de vinte minutos, o pastor entrou numa abertura entre os pinheiros e o cão fez o rebanho acompanhá-lo. Bernard e June haviam passado duas ou três vezes por aquele lugar. Estavam numa pequena clareira na borda de um penhasco, com o sol poente, a cadeia de montanhas baixas, arroxeadas, e o mar distante à sua frente. A mesma paisagem que tinham admirado à luz da manhã do alto de Lodève há três dias. Estavam na borda do platô, quase na descida. Estavam voltando para casa.

Entusiasmada, já com a premonição da alegria que ia encher sua vida, depois a de Jenny, depois a minha e a dos meus filhos, June virou para trás, com as ovelhas colidindo contra suas pernas no pequeno espaço, para agradecer ao pastor. O cão já estava levando o rebanho para uma estreita trilha pedregosa que passava sob uma rocha imensa, o Pas de l'Azé.

— É tão bonito — gritou June, entre o som dos sinos. O homem olhou para ela. As palavras nada significavam para ele. Deu meia-volta e eles o seguiram.

Talvez os pensamentos de voltar à casa tivessem encontrado eco na mente do pastor, ou talvez, e esta é a suposição mais cética de Bernard, ele já tivesse um plano em mente quando resolveu começar a falar, assim que iniciaram a descida. Não era comum, explicou o pastor, tirar o rebanho da Causse tão cedo no ano. A *transhumance* começava em setembro. Mas seu irmão tinha morrido num acidente de moto há pouco tempo e ele precisava descer para resolver vários negócios. Precisava juntar os dois rebanhos, vender algumas cabeças, algumas propriedades e saldar dívidas. Essa história foi contada com longas pausas, enquanto desciam, atravessavam um bosque de carvalhos, passavam por uma *bergerie* em ruínas que pertencia ao tio do pastor, pelo leito seco de um riacho, depois por mais carvalhos, deram a volta numa colina com pinheiros no topo e entraram numa larga plataforma de terra ensolarada numa encosta cortada por terraços, acima de um vale de parreiras e carvalhos. Lá embaixo, a menos de um quilômetro estava a cidade de St. Privat, pousada na borda de uma pequena garganta cortada por um pequeno regato. Confortavelmente instalada entre os terraços da encosta, de frente para o vale, iluminada pelo sol poente, estava a *bergerie* de pedra cinzenta. Num lado havia um pequeno campo onde o cão reunia as últimas ovelhas desgarradas. Para o norte, altos e estendendo-se para noroeste, formando um vasto anfiteatro de rocha, erguiam-se os rochedos da borda do platô.

O pastor os convidou para sentar no lado de fora da *bergerie* enquanto ele ia apanhar água da fonte. June e Bernard sentaram numa pedra plana, de costas para a parede irregular e morna, para ver o sol desaparecer atrás das montanhas na direção de Lodève. A luz adquiriu um tom violeta, uma brisa fresca soprou e as cigarras modularam seu canto. Ficaram em silêncio. O pastor voltou com uma garrafa de vinho cheia d'água para os três. Bernard cortou os pêssegos dados por Madame Auriac e dividiu entre os três. O pastor, cujo nome eles ainda não sabiam, tinha esgotado seu assunto e ficou calado. Mas era um silêncio repousante, amistoso, e ali sentados olhando o céu se incendiar no oeste, June, entre os dois homens, sentiu-se invadida por uma sensação de paz e de amplidão. Era um contentamento profundo e tranquilo que a fez pensar que nunca fora feliz antes. O que havia sentido duas noites atrás, no Dólmã de La Prunarède, era uma premonição disso, frustrada pela conversa oficiosa, as boas intenções, os planos para melhorar a condição material de estranhos. Entre aquele tempo e este estavam os cães negros e o oval de luz que ela não via mais, mas cuja existência a enchia de felicidade.

Ela estava segura naquele pequeno pedaço de terra agachado sob o alto rochedo do platô. Fora restituída a si mesma, estava mudada. Isto, agora, aqui. Sem dúvida era isso que a existência se esforçava para fazer e tão raramente conseguia, saborear a si mesma completamente no presente, neste momento, em toda a sua simplicidade — o ar de verão macio e quase escuro, o perfume do timo amassado pelos pés, sua fome, a sede saciada, a pedra morna que sentia através da saia, o gosto do pêssego, as mãos pegajosas, as pernas cansadas, a fadiga suada, quente de sol e empoeirada. Aquele lugar belo e obscuro, e aqueles dois homens, um que ela conhecia e amava, o outro em cujo silêncio ela confiava e que estava esperando, tinha certeza, que ela desse o próximo passo inevitável.

Quando ela perguntou se podia ver o interior da *bergerie*, teve a impressão de que o homem estava de pé antes que ela terminasse a pergunta e já caminhando para a porta da frente, no lado norte. Bernard disse que não tinha vontade de sair de onde estava. June acompanhou o pastor na escuridão total. Ele acendeu um lampião e o segurou bem alto para ela. June deu dois passos e parou. Sentiu o cheiro adocicado de palha e poeira. Estava numa espécie de celeiro comprido, com telhado em ponta, dividido em dois andares por um teto de pedra em arco que havia desabado num canto. O chão era de terra batida. June ficou parada em silêncio por um minuto e o homem esperou pacientemente. Quando ela virou para ele e perguntou “*Combien?*”, ele tinha o preço na ponta da língua.



Custou o equivalente a trinta e cinco libras, a casa e vinte acres de terra. June tinha economias suficientes para fechar o negócio, mas só na tarde seguinte teve coragem para contar a Bernard o que acabara de fazer. Para sua surpresa, ele não se opôs com uma barragem de argumentos sensatos, como a necessidade de comprar uma casa em Londres primeiro ou a imoralidade de ter duas casas quando tanta gente não tinha onde morar. Jenny nasceu no ano seguinte e June só voltou à *bergerie* no verão de 1948, quando começou a fazer algumas reformas modestas. Foram acrescentadas várias construções no estilo local para acomodar a família. A água da fonte foi canalizada em 1955. Em 1958, foi instalada a eletricidade. Durante anos, June consertou os terraços, canalizou outra fonte menor para irrigar os pomares de pêssago e de oliveiras plantados por ela, e fez um encantador labirinto muito inglês com os arbustos que cresciam na encosta da colina.

Em 1951, depois do nascimento do terceiro filho, June resolveu morar na França. Os filhos ficavam com ela a maior parte do tempo. Ocasionalmente passavam longos tempos com o pai em Londres. Em 1957, estudaram nas escolas locais de St. Jean de La Blacquièrre. Em 1960, Jenny entrou para o liceu em Lodève. Durante toda a sua infância os filhos dos Tremaine viajavam entre a Inglaterra e a França, acompanhados nos trens por bondosas senhoras ou por severas tias universais, indo da mãe para o pai e vice-versa, que não queriam viver juntos nem se separar definitivamente. Pois June, convencida da existência do mal e de Deus, e certa de que ambos eram incompatíveis com o comunismo, não conseguiu persuadir Bernard da sua crença, nem desistir dele. Bernard, por sua vez, a amava e aquela vida reclusa escolhida por ela, sem nenhuma responsabilidade social, o deixava furioso.

Bernard abandonou o partido e se transformou na “voz da razão” durante a crise do Suez. Sua biografia de Nasser chamou a atenção para seu nome e foi logo depois da publicação do livro que ele passou a ser o ativista radical mais conveniente aos programas de debates da BBC. Candidatou-se pelo Partido Trabalhista numa eleição secundária em 1961 e perdeu. Em 1964, tentou outra vez e conseguiu. Mais ou menos nessa época Jenny foi para a universidade e June, temendo que a filha ficasse muito exposta à influência de Bernard, escreveu, no primeiro período, uma daquelas cartas antiquadas, repletas de conselhos que os pais escreviam às vezes para os filhos que saíam de casa. Nela June dizia que não acreditava nos princípios abstratos segundo os quais

“intelectuais engajados querem organizar a mudança social”. Tudo que ela podia acreditar, escreveu para Jenny, era em “objetivos práticos realizáveis a curto prazo. Cada um deve ser responsável pela própria vida, procurar melhorar as condições, primeiro espirituais, depois materiais se fosse preciso. Não dou a menor importância à política de uma pessoa. No que me diz respeito, Hugh Wall (um político, amigo de Bernard), que conheci no ano passado num jantar em Londres e que falou sozinho a noite inteira, não é melhor do que os tiranos que ele gosta de denunciar...”

June escreveu três livros que foram publicados. Em meados dos anos cinquenta, *Graça mística: Obras seletas de Santa Teresa de Ávila*. Dez anos depois, *Flores silvestres do Languedoc*, e dois anos depois, um panfleto curto e prático, *Dez meditações*. Com o passar dos anos suas viagens a Londres tornaram-se cada vez mais espaçadas. Ficou na *bergerie*, estudando, meditando, tomando conta da propriedade, até a doença obrigá-la a voltar para a Inglaterra, em 1982.

Recentemente encontrei duas páginas taquigrafadas com minha última conversa com June, um mês antes da sua morte, em 1987: Jeremy, naquela manhã eu me vi face a face com o mal. Não sabia naquele momento, mas sentia no meu lado — aqueles animais eram a criação de uma imaginação vil, de espíritos pervertidos que nenhuma teoria social pode definir. O mal de que estou falando vive em todos nós. Apossa-se de um indivíduo, de vidas particulares, dentro de uma família, e são as crianças que sofrem mais. Então, quando as condições são favoráveis, em países diferentes, em tempos diferentes, surge uma crueldade terrível, uma depravação contra a vida e cada homem se surpreende com a profundidade do mal que existe dentro dele. Então, o mal se esconde e espera. É algo que está no nosso coração.

“Sei que você pensa que não regulo bem. Não faz mal. Isto é o que eu sei. A natureza humana, o coração humano, o espírito, a alma, o próprio consciente — chame como quiser — no fim, é o único material que temos para trabalhar. Precisa se desenvolver, expandir, do contrário a soma dos nossos sofrimentos jamais diminuirá. Minha pequena descoberta foi de que essa mudança é possível, temos força para isso. Sem uma revolução na nossa vida interior, por mais lenta que seja, nossos planos grandiosos não têm valor. O trabalho que temos de realizar é dentro de nós mesmos se quisermos algum dia viver em paz com o mundo. Não estou dizendo que vai acontecer. Provavelmente nunca acontecerá. Estou dizendo que é a nossa única chance. Se acontecer, e pode demorar gerações, o bem que vai fluir moldará nossas sociedades de um modo não-programado e não-previsto, sem o controle de nenhum grupo de pessoas ou conjunto de ideias...”



Assim que terminei de ler, o fantasma de Bernard estava na minha frente. Cruzou as longas pernas e uniu as pontas dos dedos das duas mãos formando uma pirâmide.

“Face a face com o mal? Vou dizer o que ela enfrentou naquele dia — um bom almoço e um pouco de fofoca maldosa da cidade! Quanto à vida interior, meu caro rapaz, tente isso com o estômago vazio. Ou sem água limpa. Ou quando tem de dormir num quarto com sete pessoas. É claro que quando todos tiverem uma segunda casa na França... Você pode ver, do modo que vão as coisas neste pequeno planeta superpovoado, precisamos realmente de um conjunto de ideias e ideias muito boas!”

June respirou fundo. Eles estavam ajustando contas...

Desde a morte de June, quando herdamos a *bergerie*, Jenny, eu e nossos filhos temos passado todas as férias aqui. Às vezes, no verão, quando estou sozinho na luz púrpura do começo da noite, na rede sob a árvore de tamarindo onde June costumava descansar, penso em todas as forças históricas e pessoas do mundo, nas enormes e pequenas correntes que se alinharam e combinaram para trazer este lugar para nossas mãos: uma guerra mundial, um jovem casal, no fim dessa guerra, impaciente para pôr à prova sua liberdade, um funcionário do governo e seu carro, o movimento da Resistência, a Abwehr, um canivete, a trilha de Madame Auriac — *doux et beau*, a morte de um jovem num acidente de moto, as dívidas do irmão do pastor, e June encontrando segurança e transformação neste ensolarado pedaço de terra. Mas é nos cães negros que penso com maior frequência. Eles me perturbam quando considero a felicidade que devo a eles, especialmente quando os vejo, não como animais, mas como espíritos de cães de caça, encarnações. June disse que durante toda a sua vida ela às vezes os via, via realmente, na retina, nos segundos antes de adormecer. Eles correm pela trilha no Gorge de Vis, o maior deixando um rastro de sangue nas pedras brancas. Estão cruzando a linha de sombra e penetrando onde o sol jamais alcança, e o amável e bêbado prefeito não vai conseguir organizar seus homens para caçá-los pois os cães estão atravessando o rio no escuro da noite, e subindo do outro lado para atravessar a Causse; e quando o sono chega, eles começam a se afastar dela, manchas negras na luz cinzenta da madrugada, empalidecendo à medida que se aproximam do sopé das montanhas, de onde voltarão para nos atormentar, em algum lugar da Europa, em outro tempo.

FIM

Os lugares mencionados neste romance correspondem às verdadeiras aldeias francesas, mas os personagens a elas associados são inteiramente fictícios e não se assemelham a pessoas vivas ou mortas. A história do prefeito e o próprio prefeito não têm base em fatos históricos.

Correção: Rogério Julio Felicio